



EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA

Acadêmico polivalente, construtor
institucional, gestor e proponente de
políticas educacionais

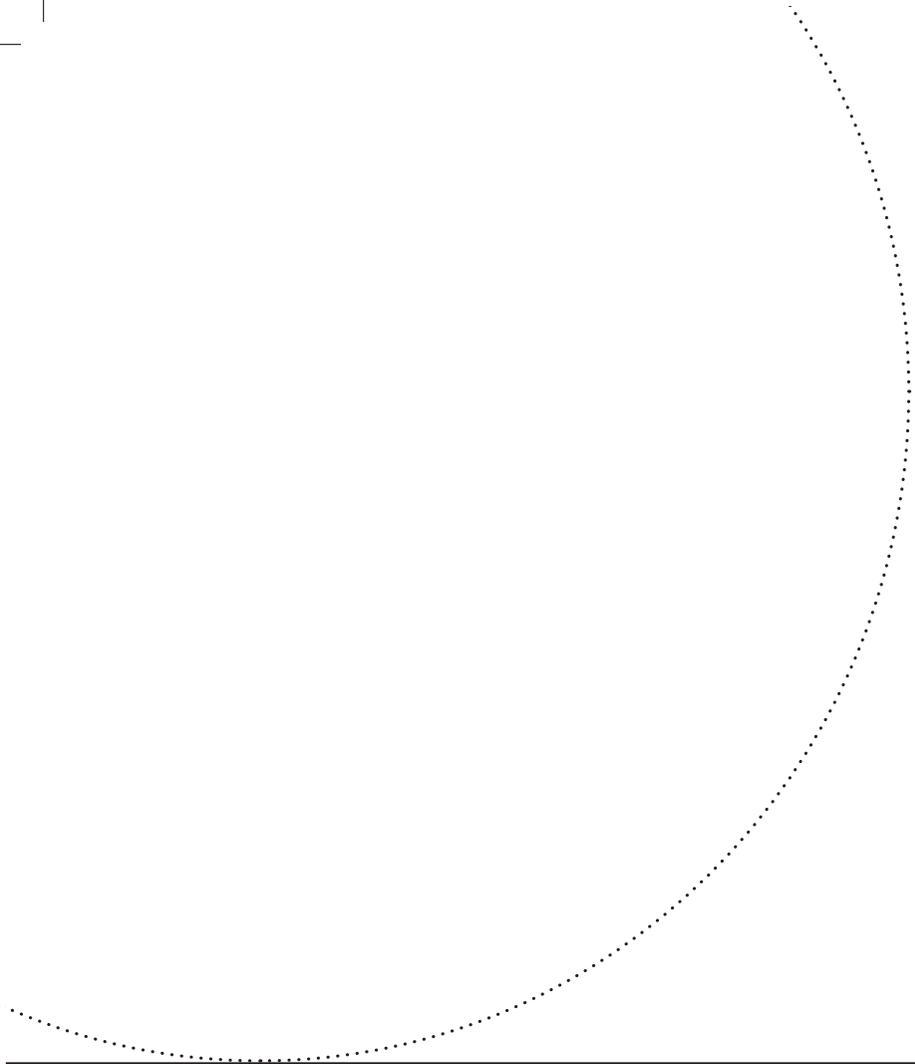
(org. AMILCAR BAIARDI)

EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA

Acadêmico polivalente, construtor
institucional, gestor e propositor de
políticas educacionais

(org. AMILCAR BAIARDI)

Salvador | Bahia | 2020





EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA

Acadêmico polivalente, construtor
institucional, gestor e proponente de
políticas educacionais

(org. AMILCAR BAIARDI)



ACADEMIA DE
CIÊNCIAS DA BAHIA
2020

© ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA

PRESIDENTE DE HONRA

Roberto Figueira Santos

PRESIDENTE

Jailson Bittencourt de Andrade

VICE- PRESIDENTE

Manoel Barral Netto

CONSELHO EDITORIAL

Amilcar Baiardi, Coordenador

Anete Brito Leal Ivo

Flávia Goulart Mota Garcia Rosa

Nidia Maria Lienert Lubisco

Othon Fernando Jambeiro Barbosa

Zelinda Margarida de Andrade Nery Leão

APOIO TÉCNICO

Táclida Riane Rodrigues de França

DIAGRAMAÇÃO

Ana Clélia Rebouças

FICHA CATALOGRÁFICA

Homenageando Edivaldo Machado Boaventura / Amilcar Baiardi (organizador).

- Salvador : ACB, 2020.

116 p.: il.

ISBN: 978-65-990608-0-9

1. Boaventura, Edivaldo Machado - 1933-2018. 2. Educadores - Bahia - Biografia. 3. Vida intelectual.
I. Baiardi, Amilcar. II. Academia de Ciências da Bahia.

CDD 923.7 - 23. ed.

Academia de Ciências da Bahia

Rua Professor Aristides Novis, nº 203, Federação

CEP: 40210-630 - Salvador-BA

Tel. 55 71 31167654

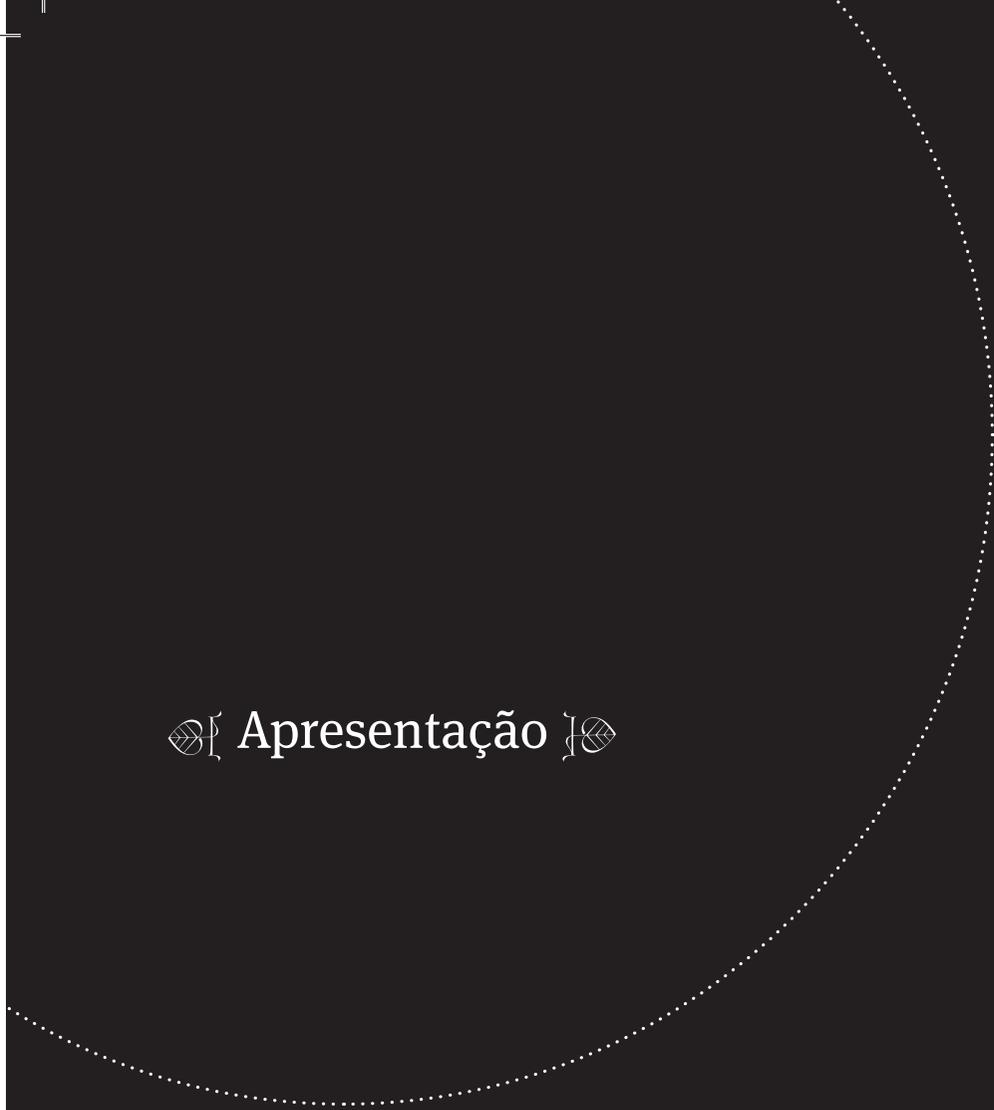
CNPJ 13.729.494/0001-91

www.cienciasbahia.org.br

academiadecienciasdabahia@hotmail.com

Sumário

Apresentação	8
<i>Roberto Figueira Santos e Jailson Bittencourt de Andrade</i>	
Edivaldo e suas várias dimensões: humana, intelectual-pesquisador e construtor institucional	11
<i>Amilcar Baiardi</i>	
Edivaldo como construtor institucional, gestor e proponente de políticas públicas educacionais: uma questão de justiça e reconhecimento	19
<i>Nádia Hage Fialho</i>	
Edivaldo como agregador e animador intelectual	53
<i>Nidia Maria Lienert Lubisco</i>	
Edivaldo e a internacionalização da educação brasileira	59
<i>Dora Leal e Robert Verhine</i>	
O amigo Edivaldo	73
<i>Fernando Cardoso Pedrão</i>	
Edivaldo M. Boaventura: um orientador para a vida	78
<i>Alfredo Eurico Rodrigues Matta e Francisca de Paula Santos da Silva</i>	
A gênese de um semeador de ideias	97
<i>Sérgio Mattos</i>	
Breve relato: falando sobre o pai Edivaldo	104
<i>Lídia Boaventura Pimenta</i>	
Edivaldo, o ser humano	111
<i>Solange do Rêgo Boaventura</i>	
Agradecimento	113
<i>Daniel Boaventura</i>	
Iconografia de algumas homenagens	115



⌘ Apresentação ⌘

EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA:
VICE-PRESIDENTE E MEMBRO FUNDADOR DA ACB

A ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA (ACB) homenageia um dos seus mais destacados membros fundadores, com uma atuação expressiva como vice-presidente e coordenador do Conselho Editorial. Nesta publicação, acadêmicas(os) e familiares juntaram-se para registrar aspectos importantes da vida do ilustre graduado em Direito e Ciências Sociais, doutor em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), aos quais agradecemos a valiosa contribuição, em especial, ao acadêmico Amilcar Baiardi pela organização da publicação.

O registro feito pelo professor Edivaldo na Plataforma Lattes, aqui reproduzido, revela os aspectos que considerava os mais relevantes da sua trajetória acadêmica.

Graduou-se em Direito (1959) e em Ciências Sociais (1968), doutor em Direito e Docente Livre de Economia (1964), pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre (1980) e Ph. D. em Administração Educacional (1981) pela The Pennsylvania State University (Penn State), U.S.A. Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Estagiou e pesquisou no Institut International de Planification de l'Éducation (IPE/UNESCO, 1971/1972). Especializou-se em Économie du Développement, Faculté du Droit et des Sciences Économiques de Paris

(1965) e École Pratique des Hautes Études (Paris 1965). Realizou o Curso de Desenvolvimento Econômico (Sudene/Cepal 1961) e o Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia pela Escola Superior de Guerra (ESG) (1989). Pós-doutorou-se na Universidade du Québec, Montreal (1995). Foi professor emérito da UFBA (2006), professor da Universidade Salvador (Unifacs, 2006). Atuou na área de ensino e pesquisa em Educação Superior, dos Afrodescendentes e História da Educação, e Metodologia da Pesquisa. Com 55 anos de experiência docente, além do ensino, dedicou-se à orientação de teses e dissertações, tendo participado de mais de 150 bancas examinadoras. Integra o conselho editorial de 5 revistas de Educação e Ciências Humanas Aplicadas.

Poucos Professores podem se orgulhar de ter criado uma instituição como a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) ou de ter atuado na criação da Pós-Graduação na UFBA e no Estado da Bahia, em 1968, sob a liderança do então Reitor Roberto Santos.

As várias dimensões de Edivaldo Machado Boaventura são abordadas nesta publicação: humana, intelectual, pesquisador, construtor institucional, gestor, educador, amigo, orientador, semeador de ideias, pai e esposo adorável. Este será um dos legados para os que tiveram o privilégio de conviver com ele e, mais especial ainda, para as próximas gerações!

Roberto Figueira Santos

Presidente de Honra

Jailson Bittencourt de Andrade

Presidente

⊗ Edivaldo e suas várias
dimensões: humana,
intelectual-pesquisador e
construtor institucional¹ ⊗

POR AMILCAR BAIARDI

NOS REUNIMOS NESTA SOLENIDADE para homenagear nosso colega professor, nosso confrade e vice-presidente da Academia de Ciências da Bahia por dois mandatos e, sobretudo, nosso inestimável amigo Edivaldo Machado Boaventura.

Antes de prosseguir, desejaria agradecer aos colegas confrades da Diretoria da Academia de Ciências da Bahia, a oportunidade que me foi confiada, a partir da sugestão da congreira Dora Leal, de ter a palavra para a homenagem a Edivaldo. Aceitei a missão porque a mesma simbolizava, em um outro plano, a possibilidade de retribuir a permanente atenção que Edivaldo me dedicou por quase 40 anos. Conhecia Edivaldo pela fama que já construía como intelectual e pelas passagens que teve anteriormente a ser professor da UFBA em cursos muito conceituados sobre problemas brasileiros e desenvolvimento econômico, no então Instituto Superior de Estudos Brasileiros e na SUDENE, em convênio com a CEPAL. Neste período de sua precoce formação, publicou um livro que chamou a atenção entre os interessados por economia, meu caso, por conter ideias seminais sobre a economia regional, qual seja: “Incentivos ao Desenvolvimento Econômico”. Entretanto, nossa aproximação se dá em 1982, quando Edivaldo, como presidente da banca de concurso para a UFBA à qual submetia meu

¹Discurso em homenagem póstuma da Academia de Ciências da Bahia, ao seu membro fundador e vice Presidente, Edivaldo Machado Boaventura

exame, me parabenizou pela decisão de voltar à Bahia e ingressar na universidade, renunciando a viver no Rio de Janeiro e a continuar trabalhando na FINEP, onde obtinha vencimentos superiores aos de professor universitário. Curiosamente um outro baiano ilustre, o economista Rômulo Almeida, que mensalmente frequentava o Palácio Morumbi para participar do Conselho de Energia do Estado de São Paulo, o qual se reunia na Secretária de Planejamento onde eu trabalhava, também me estimulava para voltar a viver e trabalhar na Bahia. A esses dois renomados intelectuais baianos, devo o estímulo para que regressasse à minha cidade natal e me integrasse à esta casa, a UFBA, “Alma Mater Studiorum” de quase todos nós, como pontuava Edivaldo.

Posteriormente, provavelmente no início dos anos noventa, voltamos a estar próximos quando ele se empenhava para criar o doutorado em educação e, na condição de presidente da Câmara de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa, ajudei na formalização do pleito, com agendamentos e solicitação de pareceres. A partir de então, não ficávamos muito tempo sem comunicarmo-nos e apreciávamos a amizade que também unia nossos filhos, Daniel Boaventura e Camilo Baiardi, ambos amantes do Rock e que integravam bandas e arranjos musicais.

Cerca de cinco anos depois, Edivaldo, à esta altura Diretor Geral do Jornal A TARDE, brindou-me com uma matéria de página inteira do diário voltada para meu livro, “Sociedade e Estado no Apoio à Ciência e à Tecnologia”, que então fora agraciado pelo Prêmio Jaboti. Seu último significativo gesto de deferência à minha pessoa não foi menos simbólico, pois me convidou a prefaciar seu derradeiro livro, “Exercícios de Metodologia da Pesquisa”, colocando-me ao lado de outros prefaciadores de seus livros, como Jorge Amado e o historiador Luís Henrique Tavares.

Tudo o que aqui puder ser dito, pelas minhas palavras e pelas manifestações dos demais presentes, será pouco para nos aproximarmos da realidade, da essência do ser humano, do intelectual e pesquisador e do construtor institucional, que foi Edivaldo. Estas três dimensões, em verdade fatores multivariados de uma imaginária análise fatorial, incorporam tantos atributos e variáveis difíceis de identificar, se faziam presentes no dia a dia de Edivaldo e na sua conduta no ambiente de trabalho, na vida social e na sua vida privada, provavelmente limitando sua disponibilidade para com a família, que, certamente, entendia que ser como era, cidadão do mundo,

lhe fazia feliz. Este doar-se sem limites à produção do conhecimento e ao interesse público, não acontece sem prejuízos na vida pessoal e familiar, o que Edivaldo deixa claro em sua mini-biografia acadêmica, terceira parte do seu livro “Exercícios de Metodologia da Pesquisa”, cap. 12, já referido.

Onde quer que se encontrasse o nosso homenageado estava sempre, permanentemente, desejando saber os temas atuais de pesquisa dos que lhe estavam próximos, indagando sobre que leituras estariam fazendo, relatando as suas experiências e dando elementos para enriquecer o diálogo, sugerindo aproximações, agendando encontros para promoção de novas iniciativas, dispondo-se a ajudar na orientação de pesquisas, dissertações e teses, enfim, mesclando todas as oportunidades de socialização e colocando-as à serviço do avanço e do fomento do saber e de tudo mais que lhe seja conexo.

Um papel especial e particular lhe agradava: o de ser sociabilizador do ambiente acadêmico e alimentador de uma ampla e informal rede de pesquisadores. Fazia isso naturalmente, em geral convidando para um almoço em sua casa o pesquisador que queria introduzir, fosse jovem, fosse estrangeiro ou fosse regresso, estendendo o convite à membros da comunidade científica baiana, que poderiam se interessar pelos temas e pela obra do introduzido. Neste viés de construtor e alimentador dessa rede, fazia uma classificação de amigos e colegas que considerava mais conhecedores de determinado tema para fazer consultas. Fui o escolhido para lhe dar respostas a tudo que desejava adicionalmente saber sobre a Itália e por esta razão, abri uma pasta nos meus HDs à qual dei um título de “Demandas de Edivaldo Boaventura”. Na mesma coleçãoi todas as perguntas que me fez sobre a unificação da Itália, sobre o nascimento do fascismo e sobre a vinda do príncipe do Piemonte, e futuro Imperador Umberto II de Savóia, ao Brasil e à Bahia, e sobre Giuseppe Garibaldi

Edivaldo era dotado, talvez pela influência anglo-saxã decorrente de sua indelével passagem pela Universidade Estadual da Pensilvânia, a Pen-S-tate, daquilo que eu definiria como um pragmatismo brando e muito bem intencionado. Não desperdiçava conversa e após brevíssimos momentos de descontração, nos quais falava de suas viagens, experiências e de vinhos que bebera em vários países, de forma agradável e gentil, levava a interlocução para um plano superior no qual se percebia que alguma coisa iria propor ou sugerir, sempre na linha de contribuir para a ciência, para a cultura, enfim

para propósitos civilizatórios. Este traço de sua personalidade foi descrito por Luís Henrique Tavares no prefácio de “Tempos Construtivos”, parte da trilogia formada também por “Tempo de Educar” e “Pela Causa da Educação e Cultura”, como sendo de alguém que se destacava por ser pertinaz, mas inquieto. Luís Henrique em mais de uma ocasião insiste nesses adjetivos, mas creio que Edivaldo era muito mais. Havia uma determinação, quase obsessão, de ir, concomitantemente, fortalecendo e construindo novas instituições, seja na esfera do Estado, da administração pública, como na esfera da sociedade civil, e não é por acaso que ele estava presente, era atuante, na Academia de Letras da Bahia, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, na Academia Baiana de Educação e na Academia de Letras Jurídicas da Bahia e outros sodalícios nacionais e internacionais. Combinava esta intensa vida laica com engajamento religioso, dando espaço na sua existência para a dimensão espiritual, visto que era Católico e oblato de São Bento, ou seja, um leigo que servia a essa ordem religiosa.

Edivaldo era dotado de elevado senso de compromisso e de responsabilidade. Sua fama de pontual era conhecida, a ponto de não deixar ninguém por ele esperando e também, no limite, a exemplo de Immanuel Kant, levar as pessoas que com ele conviviam a corrigir seus relógios com base nos hábitos e regularidade de Edivaldo. Dispondo de uma memória prodigiosa, nos encontros estava sempre lembrando aos presentes fatos e oportunidades que os envolvia e que os mesmos, em certas circunstâncias, não conseguiam se recordar.

Uma vez estabelecida alguma relação na vida acadêmica, os ex-alunos e ex-orientandos de Edivaldo se constituíam em preocupação constante do mesmo, a quem dirigia aconselhamentos em relação à algum outro estágio de aprimoramento, interesse em outro tema, oportunidades de trabalho etc. Com frequência, sugeria também que procurassem interagir com outros professores e pesquisadores de outros ambientes acadêmicos.

Um outro traço do caráter do nosso homenageado, ressaltado por Jorge Amado em seu prefácio ao livro “Gente da Bahia”, é o despojamento de Edivaldo em relação ao poder. Não utilizou a passagem dele por secretaria de estado ou por outro qualquer cargo de relevo, como trampolim ou degrau para saltos na política partidária, pois, até onde

sei e testemunhei, entendia que poderia servir melhor à sociedade como técnico, como professor, pesquisador e animador cultural.

Uma característica peculiar de Edivaldo era a de se envolver profundamente com suas criações, de não deixar de se preocupar com elas, mesmo que, aparentemente, pudessem caminhar pelas próprias pernas. Isto se deu nos casos da criação da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), do Parque Histórico Castro Alves, e, mais tarde, do Parque Estadual de Canudos. Um caso emblemático é da Universidade do Estado da Bahia, a UNEB. Nosso homenageado, com polidez para não parecer intromissão, esteve sempre e permanentemente enaltecendo eventos e publicações nascidas na UNEB e sugerindo caminhos, diretrizes para que a Universidade se expandisse sem renunciar à qualidade, por todos os rincões do estado, integrando regiões e fomentando a economia. Ao estar como um verdadeiro leitmotiv escrevendo sobre a UNEB, ele tinha uma ideia difusa da importância do ensino superior na conduta racional e na promoção do desenvolvimento, mesmo que não se estivesse formando engenheiros ou técnicos especializados.

Curiosamente, pesquisas no âmbito da administração de empresas revelam que um fator determinante de uma gestão racional e que leve à lucratividade, é dispor de mão de obra com ensino superior, independentemente da licenciatura e do bacharelado ser nesta ou naquela área. É o que em economia da inovação se denomina ‘competitividade sistêmica’, que explica o sucesso da Coréia do Sul que tem cerca de 80% de sua população em idade escolar cursando ensino superior.

Na sua maneira de ser, Edivaldo não criava desafetos e não alimentava conflitos. Nunca soube que tivesse inimizades e que teria gerado antipatias. Era unanimidade em juízos a seu respeito, como uma pessoa sem arestas, o que não significa “abrir mão” de seus sólidos princípios. A tendência a defendê-los, sempre em uma atmosfera de elevada elegância e racionalidade, desarmava os invejosos de seu sucesso, que, por certo, existiam. Conta-se que quando conviveu mais intensamente no Instituto Geográfico com Consuelo Pondé, pessoa conhecida pelo temperamento às vezes litigante, alguém comentou ser ele o único a não ter tido qualquer atrito com a historiadora. Quando lhe perguntaram a razão da convivência tão pacífica, Edivaldo respondeu: ‘É simples, eu não brigo com ela, é ela quem briga comigo’.

Um outro aspecto que vale acentuar na virtuosa personalidade de Edi-

valdo é o fato de nunca, em momento algum, ter sido pedante, presunçoso e dado a autoelogios. Naturalmente seu pedestal de saber diferenciado se estabelecia e com muita humildade defendia seus argumentos, sem pretender impor qualquer autoridade intelectual. Com temperamento tranquilo tratava, às vezes, de temas espinhosos, sem sectarismo e com equilíbrio.

E como não falar de sua capacidade de entrega e de dedicação. Com a mesma responsabilidade e critério participava de bancas de TCC, de defesas de dissertações, defesas de teses, de concursos de titulares etc. Disponha de tempo e agenda para atender a todos, sem distinção. Mesmo sem se ausentar de casa, nos últimos dias que precederam seu falecimento, continuava ativo e com regularidade alimentava sua coluna em A Tarde com temas sobre a educação, sobre personalidades e com incidência maior em algo que dissesse respeito à UNEB, inequivocamente a preferida na sua prole institucional.

Trabalhou com foco na educação até o fim, no limite de suas forças. Continuava ensinando na graduação e na pós-graduação, não pela recompensa pecuniária, mas sim pelo senso de dever. Isto não somente em universidades públicas como UFBA e UNEB, como não públicas como a UCSAL e privadas como a UNIFACS e a Fundação Visconde de Cairú. Nestas organizações, concordava com os papéis que lhe eram atribuídos no ensino de graduação de pós-graduação e na pesquisa, deixando incontáveis amigos e admiradores entre docentes, discentes, diretores e gestores. Nesta trajetória de trabalho e dedicação sem descanso, sem horizonte de interrupção, punha em prática o jocoso comentário que fez quando foi surpreendido pela manifestação de uma auxiliar informando seu desejo de se aposentar: “Aposentar por quê? Para fazer o quê? Quem se aposenta morre, hein! Não podemos parar !!!”

Na viagem complementar que fiz sobre a obra e os misteres de Edivaldo, algo, absolutamente inusitado me chamou a atenção: a atualização do currículo Lattes, no qual figuram dezenas de premiações, quase duas centenas de artigos em periódicos, uma centena de livros e capítulos e mais centenas de outras publicações, alcançando a marca de quase 1000 trabalhos publicados, englobando todos os tipos. Enquanto a grande maioria dos pesquisadores negligencia esta atualização, considera-a entediante chegando a provocar mensagens insistentes dos coordenadores de colegiado de graduação e pós-graduação para que procedam a atualização, Edivaldo,

com regularidade metódica, colocava em dias as informações naquele vastíssimo documento eletrônico que exibia uma produtividade singular em todos os itens, inclusive aqueles que, por viés produtivista, a CAPES valoriza demasiadamente, como a produção em periódicos. Por mais de uma vez me perguntou se sabia qual era o Qualis, desse ou daquele periódico, mas na sua ímpar generosidade acadêmica, submetia seus artigos também a periódicos não tão bem avaliados, com o propósito de valorizá-los.

O lado mundano de Edivaldo não pode ser esquecido, sobretudo o de apreciador de boa comida e de bons vinhos, sendo neste último atributo, também conhecedor. Rara foi a oportunidade de iniciarmos uma conversa sem que relatasse sua última experiência de haver tomado um Barolo, um Barbaresco, um Nebbiolo d'Alba, um Barbera etc., demonstrando, para me agradar, erudição sobre os vinhos do Piemonte, terra de meus antepassados. Nesta linha de expertise recordo-me de um jantar para o qual foram convidados o confrade Olival Freire e eu. No mesmo, Edivaldo pensava apresentar uma proposta relacionada à divulgação da Academia de Ciências em todo o ambiente universitário da Bahia, apresentação que foi feita após um prolegômenos sobre vinhos, seguido de degustação com base em uma maleta que armazenava garrafas em temperatura apropriada. Inesquecível aquela experiência e jamais conheci outra pessoa que para demonstrar sua paixão pelos vinhos dispusesse de tal artefato portátil.

Poderia continuar falando de Edivaldo a partir de outros ângulos pois sua personalidade é amplíssima e sua contribuição à ciência e à cultura da Bahia, do Brasil, e também universal, apenas começa a ser avaliada. Contudo, é ora de juntos agradecermos a ele por tudo que fez e simbolizou em nossas vidas. Obrigado pela atenção.

 Edivaldo como
construtor institucional,
gestor e propositor
de políticas públicas
educacionais: uma
questão de justiça
e reconhecimento 

POR NADIA HAGE FIALHO²

FALAMOS, AQUI, DO PERCURSO DE UM ESTUDIOSO, um pensador, um homem de ação. Um mestre, como era chamado, de modo frequente e carinhoso, por orientandos e orientandas, alunos e alunas, pesquisadores e pesquisadoras – seniores e juniores... Mestre também como construtor institucional, gestor e propositor de políticas públicas educacionais, cujas andanças, minuciosamente contadas, espelham como foi se constituindo gestor e idealizador de organizações e sistemas educacionais.

A homenagem que lhe prestamos contém uma história de convivência, abraça o tema dos sistemas educacionais e da universidade multicampi e se espalha na amizade e parceria acadêmica com Lídia, sua filha e nossa colega na Uneb. Essa universidade nos uniu e foi tema da nossa tese de doutorado³, a qual abordou seis universidades multicampi do Brasil (Uneb, Uesb, Uece, Unesp, Uerj e Udesc). Uma história de muitos enre-

² Doutora e pós-doutora em Educação, Professora Titular Plena, aposentada, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: < nhfialho@uneb.br >; < nadiahfialho@gmail.com >.

³ FIALHO, Nadia Hage. Universidade Multicampi: modalidade organizacional, espacialidade e funcionamento. 2000. 394 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Federal Bahia, Salvador, 2000. Banca examinadora: Edivaldo Machado Boaventura/UFBA-Doutorado Administração Educacional/The Pennsylvania State University, Ana Maria Fernandes/UFBA-Doutorado Planejamento e Meio Ambiente/ Université de Paris XII (Paris-Val-de-Marne), Jacques Jules Sonnevile/UNEB-Doutorado Teologia/Katholieke Universiteit Leuven/Bélgica, Antônio Carlos Bernardo/UNESP-Doutorado Sociologia/UNESP, José Jackson Coelho Sampaio/UECE-Doutorado Medicina Preventiva/ USP e Robert Evan Verhine/UFBA-Doutorado Educação/Universität Hamburg/Alemanha (Orientador). A tese recebeu o 1º lugar na modalidade “Pesquisa” do Prêmio CRUB 2003 - Concurso “Novas formas de organização das universidades para o desenvolvimento nacional. Modelos de universidades regionais e redes de universidades” - Prêmio Lauro Zimmer, e foi publicada, em 2005, pelas Editoras Autores Associados e Plano, sob o título “Universidade Multicampi”.

dos há mais de vinte anos nos liga através do planejamento e da gestão da educação, e das relações entre desenvolvimento e educação no estado da Bahia.

Edivaldo Machado Boaventura caminhou por descampados que iam desde a escuta atenciosa para com as especificidades da pesquisa ao olhar de pássaro que lhe permitia um campo de visão ampliadíssimo sobre questões da educação. Atravessou períodos marcados pelo contexto ditatorial (1964-1985), sobretudo quando, por duas vezes, foi Secretário de Educação do Estado da Bahia, respectivamente, 1970-1971 e 1983-1987. Momentos de um tempo onde aspirações democráticas continuavam a enfrentar raízes autoritárias que impregnavam a educação, como ilustram - ainda hoje - os alcances e as resistências às gestões que o antecederam: Anísio Teixeira (1925-1928 e 1947-1950), Isaías Alves (1938 a 1942) e Luiz Navarro de Brito (1967 a 1969). Na sua caminhada, o mestre Edivaldo pôs em marcha perspectivas liberais e democráticas, encorajadas pelo aprendizado e vivência diligentes pela Bahia, pelo Brasil e muitos outros países.

Como diz o título, a ênfase aqui recai sobre percursos trilhados, itinerários, portos de partida e de chegada, decisões expeditas, em suma, enfatiza a perspectiva metodológica, o como fazer. Um caminho do fazer e do fazer-se que o mestre percorreu, passo-a-passo, aprendendo e ensinando.

UM CAMINHO DO FAZER E DO FAZER-SE

A chegada de Edivaldo à condição de Secretário de Educação do estado da Bahia é lugar de destaque à sua condição como construtor institucional, gestor e propositor de políticas públicas educacionais. Assumiu a Secretaria, por primeira vez, em 1970-1971:

“Estava nas funções de assessor-chefe da Universidade [Ufba], inteiramente absorvido com os problemas da reestruturação e reforma da Universidade, quando Luiz Navarro de Brito indicou-me ao governador Luiz Viana Filho para substituí-lo, na Secretaria de Educação e Cultura⁴; e, à ela retornou, em 1983-1987: Dentro do estímulo das diretrizes do Governo Joao Durval Carneiro para a atenção aos municípios e interiorização do desenvolvimento, estamos expandindo sensivelmente o 3º grau no interior do Estado”⁵.

É fundamental registrar, entretanto, que esses dois momentos foram antecedidos pela persistente dedicação do mestre a processos formativos, nos quais ele reunia o magistério, a pesquisa, a incumbência em integrar e dirigir equipes, comissões etc., como a dizer que a formação não pode restringir-se ao aperfeiçoamento acadêmico e que a formalização da formação não é a única via – por vezes nem a principal – para a qualificação profissional. Portador de variadas experiências na área da administração e da gestão da educação, um breve apanhado do seu percurso é suficiente para demonstrá-lo. Percurso que fez também de modo muito peculiar, beirando ao incomum: a relevância atribuída à parceria com colegas; a valorização ao trabalho em equipe; o compartilhamento com educadores e profissionais de referência. Uma trajetória matizada pela diversidade e pela simultaneidade, na qual alinhava teoria e prática. Sobre sua compreensão acerca de processos formativos, deixou-nos uma frase memorável - Toda premiação é pedagógica⁶ - mesmo diante das inúmeras honrarias recebidas⁷.

Transitando, com folga, entre territórios e identidades, seu currículo atesta numerosas personalidades e instituições sobre as quais se pronunciou e ou dirigiu saudações. Edivaldo Machado Boaventura figura, nos enlances da erudição, conhecimento e sabedoria, como um dos seus mais clássicos representantes. E assim foi como docente e pesquisador, dedicando-se à graduação e à pós-graduação, cobrindo considerável lastro temático que aviva os muitos assuntos da gestão e das políticas da e para a educação. Lições do mestre que ficaram para os dirigentes educacionais que lhe sucederam e para os que ainda vão se deparar com o exercício de funções de alta responsabilidade como o compromisso com a gestão e as políticas educacionais. Fartos e valiosos, os registros deixados pelo mestre Edivaldo, cuidadosamente reunidos e disponibilizados em publicações várias, são referência irrefutável acerca da educação na Bahia e das políticas públicas a ela associadas.

Das muitas âncoras fincadas ao longo da sua caminhada (Direito, Administração, Economia, Ciências Sociais, Educação...), o mestre Edivaldo

⁴BOAVENTURA, Edivaldo Machado. Memória de um professor e momentos da carreira docente. Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 29, p. 185-200, jan./jun., 2008. (p. 192).

⁵BOAVENTURA, Edivaldo Machado. Tempo de Educar. Salvador: Secretaria de Educação e Cultura, 1987 (p. 57).

⁶BOAVENTURA, E. M. Tempo de ... (p. 181).

⁷Curriculo disponível na Plataforma Lattes em: < <http://lattes.cnpq.br/6025485838331204> >.

expõe experiências acadêmicas e profissionais muito sintonizadas - ou mescladas (difícil definir...) - com a sua perspectiva de formação. Impossível elencar, aqui, os nomes de tantos que destacou, as atividades que empreendeu ou participou, as universidades e sistemas de educação que visitou, referências que se espalham pelo Brasil e outros países como Bélgica, Canadá, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Inglaterra, Itália, Portugal, Suíça ... Desse modo, impelidos pela necessária síntese, as passagens a seguir apenas ilustram, levemente, como foi se delineando o itinerário do mestre como construtor institucional, gestor e proponente de políticas públicas educacionais.

Em ligeiras passagens, relembramos Feira de Santana, município baiano onde nasceu, e a vinda para a capital Salvador, onde cursou o então secundário (Colégio Antônio Vieira); a graduação em Direito (1955-1959) e em Ciências Sociais (1954-1968), pela Universidade Federal da Bahia (Ufba); o Aperfeiçoamento (1959-1961) em Desenvolvimento Econômico, pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene); na Ufba, também, o doutorado em Direito (1960-1964) com a tese Incentivos ao desenvolvimento regional, sob orientação de Aderbal da Cunha Gonçalves e a Livre-Docência (1964) em Economia Política; na França, a Especialização (1964-1965) em Développement Économique Latino Américain, École Pratique des Hautes Études (EPHE), a Especialização (1964-1965) em Economie du Développement. Faculté de Droit et des Sciences Économiques de Paris (FDSE) e a Especialização (1971-1972) no Programme de Formation des Stagiaires, Institut International de Planification de L'Éducation Unesco (IIPE); nos Estados Unidos, com bolsa CAPES, pela Pennsylvania State University e sob orientação de Patrick Lynch, a titulação do Mestrado (1978-1980) com o tema *The legal framework of brazilian education: a tentative classification of school law sources with some comparisons to American School Law, and its application to teaching educational administration in Brazil*, e a do Doutorado (1978-1981) com a tese *A study of the legal functions and responsibilities of the State Council of Education of Bahia, Brazil, from 1963 to 1975*; no Canadá, como bolsista do Governo do Québec, o pós-doutorado (1995-1995), na Université du Québec (UQAM).

Da sua passagem pela Sudene (1961-1963) destacou o interesse pela Economia do Desenvolvimento, que embasou atuações como docente e membro de equipes em programas de Desenvolvimento Econômico e So-

cial (posteriormente denominado Planejamento Governamental), entre os quais os que contavam com o apoio da Fundação Ford, com foco em problemas peculiares à gestão do Estado e dos governos locais na Bahia, integrando equipe com José Rodrigues de Sena, João Eurico Matta, Jorge Hage Sobrinho João Eurico Matta, Rômulo Galvão, Margarida C. Batista, José C. Dantas Meirelles, João Ubaldo Ribeiro, Perseu Abramo, Jorge Santos Pereira, Fabrício Soares, Aristides Oliveira, José Osório Reis, Nelson Sampaio, Maria de Azevedo Brandão⁸.

Atribuiu a Zitelmann Oliva, chefe de gabinete⁹ a sua aproximação com o então reitor Miguel Calmon (1964-1967) e, desses tempos, registrou a sua colaboração com a missão consultiva da Unesco liderada pelo professor J. Lauwerys, da Universidade de Londres; o ex-reitor I. Lussier, da Universidade de Montreal; e o professor D. Kuenen, da Universidade de Leyden, nos Países Baixos (1967)¹⁰. No reitorado de Roberto Figueira Santos (1967-1971), assumiu os trabalhos de implantação da Assessoria de Planejamento da Ufba, com atribuições na sua reestruturação; nesta tarefa, participou decididamente da departamentalização, da distribuição do pessoal docente, do primeiro acordo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que possibilitou a construção do campus da Federação. Tive em doutor Roberto Santos o meu primeiro professor-orientador. A assessoria de planejamento contou com Zahidé Machado Neto, Ana Maria Messeder, Maria José Gonçalves, Romélia Santos, Etienne Du Val, a estagiária Maria Tereza Marcílio e os responsáveis pelas estatísticas da Universidade, José Figueiredo Leal de Araújo e José Hailton Brito¹¹; exerceu funções de coordenação da reforma universitária da Ufba (1968-1970) e também como diretor da assistência aos estudantes. Desse período, o mestre registrou ainda: Em 1968, passei a integrar o Conselho Estadual de Educação, a convite do secretário Luiz Navarro de Brito, no governo Luiz Viana Filho¹².

A reforma universitária introduziu alterações na vida universitária, a exemplo do vestibular unificado e a matrícula centralizada: ...

⁸ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 188).

⁹ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 191).

¹⁰ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 191).

¹¹ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 192).

¹² BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 191).

Experimentamos, conjuntamente, no computador da Ufba/ Petrobrás, com o reitor Roberto Santos, os professores Fernando Macedo Costa e Ernani Sobral e o engenheiro Paulo¹³ Tavares, como seria a programação dessa matrícula. E assim nascia, funcionalmente, a Secretaria Geral de Cursos conforme portaria que eu redigi. Tempos heroicos aqueles da implantação da reforma, intensivos em aprendizagem¹⁴.

Participou do programa da Organização Universitária Interamericana (OUI), na Harvard Summer School, como docente, em 1967, juntamente com outros professores, como Constantino Comninos, da Universidade Federal do Paraná, e Armando Souto Maior, da Universidade Federal de Pernambuco. A OUI era liderada por Middie Sage, Patrícia Bildner, Elisabeth Washburne e seus conferencistas, nomes do primeiro ranking, David Riesmann, Rosendant-Rodan, Paul Samuelson e muitos outros¹⁵.

Integrou o processo de criação da Faculdade de Educação da Ufba (instalada em 1969), destacando Leda Jesuíno dos Santos à frente, Antônio Pithon Pinto, Luiz Rogério de Souza, José Tobias Neto, Raymundo José da Matta, Dilza Maria de Andrade Atta, Zilma Gomes Parente de Barros, Alice Costa, Joselice Macedo de Barreiro, Alda Pepe, Luiz Felipe Perret Serpa, Hermes Teixeira de Melo, Jandira Leite Simões e tantos outros¹⁶. Como decano, foi seu diretor, de agosto a novembro de 1988.

Como gestor acadêmico na Ufba, dentre outras atuações, foi membro do Conselho de Coordenação do Ensino, Pesquisa e Extensão, de colegiados de graduação, de programas de pós-graduação, da extensão e da administração acadêmica, chefe de departamento, primeiro coordenador do Curso de Pedagogia, coordenador do Mestrado em Educação, tendo como vices Joselice Macedo de Barreiro e Giselda Moraes, sucedendo a Maria de Azevedo Brandão¹⁷; e conduziu o projeto de Doutorado em Educação, o primeiro do Nordeste, ...

¹³ Aqui há uma dúvida a esclarecer: o texto de Edivaldo refere-se a Paulo Tavares, mas há indicações de pessoas que conviveram nesse período de que poderia ter sido Pedro Tavares

¹⁴ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 192).

¹⁵ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 190).

¹⁶ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 191).

¹⁷ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 194).

“com o apoio das diretoras e vices Jandira Simões e Dilza Atta, da saudosa Lucila Magalhães e Ana Cristina Wortmann Liberato. Em novembro de 1991, o instalei e fiz-lo funcionar com a seleção. A Faculdade de Educação completou com o doutorado o último nível da educação formal¹⁸”.

Ensinou na Ufba (Faculdade de Direito, na Escola de Administração e na Faculdade de Educação), na Universidade Salvador (Unifacs), na Faculdade Visconde de Cairu (FVC), na Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc), no Centro de Estudos da Pós-Graduação Olga Mettig (Cepgom), na Université du Quebec (UQAM), na Escola de Serviço Social da Universidade Católica do Salvador, na Escola de Estatística da Bahia... Das disciplinas sob seu encargo, destacaram-se temas variados, como metodologias da pesquisa; pesquisa em educação; gestão da educação; direito administrativo; economia política; teoria geral de sistemas; estrutura e funcionamento da educação superior; estrutura e funcionamento da educação no Brasil; sistemas de ensino; política educacional; direito e desenvolvimento; educação, cultura e capoeira; gestão universitária; legislação do ensino; análise de sistemas educacionais; afrodescendência, educação à distância ... Trajetória à qual somou orientações à teses, dissertações e trabalhos de conclusão de cursos de graduação; publicações de artigos em periódicos, de livros e capítulos de livros; participação em bancas de mestrado e doutorado - defesa e qualificação -, bancas de progressão funcional de professores universitários e de concursos públicos, e em eventos nacionais e internacionais com publicações em anais e /ou apresentação de trabalhos...

Ajudou a criar a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), juntamente com Juracy Marques, Dermeval Saviani, Joel Martins, Jacques Veloso, Stélio Dias¹⁹.

Contou-nos, ainda: ...

“Participo da linha de pesquisa que ajudei a definir por influência da Anped sobre Política e Gestão da Educação com os colegas Robert Verhine, Kátia Freitas, Celma Borges, Dora Leal

¹⁸ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 196).

¹⁹ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 194).

Rosa, Wellington Aragão, Robson Tenório, José Albertino Lordelo, Sara Martha Dick, Maria Couto. Colaborando com colegas como Iraci Picanço, Mary Arapiraca e Nelson Pretto e com os departamentos, especialmente o de Educação Física, atuei como orientador de vários colegas, como Orlando Hage, Fernando Espírito Santo e Hélio Campos. Com vivo interesse na educação dos afrodescendentes e nas ações afirmativas, trabalho com a professora Maria de Lourdes Siqueira, doutora pela Universidade de Paris²⁰”.

Das experiências profissionais recolheu reflexões que motivaram estudos, pesquisas, publicações acadêmica ou técnica, além de conferências, palestras, entrevistas etc. Por exemplo, contribuiu com volumes sobre Desenvolvimento[...], Governo e desenvolvimento [...] e inúmeros artigos, publicados na parte cultural do Boletim Informativo da Ufba [...], que antecedeu a revista Universitas e na Revista da Associação Comercial da Bahia [...]; A reforma me interessou vivamente e passei a escrever uma série de artigos sobre a educação superior, universidade e sua reforma, para o jornal A Tarde, a partir de 1966²¹; no seu retorno à Harvard, em 1969, fez palestra sobre as funções da universidade em mudança com base nas experiências com a reforma da Ufba, em evento com os palestrantes Dalmo Abreu Dallari, da Universidade de São Paulo (USP); Francisco Ferraz, mestrando de Ciência Política em Princeton e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Henrique Hatner, da Universidade de São Paulo (USP)²². No retorno à França (já como professor titular e com a experiência de Secretário de Educação), retomou essas experiências para pensar a educação na Bahia: ...

“voltei outra vez à França, não nos quadros universitários, mas para estágio e pesquisa no Instituto Internacional de Planificação da Educação (IPE), de 1971 a 1972, criado pela Unesco. O trabalho conclusivo intitulou-se L'enseignement supérieur à

²⁰ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 197).

²¹ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 190).

²² BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 190).

Bahia: étude de la réforme, de l'évolution des effectifs et du financement de l'Université Fédérale de Bahia au Brésil [...] era o momento em que a Unesco discutia a década do desenvolvimento da educação. Pude trabalhar com os educadores Raymond Poignant, Claude Tibi, Gabriel Caron, Jacques Hallack e conviver com colegas da África, Ásia e Américas²³”.

Foi nesse ritmo – e de modo frequentemente emparelhado –, que assumiu tarefas acadêmicas e funções de assessoramento, coordenação, direção, imbuído de um fazer, pensar, refletir, propor e implantar como um círculo, sem pontos de partida nem pontos finais. Em movimento encíclico, questões sobre o acesso à educação, distribuição das oportunidades educacionais e estruturação de um sistema de educação para a Bahia preencheram suas reflexões muito além do só pensar (por si só, já uma grande tarefa).

UM SISTEMA DE EDUCAÇÃO PARA A BAHIA

Para o mestre Edivaldo, “No exercício do cargo de Secretário, há dois tipos de direcionamento político-administrativo que caracterizam as duas funções da Secretaria – ação direta na educação e o apoio às iniciativas culturais²⁴.” Essa visão fala-nos de um contexto (à época, Educação e Cultura integravam a mesma pasta) e também aponta para a responsabilidade prioritária do Estado quanto à educação, para a orientação política e administrativa inerente ao cargo e para a articulação entre educação e cultura.

Numa tentativa de explicitar o cenário com qual se deparou o mestre Edivaldo ao assumir a condição de Secretário da Educação do Estado, determinantes circunstanciais de variados matizes acabaram por propiciar a reunião de um grupo especial de intelectuais, professores e pesquisadores em torno das questões educacionais da Bahia. De múltiplas formas, ideias sobre a educação pública e o desenvolvimento da Bahia foram compartilhadas, ensejando reflexões, saberes e ações para o avanço do conhecimento sobre as problemáticas educacionais, sociais e econômicas de então e para sua projeção nos anos seguintes. Esse ambiente promoveu ou intensificou relações do mestre Edivaldo com duas grandes referências da educação na

²³ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p. 193).

²⁴ BOAVENTURA, E. M. Tempo de ... (p. 14).

Bahia: Anísio Teixeira e Luiz Navarro de Britto. Ainda que não se colocassem em sequência, como um desdobramento, e se diferenciavam pelas ênfases atribuídas à escola pública (Anísio), à relação educação e desenvolvimento (Navarro), ao sistema educacional (Edivaldo), foram relações que contribuíram muito para o conhecimento da realidade educacional da Bahia e seus desafios, para o delineamento das perspectivas institucionais de gestão e para a formulação de políticas públicas correspondentes.

A relação do mestre Edivaldo com Anísio e com Navarro era de profunda admiração e convívio afetivo. Referia-se a Navarro como o saudoso amigo desde o tempo de colégio e se estendia ao convívio familiar e acadêmico: ..

“Em função do doutorado que implantei, os professores Denise e Marcel Lavallée indicaram-me para realização de estudos e observações sobre doutorado, na Universidade de Quebec, em Montreal (UQAM). Tive como partners os professores Gérard Lucas e Pierre-Yves Paradis. Somei o apoio de Maria Tereza Navarro de Brito Mattos, filha de Emília Maria e do saudoso amigo desde o tempo de colégio, Luiz Navarro de Britto. Maria Tereza fazia o mestrado na Universidade de Montreal, depois eu a orientaria na tese sobre memória institucional e gestão universitária”.

No seu depoimento sobre Anísio, o mestre Edivaldo falou-nos da correspondência entre ambos, deu-nos a conhecer cartas então recebidas (Rio, de 13 de dezembro de 1968; Rio, 22 de maio de 1969) e deixou-nos suaves registros:...

“A primeira vez que eu vi Anísio Teixeira foi ainda no tempo do Colégio Antônio Vieira. Como aluno, formava alas para a passagem das autoridades que acompanhavam o ministro da Educação, Clemente Mariani, em visita aos jesuítas. Logo que o secretário de Educação entrou no recinto, foi acompanhado pelo padre Manuel Rufino Negreiros, professor de História e Geografia. Todos nós, estudantes, já sabíamos que o Dr. Anísio tinha sido distinguido aluno do Vieira. Era, portanto, um

dos “nossos”²⁵. [...] Anos depois, fui, cada vez mais, tomando conhecimento de sua figura singular de educador, de sua obra²⁶... [...] A investidura na função de conselheiro da Educação, em 1968, fez com que essa aproximação fosse mais cerrada. A companhia de dona Carmem Spínola Teixeira, sua irmã, intensificou mais ainda a aprendizagem pelas referências constantes ao pensamento do irmão. De igual modo, a convivência com Raimundo José da Matta, Luís Henrique Dias Tavares, Hildérico Pinheiro de Oliveira, José Tobias Barreto, Alberto Venâncio Filho, Newton Sucupira e tantos outros que trabalharam ou conviveram com ele foi para mim enriquecedora de referências. A autoridade educacional que eu vira de longe na minha adolescência, no Colégio, ia ficando cada vez mais próxima, mais conhecida e mais admirada, pela leitura dos seus trabalhos e pelo depoimento dos coevos²⁷.”

Relatou, também, momentos que compartilhou com ambos, Navarro e Anísio: ..

“Recordo um episódio ocorrido na Secretaria de Educação da Bahia, em maio de 1967, com a participação de Luiz Navarro de Britto, Hildérico Pinheiro de Oliveira, Maria Isabel Bittencourt de Oliveira Dias, Luís Henrique Dias Tavares e outros membros do staff. Anísio viera para a Conferência Nacional de Educação, ocorrida na reitoria da Universidade Federal da Bahia. O secretário Navarro de Britto aproveitou a oportunidade para levá-lo à Secretaria e ouvi-lo sobre o renovador trabalho que se empreendia no governo Luís Viana Filho. Ali falou livremente sem pauta e sem agenda²⁸. Quando da Reunião Conjunta dos Conselhos de Educação, Federal e Estaduais, em dezembro de 1968, fomos ao Rio, juntamente com Alexandre Leal Costa,

²⁵ BOAVENTURA, E. M. O Anísio Teixeira que eu conheci. Revista da FAEEBA. Salvador, n.5, Seção Depoimento, jan./jun. 1996. p.5-16. (p.2)

²⁶ BOAVENTURA, E. M. O Anísio ... (p.3)

²⁷ BOAVENTURA, E. M. O Anísio ... (p.2)

²⁸ BOAVENTURA, E. M. O Anísio ... (p.2)

Raymundo Matta e outros conselheiros. Deliberamos visitá-lo, no seu escritório, na Companhia Editora Nacional, rua Benjamin Constant, 30/32. Foi muito importante essa visita porque pude ter o primeiro contato mais próximo e também porque aprendi o caminho do seu escritório²⁹.

Muitas das ideias por eles defendidas, entretanto, não combinavam com interesses de então da elite oligárquica conservadora baiana, cujas raízes asfixiavam políticas públicas de caráter democrático, as quais se enrijeceram com o peso do despotismo instaurado nos anos de 1964 a 1985. Olhando para a história da educação na Bahia tem-se a impressão de uma passarela de solavancos na qual, a cada pincelada em tom democrático, erguem-se resistências que as tolhem ou descartam, sem qualquer apreciação, análise ou avaliação. Lembramos, por exemplo, que as gestões dos secretários Anísio e Navarro foram entremeadas pela assunção de Isaías Alves de Almeida na Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública (1938-1942), reforçando o ideário da educação autoritária (MELLO, 2015), além de terem sido interrompidas pela intimidação, explícita ou não, que ambos sofreram: Anísio, após sua atuação no governo Góis Calmon (1925-1928), deixou o governo Vidal Soares (1928-1930) por não encontrar condições para levar adiante as propostas então formuladas (TAVARES, 1968); de novo Anísio, já no governo Otávio Mangabeira (1947-1951), enfrentou ferrenha crítica por sua defesa à escola pública e diretrizes para a reestruturação da educação na Bahia, levando-o a requerer sua exoneração como Secretário de Educação e Saúde onde, a pedido do então governador, permaneceu até início da década de 1950 (NUNES, C., 2000); e Navarro, que deixou, em 1969, o governo Luís Viana Filho (1967-1971), convidado a sair do cargo de secretário de educação, ocasião em que fez a indicação do mestre Edivaldo para substituí-lo. Em carta, datada de 10/05/1990, dirigida ao Cardeal Arcebispo Primaz, Dom Lucas Moreira, o próprio Luiz Viana Filho disse:...

“Para não me alongar, pediria licença para lembrar apenas o que se fez em Salvador, no breve período de 1967 a 1971, inicialmente

²⁹ BOAVENTURA, E. M. O Anísio ... (p.3)

*sob a segura e dedicada colaboração do professor Navarro de Britto, a quem tanto deve a educação, e, posteriormente, sob a orientação do professor Edivaldo Boaventura, continuador das mesmas aspirações iniciais*³⁰.”

Anísio³¹ e Navarro³² continuaram a sofrer pressões e perseguições, em decorrência das ideias formuladas quando Secretários de Educação, e acabaram por afastar-se da Bahia e do Brasil. Esses acontecimentos falam do contexto em que se deu a primeira nomeação do mestre Edivaldo na Secretaria de Educação e dos muitos desafios da tarefa então assumida: Tinha toda uma programação a executar: complementação dos centros integrados de educação, implantação das faculdades de formação de professores e dos ginásios polivalentes, criação da Universidade Estadual de Feira de Santana, criação do Parque Histórico Castro Alves, instalação da Casa Afrânio Peixoto e outras construções e equipamentos a instalar³³.

Laborioso e aplicadíssimo sempre, o mestre Edivaldo revisitou documentos sobre as políticas educacionais da Bahia e fez destacar o período 1968 a 1984 que, na sua perspectiva, caracterizou-se pela [...] preocupação prioritária [...] de expandir as oportunidades de ensino através da ampliação da rede escolar. Algumas especificidades podem ser determinadas (1) pelo momento histórico caracterizado pela ideologia do desenvolvimento, (2) pela reorientação da política educacional definida pelo governo federal e (3) pela queda de credibilidade nos planos como instrumentos administrativos e de mudanças³⁴. Esse período correspondeu aos governos militares (que tiveram início em 1964 e se encerraram em 1985) e às no-

³⁰ BOAVENTURA, E. M. (Org.). Homenagem a Luiz Viana Filho. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1991. (p. 413).

³¹ Relatórios e laudos periciais sobre a morte de Anísio, em 1971, indicam ter sido alvo de assassinato pelas forças do regime militar (ROCHA, 2019); Vídeos: (01 < <https://www.youtube.com/watch?v=EUvplqhR3eE> >; (02) < <https://www.youtube.com/watch?v=Hd49q8FDF18> >; e (03) < <https://www.youtube.com/watch?v=EUvplqhR3eE> >; JOSÉ, Emiliano. O assassinato de Anísio Teixeira. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-assassinato-de-anisio-teixeira-2603.html> >.

³² “[...] Dr. Luiz Navarro de Britto, perseguido pelo regime (apesar de haver sido assessor imediato do presidente Castello Branco!) [...]” (SOUZA, 1991, p. 163). À época do Governo Waldir Pires (1987-1989), estava cotado para assumir a Secretário de Educação do estado da Bahia; entretanto, Navarro veio a falecer em 1986, a bordo do avião em que viajava de Paris a Nova Iorque, quando se dirigia para uma reunião da Organização dos Estados Americanos (OEA) em Washington, da qual era diretor do Departamento de Educação (FGV, CPDOC). Disponível em < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/brito-luis-navarro-de> >.

³³ BOAVENTURA, E. M. Memória ... (p.192)

³⁴ BOAVENTURA, E. M. Tempo de ... (p. 21).

meações de governadores³⁵, nos estados. Cobriu, na Bahia, os governos e respectivos secretários de educação³⁶: Antônio Lomanto Jr. (7/04/1963 a 7/04/1967) e secretários Luís Soares Palmeira, Paulo Américo de Oliveira, Eduardo Bizarria Mamede e Alaor Coutinho; Luís Viana Filho (7/04/1967 a 15/03/1971) e secretários Luís Augusto Fraga Navarro de Britto e Edivaldo Machado Boaventura; Antônio Carlos Peixoto Magalhães (15/03/1971 a 15/03/1975) e secretários Rômulo Galvão de Carvalho e Kleber Pacheco; Roberto Figueira Santos (15/03/1975 a 15/03/1979) e secretários Carlos Correia de Menezes Sant'Anna e Mário Neto; Antônio Carlos Peixoto Magalhães (15/03/1979 a 15/03/1983) e secretários Eraldo Tinoco Melo e Kleber Pacheco; e João Durval Carneiro (15/03/1983 a 15/03/1987) e secretário Edivaldo Machado Boaventura.

Na primeira nomeação como Secretário de Educação e Cultura do Estado da Bahia, o mestre Edivaldo, tomou como referência o Plano Integral de Educação e Cultura 1968-1971 – consagrado como PIEC, então proposto por Navarro de Britto – deixando-nos suas considerações e reconhecimento³⁷:...

“Este plano veio antecedido de amplo diagnóstico das potencialidades municipais e regionais. Com meta explicitada – educação é desenvolvimento – associou-se à estratégia básica do plano a teoria dos polos de desenvolvimento. O Plano Integral assentou-se em três princípios básicos: a incorporação dos efetivos alfabetizados do estado, das crianças, dos jovens e adultos desatendidos pela ação educativa; (2) valorização do mestre, mediante uma apropriada seleção e formação, bem como pela criação de um conjunto de condições de trabalho que elevasse, substancialmente, sua condição socioeconômica; e (3) a criação

³⁵ “Logo depois da promulgação do Ato Institucional (nº 1), de 1964, cassados vários mandatos de Governadores e Vice-Governadores, a eleição regular seguinte, em 1965, foi direta para alguns Estados, trazendo revezes eleitorais para o Governo militar que, logo em seguida, pelo Ato Institucional nº 3, de 1966, tornou indiretas essas eleições. [...] A eleição indireta para Governador, que vinha desde 1965, desapareceu com a EC-15, de 1980, voltando a ser direta, por voto secreto e sufrágio universal, para mandato quadrienal.” (REIS, Palhares Moreira. Eleições diretas e indiretas no Brasil. Revista de Informação Legislativa. Brasília, ano 34, n.º, 136 out./dez. 1997. (p. 115-130). (p. 126). Disponível em: < <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/298/r136-11.pdf?sequence=4> > .

³⁶ NUNES, Antonietta. d'Aguiar. Disponível em: < http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/2_Pombalino/governadores_estado_bahia_republica.htm > . Registramos que no site da Secretaria de Educação não foi localizada a relação dos Secretários que ocuparam a pasta.

³⁷ BOAVENTURA, E. M. Tempo de ... (p. 21-22, 66).

e manutenção de infraestrutura escolar adequada à demanda de educação presente e futura, em todos os níveis de ensino”.

Ao assumir, pela segunda vez, a função de Secretário da Educação, cuidou da elaboração do Plano de Educação e Cultura do Estado da Bahia 1984-1987³⁸, no qual destacou³⁹: I – Princípios da Política de Educação e de Cultura (A formação integral do Homem; Volta ao Básico; Democratização da Educação e da Cultura; Valorização da Identidade Cultural; Modernização administrativa); II – O Planejamento da Educação na Bahia (O Planejamento da educação e da Cultura na Bahia de 1968 a 1984; Plano Integral de Educação e Cultura 1968/1971; Plano Estadual de implantação do Ensino de 1º e 2º graus 1972-1974; Plano Estadual de Educação 1978-1981; Desafios da Educação e Cultura no Estado da Bahia 1979-1983; Plano de Educação e Cultura do estado da Bahia 1984/1987); III-Programação da Educação e Cultura 1984-1987 (Programa estratégico; Programa especial; Programa de ações básicas; IV-Programa Estratégico; V- Programa Especial (Educação continuada; Educação pré-escolar; Utilização de tecnologias para a educação e a cultura; Ensino de 2º grau; Educação Superior).

Mas, sentiu, também, o desafio do planejamento e da execução, em face da conturbada relação entre os níveis estadual e federal, no período 1979-1983: ...

“Esse documento de política educacional e cultural norteia o quadriênio 79/83, contendo pressupostos e diretrizes gerais, tendo sido elaborado numa fase de descaracterização do planejamento, evidenciada a partir da segunda metade dos anos 70, quando imperava, a nível federal, a convicção de que o gigantismo dos projetos produziria efeitos positivos sem, contudo, importar na necessidade de quantificação e avaliação de sua viabilidade socioeconômica⁴⁰”.

³⁸ Esclarece, o mestre Edivaldo: “Lembramos, aqui, os esclarecimentos prestados, no próprio texto, pelo mestre Edivaldo: “As diretrizes gerais do Governo João Durval já vinham orientando a política educacional no setor da educação e da cultura, todavia, o processo de maturação, a transformação da estrutura legal e a discussão com as bases administrativas e políticas ocuparam a Secretaria durante mais de um ano. Daí porque a conclusão da elaboração e plano se deu em meados de 1984.” (BOAVENTURA, E. M. Tempo de ... (p. 23).

³⁹ BOAVENTURA, E. M. Tempo de ... 1987. (p. 19-30, 66)

⁴⁰ BOAVENTURA, Edivaldo Machado. Tempo de ... (p. 23).

Foi nesse período que se deu a concretização de um dos seus maiores projetos: a criação da Universidade do Estado da Bahia, a Uneb, núcleo estruturante para um sistema de educação que articulava educação básica e educação superior, e a distribuição regional das oportunidades educacionais. Tempos de avanços, sim, mas tempos que também traziam o testemunho do descaso à educação superior na Bahia⁴¹: Recordo os desafios da sua criação: o indiferentismo do Ministério da Educação, a falta de apoio federal, a necessidade de formar professores no interior [...]⁴²;

“Implantação marcada pela luta em busca da autorização de funcionamento. Etapa dura e decisiva, árdua e muito difícil. Mas a instituição não parou de funcionar e de se expandir enquanto aguardava a oficialização. O ato de criação foi perfeito e acabado e emanou dos poderes que tem um estado-membro para organizar a sua educação. De logo, posso adiantar que a obtenção da autorização foi o maior conflito desses dez anos. Dialeticamente, a autorização foi muito importante porque impediu que se destruísse a UNEB⁴³”.

E, nesse aspecto, bastam poucos recuos na história para demonstrar a crítica, incisiva, ao anacronismo das políticas e à inércia dos dirigentes no trato da educação também presente em Anísio e Navarro. Assim, falou-nos Anísio, em 1953⁴⁴:

⁴¹ Em estudo sobre o Censo da Educação Superior 2009 (FIALHO, 2011), encontramos estados com grande expansão da oferta pública por via do sistema estadual (Ex.: Paraná, com 7 universidades estaduais: UEL, UEM, UEPG, UNIOESTE, UNICENTRO, UENP e a UEPR) [...] e, também, enormes desigualdades na oferta pública da educação superior por via do sistema federal, onde a Bahia é certamente um exemplo antológico: foram cerca de sessenta anos com uma única universidade federal (de 1946, com a UFBA, a 2002 e 2005, com a criação da UNIVASF e UFRB, respectivamente), enquanto Minas Gerais contava com 17 instituições públicas de educação superior, sendo 15 federais (CEFETMG, EFOA, EFEI, UFJF, UFLA, UFMG, UFOP, UFU, UFV, UFTM, UFSJ, UNIPAC, UNIFAL, UNIFEI e UFVJM) e 2 estaduais (UEMG e UNIMONTES). A região Nordeste possuía, no total, o mesmo número de universidades federais (15) que o Estado de Minas Gerais com instituições federais. Na Bahia, além de mais de meio século com apenas uma universidade federal, passaram-se, também, dez anos mais entre a implantação da sua primeira universidade estadual (UEFS, em 1970) e as que a seguiram (UESB, em 1980; UNEB, em 1983; e UESC, em 1991). Disponível em < www.uneb.br/gestec >. Dados mais recentes (Censo da Educação Superior 2017), mostram um Brasil com 2.448 IES, sendo 12,1% públicas e, dentre as públicas, 41,9% estaduais (124), 36,8% federais (109) e 21,3% municipais (63). (INEP, 2018).

⁴² BOAVENTURA, E. M. UNEB, 30 anos de resultados. (Artigo publicado no jornal A Tarde, seção Opinião, edição de 07/06/2013). Disponível em < <http://www.uneb.br/salvador/dcet/print/2013/06/10/artigo-uneb-30-anos-de-resultados-edivaldo-boaventura/> >.

⁴³ BOAVENTURA, Edivaldo Machado. A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência. On-line. Salvador: Edufba, 2009. (p. 30.) Disponível em: < <https://play.google.com/books/reader?id=HTUnAAAQBAJ&hl=pt-BR&printsec=frontcover&pg=GBS.PP1.w.0.0.0.3> >.

⁴⁴ TEIXEIRA, Anísio. A reconstrução educacional brasileira. Disponível em < www.bvanisioiteixeira.ufba.br/livro8/reconstrucaoeducacional.html >.

Enquanto as demais nações, sob o impacto das novas condições, emprendiam o esforço pela educação universal, com o ímpeto e a deliberação de um movimento político, senão religioso, criando, rapidamente, um sistema popular de escolas mais amplo que o de suas igrejas e capelas e um professorado mais numeroso que o seu clero, para cuidar das novas exigências da transmissão de uma cultura em mudança e, acima dêste sistema popular, um conjunto de escolas médias e superiores capaz não só de continuar, como de promover o desenvolvimento e a harmonização da cultura nascente, diversa e complexa, - o Brasil se deixou ficar com as suas escolas tradicionais para uma diminuta e dispersa elite literária e profissional.

E, Navarro⁴⁵, reportando-se à deterioração do ensino brasileiro desde épocas anteriores (anos de 1915 a 1927) alertara:

[...] Os problemas educacionais brasileiros não são novos. Nova, sim, talvez seja a conjugação de fatores que os agravam. De um lado, a demanda progressivamente maior e um processo de fantástica acumulação acelerada de conhecimentos científicos e tecnológicos; de outro, a incapacidade conservadora dos educadores de aprenderem ou de se adaptarem essa realidade e o tratamento bastardo dos governos ao segmento educacional.

Atento, pois, aos desafios, e conhecedor das proposições inovadoras para os sistemas educacionais, o mestre Edivaldo trouxe, para a Uneb, ideias de Anísio, ao criar a Faculdade de Educação: Não era possível uma Universidade funcionar e mesmo existir sem um núcleo de conhecimentos pedagógicos. Era a lição de Anísio Teixeira quando criou a Universidade do Distrito Federal (UDF) e a mesma lição quando ele e Darcy Ribeiro planejaram a Universidade de Brasília⁴⁶.

Do mesmo modo, zeloso, levou, para a Secretaria, ideias de Navarro: [...] dei uma nova estruturação aos serviços públicos da Educação e Cultura

⁴⁵ BRITTO, Luiz Navarro de. Educação na Bahia: propostas, realizações e reflexões. São Paulo: T. A. Queiróz Editora, 1991. (p. 36)

⁴⁶ BOAVENTURA, E. M. A construção da ... (p. 69-70).

da Bahia, sobressaindo altaneiramente a UNEB. Para tanto, contei com a compreensão [...] do conselheiro Luiz Navarro de Britto [...]”⁴⁷, inclusive no processo de autorização / criação da Universidade:

*“Este diploma legal contou com a colaboração de Pierre Casalis, pró-reitor de Planejamento da Universidade de Québec, Armando Otávio Ramos, reitor da Unesp, Luiz Navarro de Britto, pró-reitor de planejamento da UFBA, Clovis Spínola, procurador geral do Estado da Bahia, Waldeck Ornelas, secretário de Planejamento, Ciência e Tecnologia da Bahia, e Alírio Fernando Barbosa de Souza, assessor e coordenador do projeto da UNEB.”*⁴⁸

O encontro de Edivaldo com Navarro e com Anísio não foi, portanto, nem raso nem pontual; pelo contrário, enriqueceu, com profundidade, a caminhada do mestre, como ele próprio reconheceu e explicitou. E muito contribuiu para a proposição daquela que vai ser a sua mais genuína ação como construtor institucional, gestor e proponente de políticas públicas educacionais: a formação do sistema estadual de educação superior, articulado à educação básica, ao desenvolvimento local e ao reconhecimento das identidades culturais. Uma perspectiva que, com a Uneb, enfeixou calorosamente⁴⁹:

“A UNEB nascia com a cor da Bahia, comprometida com as suas regiões, com a negritude, com os sertões, com a pobreza, com os problemas de educação, de alimentação e de saúde. Era mais uma educação superior voltada para o ensino, para a formação de pessoal docente, enfim, para a construção do conhecimento. A isso o modelo interdisciplinar e o multicampi muito favoreceram. A circunstância muito especial de ter sua sede no Cabula, mais precisamente no bairro da Engomadeira, criou compromissos sociais e urbanos com a instituição”.

⁴⁷ BOAVENTURA, E. M. A construção da ... (p. 39).

⁴⁸ BOAVENTURA, E. M. A construção da ... (p. 70).

⁴⁹ BOAVENTURA, Edivaldo Machado. A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência. On-line. Salvador: Edufba, 2009. (p. 70). Disponível em: < <https://play.google.com/books/reader?id=HTUnAAAAQBAJ&hl=pt-BR&printsec=frontcover&pg=GBS.PP1.w.0.0.0.3> >.

A grandeza dessa proposta ainda está a enfrentar resistências de toda ordem; e se traduzem como desvalorização do professor, precárias condições de trabalho, descuido com a infraestrutura escolar e universitária, desdém com as licenciaturas, desresponsabilização do estado e ou da União para com as universidades estaduais da Bahia... enfim, desinformação e ou ignorância de agentes públicos corresponsáveis pela organização, gestão e sustentabilidade dos sistemas educacionais. Por tudo isso, segue sendo necessário mergulhar no campo das políticas educacionais – da Bahia e do Brasil – com o olhar atento a todas as suas fases e dimensões. Há muito por dizer, socializar e debater sobre as políticas – e sobre a ausência de políticas posto que é, também, uma política – da educação na Bahia. O exame sobre o alcance dessas políticas públicas continua a requerer o aprofundamento do(s) contexto(s) correspondente(s), pois nele(s) reside(m), entalhadas, as pressões não educacionais sobre secretarias de educação, dirigentes e professores.

O mestre Edivaldo buscou, incansavelmente, superar o cenário que, na Bahia, expunha a limitadíssima cobertura do atendimento às demandas da educação e a inexistência de um sistema capaz de articulá-las: Preocupa-me a desproporção entre a população geral e os efetivos de estudantes universitários. A Bahia tem cerca de 12 milhões de habitantes e menos de 50 mil universitários ... E, assim, compreendeu o papel das universidades estaduais baianas: Delineia-se o sistema de educação superior estadual da Bahia, cuja estrutura vai se desenvolvendo entre o final dos anos 60 e o começo dos anos 90, ressaltando-se que o referido sistema está em pleno funcionamento com quatro universidades que se expandem por todo o território baiano⁵⁰.

De fato, a configuração da oferta de vagas públicas, no território baiano, explicitava a absoluta ausência da União para com a educação superior na Bahia e exibia a alta concentração dessa oferta na capital⁵¹, aspectos que despertaram a atenção do mestre Edivaldo, somente enfrentados pela presença das universidades estaduais:..

⁵⁰ Referia-se à Universidade Estadual de Feira de Santana (UFES), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), cujas informações são, respectivamente, disponibilizadas nos sites: < www.ufes.br >; < www.uesb.br >; < www.uneb.br >; e < www.uesc.br >.

⁵¹ BOAVENTURA, E. M. A construção da ... (p.54-55).

“Por dependência administrativa, a União mantinha todos os seus cursos de graduação em Salvador, capital do Estado da Bahia, com exceção da Escola de Agronomia, no interior, em Cruz das Almas. Inversamente, a administração estadual administrava quase todos os seus cursos nos centros urbanos do interior, excetuando o Centro de Educação Técnica da Bahia (CETEBA), em Salvador, onde se concentravam os estabelecimentos isolados de ensino superior particular.”

Conhecedor de muitas culturas, sistemas e modalidades educacionais, o mestre Edivaldo dispunha de referências nacionais e internacionais variadas muito precisas, além do convívio com grandes educadores e colegas das Américas, Europa, África e Ásia:

“Conheci de perto os sistemas de educação não só da França, como também da Bélgica, Itália e Suíça; Conheci várias universidades canadenses, como York, Toronto, Mc Guil, Laval, Montreal e Concórdia; [...] universidades portuguesas Coimbra e Lisboa, ibéricas enfim; Universidade de Coimbra [...], Universidade do Porto, [...]. Visitei a Universidade de Salamanca, por dentro, em especial sua rica biblioteca e o Centro de Estudos Brasileiros [...] Em várias oportunidades, visitei grandes universidades como Berkeley, Stanford, Los Angeles, San Diego. Tive a chance de observar os sistemas universitários estaduais, como o State University New York (SUNY), Califórnia e Pennsylvania, que influíram na minha decisão em criar uma universidade multicampi, a Universidade do Estado da Bahia (Uneb)⁵²”

A visão do mestre Edivaldo, entretanto, ia muito além da implantação de instituições; abarcava a dimensão sistêmica da governança educacional, as implicações com as modalidades da formação, os níveis do ensino, a qualidade da oferta e as externalidades que as universidades deixam e ou estimulam nas suas bases locais e regionais:..

⁵² BOAVENTURA, E. M. Revista da FAEEBA... (p.193-196).

“Para a expansão deste segmento, o esforço estadual em estabelecer cursos e faculdades, e mesmo em criar universidades, só fará retro-alimentar os demais níveis do sistema educacional. Numa visão sistêmica, parte dos produtos do sistema educacional a ele retorna, através da atuação de professores e especialistas. Tendo em vista a melhoria da qualidade da educação para os contingentes de alunos no interior, os objetivos da educação superior só serão vislumbrados e alcançados com a oferta de professores licenciados, cuja formação é proporcionada pelos principais pólos de crescimento regional⁵³”.

E apostou muito no professor: Por mais que se tenha acrescentado novos equipamentos ao processo ensino-aprendizagem, permanece o professor como parte de maior importância, pois gente se educa com gente⁵⁴, não se restringiu ao ensino; destacou a pesquisa, a extensão, a ciência, a tecnologia:

No desenvolvimento científico e tecnológico da Bahia, a UEFS, UESB, UNEB e UESC têm tarefas a cumprir. Presentes em todo o território baiano, formam professores para os sistemas de educação estadual e municipal e recursos humanos para a sociedade. As suas unidades estão localizadas em municípios, centros regionais que concentram recursos humanos e materiais, bibliotecas, laboratórios, professores e especialistas. Desenvolvem assim o ensino superior, a pesquisa, as mais variadas atividades comunitárias e a gestão. As universidades representam ilhas da cultura moderna e funcional, no interior, capazes de desencadear a gestão do conhecimento nas diversas comunidades baianas. São núcleos importantes no presente e projetam novas alternativas de formação para o futuro, como os programas de mestrado e doutorado.

⁵³ BOAVENTURA, E. M. A construção da ... (p.56).

⁵⁴ BOAVENTURA, E. M. Tempo de ... (p.172).

Para o mestre Edivaldo, a educação superior tinha um sentido maior, transcendia seus próprios afazeres, amplificava as relações entre educação e sociedade:

“A expressão educação superior há de acompanhar o próprio crescimento dos efetivos escolares. E tão triste deixar uma criança sem educação básica, como frustrar um adolescente da educação secundária e um jovem da superior. [...] Precisamos de educação em todos os níveis e de todos os tipos. Da regular e da não-formal. Temos que aumentar as oportunidades educacionais se o objetivo é uma sociedade democrática. E democracia só teremos com educação, emprego e gestada em pequenas comunidades.”⁵⁵

Nesse compasso, o mestre Edivaldo foi sinalizando diretrizes com vistas a estruturação de um sistema de educação para a Bahia:

“A educação superior é um segmento do sistema estadual. O seu desenvolvimento, o esforço estadual em estabelecer cursos e faculdades e mesmo em criar universidades, só fará retroalimentar os demais níveis do sistema educacional, empreendimento este que retorna ao mesmo sistema sob a forma de professores para o primeiro e segundo graus. Ao cogitar, assim, na melhoria do atendimento ao contingente de alunos do interior, a mesma só será vislumbrada ou alcançada com a oferta e produção de diplomados instaladas nos principais polos de crescimento regionais, como estabeleceu o Plano Trienal de Educação e Cultura do Secretário Luiz Navarro de Britto.”⁵⁶

Defendia, inclusive, uma perspectiva de expansão que não se traduzia pela quantidade de instituições, mas apontava para o amadurecimento acadêmico e institucional das universidades e para desenvolvimento local e regional:

⁵⁵ BOAVENTURA, E. M. Tempo de ... (p. 63).

⁵⁶ BOAVENTURA, E. M. Tempo de... (p.69).

“No caminho para o status de instituição universitária, num processo que demanda tempo e recursos, a faculdade instalada na comunidade interiorana deverá passar, como unidade decisória, a centro universitário e, finalmente, com consistência e maturidade, à condição de universidade. Assim, pelos recursos que concentram, pelos sentimentos, atividades e interações que vão criando, a faculdade e a universidade transformam-se em fatores de desenvolvimento local. Para ministrar o segmento mais avançado do processo educacional, exigem-se condições e requisitos que normalmente não existiriam numa comunidade municipal. A implantação de laboratórios de ciências e de computação e de bibliotecas atesta a presença de equipamentos que mudam a vida cultural de uma comunidade urbana. O desenvolvimento do segmento educação superior do sistema estadual, com base regional, tem conduzido as universidades estaduais, integradas em colegiados e departamentos, e lhes oferecem: educação pelas habilidades avançadas em aprendizagens, formação profissional, serviços à comunidade, educação continuada, capacitação, especialização, bem assim, cursos de nível tecnológico, comercial ou agrícola, carreiras longas e, como não poderia deixar de cogitar, variadas formas de valorização da cultura local e regional, complementadas pela intervenção das múltiplas manifestações culturais eruditas.⁵⁷”

Essas perspectivas, entretanto, nos períodos subsequentes, jamais foram discutidas ou acolhidas nas políticas de educação para o estado da Bahia; a rigor, foram raras as iniciativas governamentais e, dentre elas, nenhuma conseguiu levar a cabo seus objetivos. O que se assistiu foi a exposição de um panorama ora premido pela força político-partidária em detrimento das políticas para a educação ora escancarado pela indiferença – velada ou cristalina – quanto ao descolamento das relações entre a educação básica, universidades estaduais e desenvolvimento. Nos governos a partir de 1987 e até o momento (2019), doze secretários assumiram a pasta da Educação: Maria Augusta Rosa Rocha (1987-1989);

⁵⁷ BOAVENTURA, E. M. A construção da ... (p.57).

Joir Brasileiro (1989-1991); Dirlene Matos Mendonça (1991-1994); Edílson Souto Freire (1995-1998; 1999); Eraldo Tinoco Melo (1999-2002); Ana Lúcia Castelo Branco (2002-2003); Renata Adriana Prosérpio Fontes Lima (2003); Anaci Bispo Paim (2003-2006); Adeum Hilário Sauer (2007-2009); Osvaldo Barreto (2007-2011; 2011-2014; 2015-2016); Walter Pinheiro (2016-2019); e Jerônimo Rodrigues (2019-...). De lá para cá, os anos 1987-1991 (Governos Waldir Pires/Nilo Coelho), testemunham a constituição de grupo de estudo para subsidiar a política de educação superior no Estado da Bahia, cujo relatório “Diagnóstico da realidade educacional baiana para elaborar o Plano Decenal de Educação” foi publicado⁵⁸ e do Grupo Especial de Trabalho para desenvolver estudos com vistas a proposição de um Plano Diretor de Política de Educação Superior (a ser submetido ao CEE, antes da aprovação pelo Governador), composto por representantes da UEFS, UESB, UNEB, UFBA, UCSAL, e a então FESPI (hoje UESC); com representantes da SEEB, SEPLANTEC, SEFAZ, FUNDESP, CEPED, CEPEC/CEPLAC e o Secretário Extraordinário de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, além de representantes de cada associação de professores, estudantes e funcionários de cada universidade estadual; e do Presidente da CPE na condição de coordenador dos trabalhos. Entretanto, tais estudos não chegaram a ser concluídos em face das mudanças de Secretários Extraordinários⁵⁹, gerando frequentes interrupções nas atividades, falta de apoio administrativo, financeiro e político. Na ocasião, as universidades estaduais viram-se ainda mais atingidas por passarem da Secretaria de Educação para integrar as funções do Secretário Extraordinário para Assuntos de Ciência, Tecnologia, Ensino Superior e Modernização sem contar com a devida complementação de medidas administrativas, o que acabou por gerar uma vinculação complexa, pois, orçamentária e financeiramente permaneceram integrantes da estrutura da Secretaria de Educação. Decisões imponderadas também participaram desse panorama, como as introduzidas na estrutura das universidades estaduais (Governo Paulo Souto, 1995-1998), pela Lei n.º

⁵⁸ BAHIA. PLANDEBA. INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. Diagnóstico da realidade educacional baiana subsidiador ao Plano Decenal de Educação - PLANDEBA. Estudos IAT. Salvador: IAT, p. 42-49, 1990.

⁵⁹ No período, exerceram as funções de Secretário Extraordinário ...: Jairo Simões ... (tentar completar até a edição; se não conseguir, retirar)

7.176/1997⁶⁰, em evidente insciência sobre os fundamentos, referências e experiências, nacionais e internacionais, que firmaram os projetos de cada uma delas, bem como seus alcances e prospecções; sem consulta às suas comunidades, a adoção do modelo binário se deu de modo generalizado, suprimindo as funções dos co-gestores e substitutos na direção de departamentos, coordenações de curso etc., subtraindo, o nível decisório intermediário e, sem propostas que contemplassem as especificidades dos seus modelos, as universidades estaduais viram a gestão acadêmico-administrativa comprometida, sobretudo nas multicampi (Uneb e Uesb). Tais medidas levaram, inclusive, à extinção de faculdades como foi o caso da Faculdade de Educação do Estado da Bahia (Faeeba), então criada pelo mestre Edivaldo sob inspiração de Anísio⁶¹. Iniciativas fatiadas, inconclusas ou ignoradas também entraram em cena (Governos Wagner 2007-2010; 2011-2014), a exemplo do Grupo de Trabalho constituído pela Portaria n.º 6.6525 de 15 de maio de 2007⁶² cujo documento Sistema Estadual de Educação Superior, restringiu a abordagem à ampliação dos cargos de provimento permanente do grupo ocupacional educação/magistério superior para subsidiar exposição de motivos a anteprojeto de lei, em 2009. Tampouco teve continuidade a instalação de instância com participação das Universidades Estaduais Baianas (Uefs, Uesb, Uesc e Uneb) em articulação com respectivas Comissões Próprias de Avaliação (CPA) para a constituição da Comissão Estadual de Estudos da Avaliação de Educação

⁶⁰ Lei nº 7.176 de 10 de setembro de 1997. Disponível em < <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/85403/lei-7176-97> >.

⁶¹ FIALHO, Nadia Hage, NOVAES, Ivan Luiz. Gestão Universitária e Gestão dos Sistemas de Ensino: desafios de uma articulação sob a inspiração de Anísio Teixeira. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, número especial, p. 25-40, jul./dez. 2009. “Regimes autoritários e reformas administrativas marcam a história da Faeeba. Mas, há também a inspiração de Anísio Teixeira iluminando a sua trajetória. É sob o legado dessa inspiração que nos lançamos em defesa do resgate da identidade institucional da Faculdade de Educação do Estado da Bahia, instituída em 1983 e extinta em 1997, ao ser transfigurada em Departamento de Educação.” (p. 27). Destacávamos, pois, que a Revista da Faeeba, reconhecida nacional e internacionalmente (Qualis CAPES Educação – A2), com seu primeiro número editado em 1992, hoje na sua 54ª edição, carrega a história de uma faculdade extinta arbitrariamente, ao tempo em que era um testemunho vivo de uma história pautada no compromisso com a educação.

⁶² BAHIA. Secretaria de Educação. Secretaria da Administração. Sistema Estadual de Educação Superior. Ampliação dos Cargos de Provimento Permanente do Grupo Ocupacional Educação Magistério Superior Exposição de Motivos ao Anteprojeto de Lei. Salvador – Ba, CODES, SRH. 2009. “O Grupo de Trabalho foi instituído pela Portaria Conjunta nº 6.652, de 15 de maio de 2007, coordenado pela Secretaria da Educação por meio da Coordenação da Educação Superior (CODES) e teve participação das seguintes Secretarias: Fazenda (SEFAZ), Administração (SAEB), Planejamento (SEPLAN), Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI), Relações Institucionais (SERIN), com a finalidade de propor diretrizes e alternativas que viabilizem a condução das políticas de Educação Superior.” (p. 5-Nota 2). Disponível em: < http://www.aduneb.com.br/uploads/news/anexos/00000670_20100111120910_demanda%202020%20vagas.pdf >.

Superior (CEAES)⁶³ em 2010; assim como jamais foi retomado o Termo de Referência que propôs princípios norteadores para a Educação Superior no estado, segundo dois eixos: Eixo 1: Acesso, permanência e qualidade na educação de nível universitário com foco na articulação entre a educação superior e a educação básica; e Eixo 2: Alinhamento dos parâmetros de gestão da educação superior, com foco nas relações interinstitucionais que a educação superior mantém no âmbito do próprio Estado e junto a outros campos ou ambientes com os quais mantém interface direta (como são as áreas da cultura, da ciência, da tecnologia e do desenvolvimento). O panorama ainda encena atos como a entrevista à Rádio Metrôpole, concedida pelo então Governador, em março/2014, na qual, sem menção às universidades estaduais, disse deixar como presente para a Bahia a chegada das cinco universidades federais; tal postura, repetida em outdoors, fez parte da campanha eleitoral como ilustrado pela entrevista, em 8 de setembro de 2014, concedida ao Bahia Notícias pelo então candidato ao governo estadual Rui Costa (então governador de 2015-2018; 2019...): “Se nós olharmos o cenário de hoje e o cenário passado, a Bahia tinha apenas uma universidade federal. Hoje tem seis”⁶⁴. Deslembrados, ambos, das quatro universidades estaduais, tampouco atinaram para o fato de que, na Bahia, a expansão do sistema de educação superior limitava-se a três universidades⁶⁵: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), a Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), já que a Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf⁶⁶) tem sede no estado de Pernambuco e campi

⁶³ BAHIA. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Portaria n. 3.716/10, de 12 de maio de 2010. Dispõe sobre a criação, organização e funcionamento da Comissão Estadual de Estudos da Avaliação da Educação Superior, no âmbito da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, e dá outras providências. Diário Oficial do Estado da Bahia, Salvador, Ano XCIV, n. 20.268, 13 de maio de 2010. Salvador, 2010.

BAHIA. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Portaria n. 3.772/10, de 19 de maio de 2010. Constitui a Comissão Estadual de Estudos da Avaliação da Educação Superior-CEAES com a finalidade de articular e integrar as ações de avaliação institucional das Universidades Estaduais, visando a elaboração conjunta de políticas de Educação Superior para o Estado da Bahia. Diário Oficial do Estado da Bahia, Salvador, Ano XCIV, n. 20.274, 20 de maio de 2010, p. 19. Salvador, 2010.

⁶⁴ Disponível em < <https://www.bahianoticias.com.br/entrevista/374-rui-costa.html> >.

⁶⁵ A expansão por via federal estendia-se aos Institutos: IFBA, com 22 campi: Barreiras, Brumado, Camaçari, Eunápolis, Euclides da Cunha, Feira de Santana, Ilhéus, Irecê, Jacobina, Jequié, Juazeiro, Lauro de Freitas, Paulo Afonso, Porto Seguro, Salinas das Margaridas, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, Seabra, Simões Filho, Ubaitaba, Valença e Vitória da Conquista, além do Polo de Inovação no Parque Tecnológico, em Salvador; e IFBAIANO, com 14 campi: Alagoinhas, Bom Jesus da Lapa, Catu, Governador Mangabeira, Guanambi, Itaberaba, Itapetinga, Santa Inês, Senhor do Bonfim, Serrinha, Teixeira de Freitas, Uruçuca, Valença e Xique-Xique.

⁶⁶ Disponível em < <http://portais.univasf.edu.br/apresentacao-univasf/conheca-os-campi> >.

em Petrolina (PE), Juazeiro, Senhor do Bonfim e Paulo Afonso (BA), e São Raimundo Nonato e Salgueiro (PI); e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab⁶⁷) tem sede no estado do Ceará (onde mantém, no município de Redenção/CE, os campi da Liberdade e das Auroras; no município de Acarape/CE, a Unidade Acadêmica dos Palmares; e no município de São Francisco do Conde/BA, o campus dos Malês).

Triste panorama esse, que confunde responsabilidades governamentais e, paradoxalmente, promove a desresponsabilização do estado para com o planejamento da oferta pública no território baiano, descuidando-se de aspectos como os impactos sobre zonas de sombreamento onde preeexistiam universidades estaduais; a forma desordenada e não compartilhada, entre instituições públicas, sejam federais e estaduais, universidades ou institutos; o avanço da expansão do setor privado ou a incorporação de instituições por organizações estrangeiras ... em clara demonstração da fragilidade política do estado perante o governo central e suas corresponsabilidades para com a educação superior; da falta de motivação para examinar, avaliar e atualizar propostas e experiências como as aqui referidas; e do descaso com os resultados de estudos e pesquisas ... Enfim, um panorama que reforça a visão miúda, instila argumentos infundados e põe à mostra medidas na contramão das concepções contemporâneas e dos grandes legados.

Pois é para reafirmar a caminhada que aqui nos encontramos; para seguir os caminhos da democracia mesmo quando, na Bahia, as perspectivas se embaralham, tal como vemos no caso da educação, em face das incongruências ou contrassensos dos governos nos períodos aqui mencionados. É para não esquecermos quão imprescindível e fecundo foi o alcance da visão do mestre Edivaldo que permitiu a consolidação do sistema estadual de educação superior⁶⁸; a ampliação do acesso à educação superior pelo aumento de vagas públicas e por via da interiorização; o fomento e ou dinamização dos processos de desenvolvimento local e regional em face da presença das unidades de educação superior nas bases municipais; e a realimentação do próprio sistema educacional por mecanismos intrínsecos ou endógenos, além de outros, como os promovidos pelas próprias universidades em decorrência

⁶⁷ Disponível em < <http://www.unilab.edu.br/> >.

⁶⁸ BAHIA, Constituição Estadual: "O ensino superior, responsabilidade do Estado, será ministrado pelas instituições estaduais do ensino superior, mantidas integralmente pelo Estado (art. 262-CE 1989)."

das redes de cooperação acadêmica de caráter nacional e ou internacional.

O acerto das perspectivas do mestre Eivaldo vem sendo confirmado em vários estudos, dissertações e teses que tratam da educação superior no Estado da Bahia, muitas das quais abordam, especificamente, a Uneb; e, de fato, a Uneb cultiva esse atributo – pensar-se – e já possui um volume significativo de trabalhos acadêmicos disponibilizados à comunidade acadêmica e à sociedade em geral, nesse sentido. Dentre eles, destacamos duas teses⁶⁹ que enfocaram, diretamente, os aspectos tão sublinhados pelo mestre Eivaldo: a relação da universidade com o desenvolvimento local e com a formação de professores para o sistema de ensino. Escritas por servidores públicos – professor de universidade estadual e professora da educação básica – foram defendidas, inclusive, em programas de doutorado da própria Uneb, e contaram, ambas, com a presença do mestre Eivaldo nas respectivas bancas examinadoras: (a) Financiamento público das universidades estaduais baianas: restrições orçamentárias, expansão universitária e desenvolvimento local (2013)⁷⁰, de autoria de Cesar Barbosa⁷¹ e (b) A presença da Universidade do Estado da Bahia nos meios locais: o perfil e a inserção profissional dos seus egressos licenciados (2016)⁷², de autoria de Elisiana Rodrigues Oliveira Barbosa⁷³.

A primeira tese (BARBOSA, C., 2013) confirma a universidade estadual como fator significativo peso para o desenvolvimento local:

“A dimensão que mais impacta o potencial de desenvolvimento do município é o mercado de trabalho para as pessoas com formação superior. Isto significa que a dinâmica do mercado

⁶⁹ Ambas as teses – bem como muitos outros estudos propiciados por pesquisadores das universidades estaduais – contém um volume de dados e informações qualificadas muito superior ao aqui apresentado.

⁷⁰ Banca examinadora constituída pelos doutores: Eivaldo Machado Boaventura/UFBA/UNIFACS-Doutorado Administração Educacional/The Pennsylvania State University, Elias de Oliveira Sampaio-UNEB- Doutorado Administração/UFBA, Silvio Humberto dos Passos Cunha/UEFS-Doutorado Ciências Econômicas/UNICAMP, Carla Liane Nascimento dos Santos/UNEB-Doutorado em Ciências Sociais/UFBA e Nadia Hage Fialho/UNEB-Doutorado em Educação/UFBA (orientadora).

⁷¹ BARBOSA, Cesar. Financiamento público das universidades estaduais baianas: restrições orçamentárias, expansão universitária e desenvolvimento local. 2013. 164 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013. (p.111-112).

⁷² Banca examinadora constituída pelos doutores: Eivaldo Machado Boaventura/UFBA/UNIFACS-The Pennsylvania State University, Norma Lúcia Vídoro Vieira Santos/UESC-Doutorado Educação/UFBA, Sergio Henrique da Conceição/UNEB-Doutorado Educação e Contemporaneidade/UNEB, Ivan Luiz Novaes/UNEB-Doutorado Educação/Universitê de Sherbrooke e Nadia Hage Fialho/UNEB-Doutorado em Educação/UFBA (orientadora).

⁷³ BARBOSA, Elisiana Rodrigues Oliveira. A presença da Universidade do Estado da Bahia nos meios locais: o perfil e a inserção profissional dos seus egressos licenciados. 2016. 211 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

de trabalho local é um importante fator de fixação do sujeito no município onde completa sua formação profissional. A probabilidade de ocupar-se no município aliada a chance de empregar-se em uma atividade formal, constituem condições fundamentais para a atração e fixação de mão de obra qualificada. Há uma forte associação entre a presença de uma instituição de ensino superior e o potencial de desenvolvimento. Essas instituições se assentam em espaços de moderado, alto ou elevado potencial de desenvolvimento, o que nos permite dizer que existe diferença no potencial de desenvolvimento nos espaços onde há oferta pública de ensino superior em relação aos espaços desassistidos. Embora sejam o mercado de trabalho para pessoas com formação superior e os aspectos sociais as dimensões que mais impactam o potencial de desenvolvimento local, com 39, 4% e 29, 3% respectivamente, não podemos desprezar a contribuição da oferta pública de ensino superior, que responde por 28,9% do potencial de desenvolvimento”.

A segunda (BARBOSA, E. R. O., 2016) confirma a perspectiva do mestre Edivaldo com relação à contribuição da universidade estadual aos sistemas de ensino. A autora constatou o alcance da Uneb em “[...] cerca de 2/3 do território baiano” (p.62), e examinou as instâncias formativa (dados de 2010) e laboral (dados de 2014), quando a Uneb formou 2.880 profissionais, dos quais, 1.854 egressos de licenciaturas (64,4%) e constatou que 1.126 desses egressos “[...] estavam ocupando alguma função docente em instituições de ensino básico no ano de 2014” (p.88), nas redes municipal, estadual e federal. A relevância desses seus achados vai mais além, como ela mesmo expressou: “[...] se tomássemos outros anos, não sobraria sequer uma área sem o registro de um egresso da Universidade do Estado da Bahia.” (p.63).

Edivaldo Machado Boaventura, ao receber, em 2012, o título de Doutor Honoris Causa, pela Uneb, disse, emocionado: “Se não tivesse feito outra coisa na vida, estaria realizado pela Uneb”. Sim, a Uneb é um projeto vitorioso cuja magnitude já ultrapassa suas próprias fronteiras, sejam elas físicas ou acadêmicas, a despeito da rudeza engastada nas políticas para a área. Conceber e implantar a UNEB foi, com o mestre Edivaldo, construir o alicerce de um sistema de educação para a Bahia.

REFERÊNCIAS

BAHIA. Constituição do Estado da Bahia (De 05 de outubro de 1989). Diário Oficial [do] estado da Bahia. Salvador, Bahia, 06 out. 1989. Disponível em: < <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/70433> >. Acesso: 18 mar 2019.

BAHIA. Lei nº 7.176 de 10 de setembro de 1997. Reestrutura as universidades estaduais da Bahia e dá outras providências. Diário Oficial do estado da Bahia. Salvador, n. 16.617, 11 set 1997. Seção 1, p. 10-12. Disponível em < <https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/85403/lei-7176-97> >. Acesso em 6 mar 2019.

BAHIA. PLANDEBA. INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO ANÍSIO TEIXEIRA. Diagnóstico da realidade educacional baiana subsidiador ao Plano Decenal de Educação – PLANDEBA. **Estudos IAT**. Salvador: IAT, p. 42-49, 1990.

BAHIA. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Portaria n. 3.716/10, de 12 de maio de 2010. Dispõe sobre a criação, organização e funcionamento da Comissão Estadual de Estudos da Avaliação da Educação Superior, no âmbito da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Salvador, Ano XCIV, n. 20.268, 13 de maio de 2010. Salvador, 2010.

BAHIA. Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Portaria n. 3.772/10, de 19 de maio de 2010. Constitui a Comissão Estadual de Estudos da Avaliação da Educação Superior-CEAES com a finalidade de articular e integrar as ações de avaliação institucional das Universidades Estaduais, visando a elaboração conjunta de políticas de Educação Superior para o Estado da Bahia. **Diário Oficial do Estado da Bahia**, Salvador, Ano XCIV, n. 20.274, 20 de maio de 2010, p. 19. Salvador, 2010.

BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. **Plano de Educação e Cultura do Estado da Bahia 1984-1987**. Secretaria de Educação e Cultura. Salvador, 1984.

BAHIA. Secretaria de Educação. Secretaria da Administração. **Sistema Estadual de Educação Superior**. Ampliação dos Cargos de Provimento Permanente do Grupo Ocupacional Educação Magistério Superior Exposição de Motivos ao Anteprojeto de Lei. Salvador – Ba, CODES, SRH. 2009. Disponível em: < http://www.aduneb.com.br/uploads/news/anexos/00000670_20100111120910_demanda%202020%20vagas.pdf >. Acesso em 12 fev 2019.

BARBOSA, Cesar. **Financiamento público das universidades estaduais baianas: restrições orçamentárias, expansão universitária e desenvolvimento local**. 2013. 164 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

BARBOSA, Elisiana Rodrigues Oliveira. **A presença da Universidade do Estado da Bahia nos meios locais: o perfil e a inserção profissional dos seus egressos licenciados**. 2016. 211 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

BOAVENTURA, E. M. (Org.). **Homenagem a Luiz Viana Filho**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1991.

BOAVENTURA, E. M. O Anísio Teixeira que eu conheci. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**. Salvador, n.5, Seção Depoimento, jan./jun. 1996. (p.5-16).

BOAVENTURA, E. M. **UNEB, 30 anos de resultados**. (Artigo publicado no jornal A Tarde, seção Opinião, edição de 07/06/2013). Disponível em < <http://www.uneb.br/salvador/dcet/print/2013/06/10/artigo-uneb-30-anos-de-resultados-edivaldo-boaventura/> >. Acesso em: 12 fev 2019.

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. **A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência**. On-line. Salvador: Edufba, 2009. Disponível em: < <https://play.google.com/books/reader?id=HTUnAAAAQBAJ&hl=pt-BR&printsec=frontcover&pg=GBS.PP1.w.0.0.0.3> >. Acesso em 9 março 2019. (p. 30)

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. Memória de um professor e momentos da carreira docente. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 29, p. 185-200, jan./jun., 2008.

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. **Tempo de Educar**. Salvador: Secretaria de Educação e Cultura, 1987 (p. 57).

BRITTO, Luiz Navarro de. **Educação na Bahia**: propostas, realizações e reflexões. São Paulo: T. A. Queiroz; Salvador: Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia; Brasília, DF: INEP; [S.L.]: OEA, 1991. (Coletânea Navarro de Britto, v. 1).

COSTA, Rui. Bahia Notícias / Samuel Celestino. [Entrevista concedida a Fernando Duarte. BN / BAHIA NOTÍCIAS, Salvador, Bahia, 8 de setembro de 2014. Disponível em: < <https://www.bahianoticias.com.br/entrevista/374-rui-costa.html> >.

FGV. CPDOC. LUIZ NAVARRO DE BRITTO. Disponível em < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/brito-luis-navarro-de> >. Acesso em: 2 mar 2019.

FIALHO, Nadia Hage, NOVAES, Ivan Luiz. Gestão Universitária e Gestão dos Sistemas de Ensino: desafios de uma articulação sob a inspiração de Anísio Teixeira. **Revista da FAEEDA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, número especial, p. 25-40, jul./dez. 2009. Disponível em: < <http://www.uneb.br/revistadafaeeda/files/2011/08/Faeeda-25-anos.pdf> >. Acesso em: 12 abr 2019.

FIALHO, Nadia Hage. Educação Superior no Brasil: Universidades Estaduais à deriva? Salvador: UNEB, 2011. (Postado em 30 out 2011). Disponível em: < <http://www.uneb.br/gestec/files/2011/10/Artigo-Educa%C3%A7%C3%A3o-Superior-no-Brasil-universidades-estaduais-%C3%A0-deriva-30out201115.pdf> >. Acesso em: 15 jul 2018.

FIALHO, Nadia Hage. Universidades estaduais no Brasil: pauta para a construção de um sistema nacional articulado de educação. **Revista da FAEEDA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 21, n. 38, p. 81-93, jul/dez 2012. Disponível em: < <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeda/article/viewFile/499/422> >. Acesso em: 06 mar 2019.

FIALHO, Nadia Hage. **Universidade multicampi**. Brasília: Autores Associados; Plano Editora, 2005.

FIALHO, Nadia Hage. **Universidade Multicampi**: modalidade organizacional, espacialidade e funcionamento. 2000. 394 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da Educação Superior 2017, Inep, 2018. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior> >. Acesso em: mar de 2019.

SILVA FILHO, Emiliano José. O assassinato de Anísio Teixeira. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-assassinato-de-anisio-teixeira-2603.html> >. Acesso em: 2 mar 2019.

MELLO, Maria Alba Guedes Machado. Isaias Alves de Almeida e a Educação na Bahia, 1938- 1942. **Tese**. Programa de pós-graduação Educação e Contemporaneidade - PPGEduc, Departamento de Educação - DEDC I, Universidade do Estado da Bahia (Uneb). 2015. 118 f.

NUNES, Antonietta d'Aguiar. **Governadores e vice-governadores que administraram o estado da Bahia durante a República**. Disponível em: < http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/2_Pombalino/governadores_estado_bahia_republica.htm >. Acesso em: 4 abr 2019.

NUNES, Clarice. Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. **Educação & Sociedade**, ano XXI, no 73, Dezembro, 2000. (p.9-40).

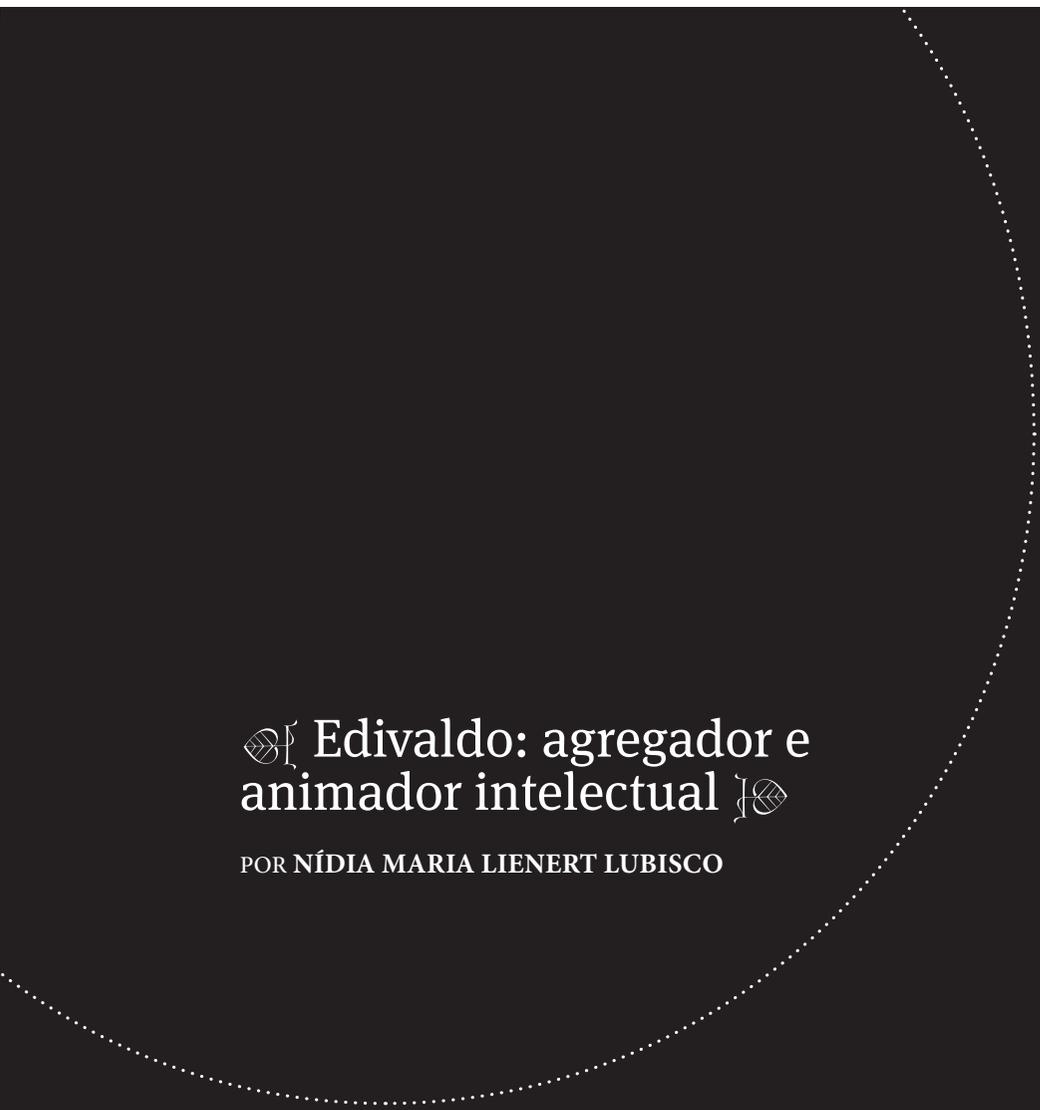
REIS, Palhares Moreira. **Eleições diretas e indiretas no Brasil**. Revista de Informação Legislativa. Brasília, ano 34, n.º, 136 out./dez. 1997. (p. 115-130). (p. 126). Disponível em: < <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/298/r136-11.pdf?sequence=4> >. Acesso em: 17 mar 2019.

ROCHA, João Augusto. Breve História da Vida e da Morte de Anísio Teixeira. Entrevistas concedidas a André Teixeira Jacobina. Canal A Nova Máquina do Tempo. 2019. Vídeo 01: 15 mar 2019 < <https://www.youtube.com/watch?v=EUvplqhR3eE> >; Vídeo 02, 27 mar 2019 < <https://www.youtube.com/watch?v=Hd49q8FDF18> >; Vídeo 03, 30 mar 2019 < <https://www.youtube.com/watch?v=EUvplqhR3eE> >.

SOUZA, Remy de. Luiz Viana Filho e a Cultura. In: BOAVENTURA, E. M. (Org.). **Homenagem a Luiz Viana Filho**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1991. (p. 163-164).

TAVARES, Luis Henrique Dias. **Dois reformas da educação na Bahia 1895 – 1925**. Centro Educacional de Pesquisas Educacionais da Bahia. MEC; INEP. Serie Estudos e Pesquisas. 1968.

TEIXEIRA, Anísio. Condições para a reconstrução educacional brasileira. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Rio de Janeiro, v.18, n.49, 1953. p.3-12. Disponível em < <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/condicoes.html> >. Acesso em: 3 fev 2019.

A large, white dotted arc curves across the top and right sides of the page, framing the central text.

 Edivaldo: agregador e
animador intelectual 

POR NÍDIA MARIA LIENERT LUBISCO

A ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA BAHIA, em mais uma de suas iniciativas de incentivar e promover o conhecimento dentro da ética e da integridade científica, com este livro vem ampliar o espectro de visibilidade da vida e obra de Edivaldo Machado Boaventura, através de diversos segmentos temáticos.

Senti-me honrada com a oportunidade e desafiada ante a abordagem proposta, por três motivos principais: um, porque muito já se escreveu sobre Edivaldo; outro, porque ele próprio já escreveu muito e sobre diversos temas; e, por fim, porque sua personalidade multifacetada exige um tributo à altura de sua estatura, não só como pessoa e como cidadão, mas, no caso, como “agregador e animador intelectual”.

Sua vasta formação acadêmica em mais de um curso de graduação e em diversos de pós-graduação – Direito, Ciências Sociais, Administração Educacional, Economia, Desenvolvimento Econômico –, rendeu-lhe diversas oportunidades no Brasil e no exterior, bem como cargos que se enquadram no que sugere este artigo: Assessor de Planejamento da Universidade Federal da Bahia (UFBA) para a Reforma de 1968, Secretário de Educação do Estado por duas vezes, imortal da Academia de Letras da Bahia, membro do Conselho Estadual de Educação e do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, presidente do Conselho Consultivo da Associação Baiana de Imprensa, Diretor Geral do jornal A Tarde, um dos fundadores da Academia de Ciências da Bahia e seu vice-presidente, entre tantos outros. Destaco,

aqui, no entanto, por sua atualidade (2018), a última homenagem recebida, originada de um país ao qual dedicava especial afeto e grande conhecimento – Portugal – e traduzida na outorga, pelo governo português, da “Ordem da Instrução Pública no grau de Comendador, pelos serviços prestados à educação e cultura nos dois países de língua portuguesa.”

Escritor fecundo e incansável, ele foi um dos idealizadores e primeiro Reitor da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), um dos fundadores da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia e do seu curso de doutorado, Professor Emérito da mesma Universidade, docente da Universidade Salvador (Unifacs), tendo centrado boa parte de sua produção e sua atuação em ensino e pesquisa em Educação Superior, com foco nos temas relacionados a Afrodescendentes, História da Educação e Metodologia da Pesquisa. Assim, transitou e agregou três importantes instituições de ensino superior da Bahia, por diferentes afetos e competências.

Minha aproximação com Edivaldo – Dr. Edivaldo, como o tratava – data de sua segunda nomeação como Secretário de Educação e Cultura do Estado (1983-1987). Desde ali, nunca mais nos perdemos de vista, tanto em eventos, quanto por consultas recíprocas e troca de informações, por conversas sobre livros e sobre seus livros, até que, juntamente com minha colega e amiga, a bibliotecária Sônia Chagas Vieira, o convidamos para prefaciá-lo a quinta edição do Manual de estilo acadêmico, em 2013, publicado pela Editora da UFBA (EDUFBA), do qual ele era admirador e incentivador.

Ante este rápido bosquejo de sua vida acadêmica e profissional⁷⁴, trazer à luz seu papel de “agregador e animador intelectual” passa a ser uma decorrência quase natural, embora a veja como tarefa complexa. Tive oportunidade de ouvi-lo, certa ocasião, dissertar sobre a relação entre educação e cultura. E é este mote que tomo para fundamentar o que pode significar seu papel de “agregador e animador intelectual”.

No campo da Educação, do seu vasto repertório, extraio dois aspectos apenas: sua formação jesuítica, marcada pela disciplina, pelo gosto pelas humanidades e pela religiosidade, e sua admiração por Anísio Teixeira, nascido em Caetité, no sertão baiano, figura central da Educação no país na

⁷⁴ Em 2017, o grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologia (Faculdade de Educação, UFBA), liderado pelo professor Nelson de Luca Pretto, veiculou matéria detalhada sobre a vida e obra de Edivaldo, em forma de texto e entrevista, em 18 partes: <https://noosfero.ufba.br/memoria-da-educacao-na-bahia/edivaldo-boaventura>.

primeira metade do século passado, defensor do ensino público, gratuito, laico e obrigatório, que disseminou os princípios da Escola Nova, reformulando o ensino na Bahia e no Rio de Janeiro, ideias que fizeram eco na mente aberta e sensível de Edivaldo. A concepção anisiana de educação integral teve forte repercussão, não só no sistema de ensino, mas também no sistema de cultura. A Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, que acolheu tantas gerações de leitores baianos, desde sua criação por Denise Tavares, bem com a Escola Parque (ou Centro Educacional Carneiro Ribeiro), são fruto também da idealização de Anísio, ambas inauguradas em 1950 e constituíram dois testemunhos emblemáticos a que Edivaldo sempre enalteceu.

A cultura humanística de Edivaldo, associada ao espírito generoso em compartilhar e disseminar saberes e o seu saber, sua vocação como professor, ademais de seu caráter espirituoso – este resultante de seu raciocínio rápido e de sua leveza no trato – amalgamaram seu papel de agregador e animador intelectual (ou cultural, como me parece mais adequado). Esta característica bem a traduziu Zilma Parente de Barros (2017), ao dizer que “[...] pela grande cultura que acumulou [...] em qualquer ambiente [...] sua presença é sempre destacada pela oportunidade de seus pronunciamentos.”

Retomando o mote referente à “relação entre educação e cultura”, creio que alguns aspectos teóricos sobre Educação e sobre Cultura podem nos levar a compreender as nuances/características/causas/resultados dessa associação.

Com área do conhecimento classificada nas Ciências Sociais e Humanas, a Educação, por sua dimensão teórica e prática, é uma das áreas mais interdisciplinares, se considerarmos, de um lado, o leque de relações temáticas em que ela se insere e que abarca: investigação, docência, economia, cultura, estratégia para o desenvolvimento e para a equidade social, só para citar algumas; de outro, as áreas do conhecimento: Pedagogia, Psicologia, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Administração, entre outras.

Sua formação, como se nota, não se restringiu ao campo da Educação, mas ampliou e foi ampliada, enriquecida pelos conteúdos trazidos não só de outras áreas, mas de suas experiências e de sua inquietude intelectual.

Saviani, em trabalho encomendado pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), em 2006, sobre o tema Trabalho e Educação, aborda os seus fundamentos ontológico-históricos, a separação histórica entre educação e trabalho, o processo de questionamento

dessa separação e, finalmente, traz o sistema de ensino baseado no trabalho como princípio educativo (além de outro aspecto, que aqui não se aplica). É esta última associação que vejo como ponte à “relação entre educação e cultura”, mote que adotei para adentrar a proposta dos editores e mostrar a faceta de Edivaldo como “agregador e animador intelectual”.

Acresça-se à visão de Saviani, outra abordagem que trata a Educação como meio de desenvolvimento de potencialidades, de preparação/formação do indivíduo cidadão para as mais diversificadas atuações no campo social. E com isso as condições de promover o desenvolvimento cultural, “[...] possibilitando o exercício da capacidade de perceber, conviver e valorizar diferentes códigos culturais.” (BARBOSA, 1995)

De fato, Edivaldo via a Educação como fator anterior a essa compreensão de distintos “códigos culturais”, pois que a concebia como um conjunto de etapas naturalmente progressivas, motivadoras de superação. Isto é, a Educação como fator de aprimoramento do fazer humano, do seu fazer, do ser e estar no mundo, o que repercutia no desenvolvimento cultural do sujeito.

Vejo aqui mais um elemento da “relação educação e cultura”, se considerarmos a origem do vocábulo cultura: “[...] significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo sugere uma dialética [...] entre o que faremos ao mundo e o que o mundo nos faz.” (EAGLETON, 2005, p. 11)

Essa concepção sugere, de um lado, “regulação”; de outro, “crescimento espontâneo”. Quer dizer, “[...] o cultural é o que podemos mudar” (p.13), embora a cultura implique “seguir regras” e envolva também “uma interação entre o regulado e o não-regulado”.

Seria essa dinâmica a “relação entre educação e cultura” a que Edivaldo referira?

Sua prática foi sempre de incentivo e valorização do saber, de imersão em tudo que fazia e de fazer emergir, em diferentes saberes, quem dele se aproximava, fosse no campo pessoal, fosse no campo da docência e da pesquisa ou da autoridade constituída.

Figura ímpar por seu elevado espírito público, sua generosidade em disseminar, sua incansável busca de novos conhecimentos, sua determinação em executar, Edivaldo por essas características foi verdadeiramente um agregador e animador intelectual.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana M. Tavares Bastos. Educação e desenvolvimento, cultural e artístico. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 9-17, g1995

BIBLIOTECA Infantil Monteiro Lobato. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://bibliotecas.cultura.gov.br/espaco/201013/>.

CENTRO Educacional Carneiro Ribeiro. Salvador. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Educacional_Carneiro_Ribeiro.

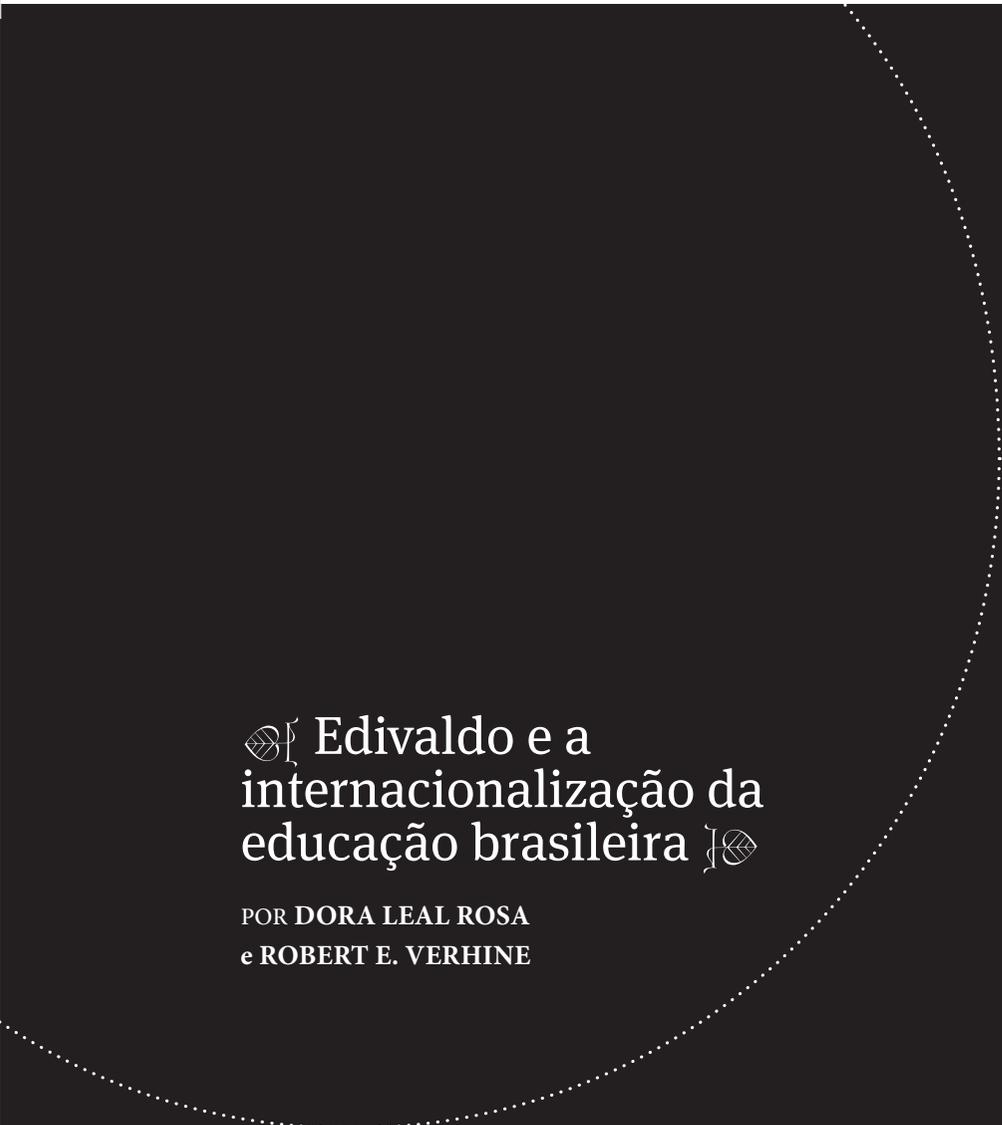
EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MATTOS, Sérgio. **Um cidadão prestante: entrevista biográfica com Edivaldo M. Boaventura**. Salvador: Quarteto, 2014.

MEMÓRIA da educação na Bahia: Edivaldo Boaventura. Salvador: Noosfera UFBA, 2017-2018. Disponível em: <https://noosfero.ufba.br/memoria-da-educacao-na-bahia/edivaldo-boaventura>.

MORRE o professor Edivaldo Boaventura, ex-diretor de A TARDE. A Tarde, Salvador, 22 ago. 2018. Disponível em: <http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1987302-morre-aos-84-anos-o-professor-edivaldo-boaventura-exdiretor-de-a-tarde>.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.



⊕ Edivaldo e a
internacionalização da
educação brasileira ⊕

POR DORA LEAL ROSA
e ROBERT E. VERHINE

INTRODUÇÃO

A INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE é composta de múltiplas dimensões e pode ser definida de várias maneiras. Assim, enquanto algumas definições privilegiam aspectos internos às instituições de educação superior, outras priorizam o ambiente e a influência que é capaz de exercer sobre a organização das atividades acadêmicas (LIMA & CONTEL, 2011). No sentido geral, a internacionalização da educação superior envolve a inserção da universidade e de suas diversas atividades (ensino, pesquisa e extensão) na comunidade acadêmica, buscando responder aos desafios decorrentes da mundialização da sociedade. Ela é promovida através de ações diversas, indo da própria postura adotada pela instituição até a promoção de intercâmbios (envolvendo professores e alunos) e de projetos internacionais de colaboração. Apesar de ser um tópico destacado no momento, processos de internacionalização universitária existem no Brasil há muito tempo. Segundo Lima e Contel (2011), tais processos podem ser divididos em quatro períodos, cada um tendo um foco distinto. O Período Inaugural (1930 a 1960) foi marcado pela presença de professores visitantes estrangeiros nas jovens universidades brasileiras emergentes; o Período Reformista (1960 a 1980) foi caracterizado pela presença de consultores de outros países e pela concessão de bolsas para realizar estudos de pós-graduação no exterior; o Período de Consolidação (1980 a 2000) focalizou o desenvolvimento de ações de cooperação no âmbito de programas de pós-graduação

para formar grupos de pesquisa em torno de interesses compartilhados e trazer para o Brasil professores e alunos visitantes do exterior; o Período de Diversificação (2000 ao presente), por sua vez, vem intensificando a internacionalização em todas as suas dimensões, envolvendo tanto o setor público quanto o setor privado e abrangendo a comercialização de serviços educacionais para a comunidade global.

No decorrer do tempo, agências nacionais como CAPES e CNPq têm assumido um papel central, fornecendo bolsas para intercâmbios e promovendo programas de cooperação, de cunho bi e multilateral. A contribuição de associações acadêmicas também tem sido importante, fortalecendo relações no cenário global através da realização de encontros acadêmicos internacionais, tanto dentro do Brasil quanto fora dele (SANDER, 2014). Porém, o impacto desses esforços na comunidade acadêmica brasileira como um todo tem sido muito limitado e, no sentido geral, a universidade no Brasil ainda se caracteriza por ser paroquial, insular e nacionalista. Um número de fatores contribuiu para tal posição, incluindo a crença de que o número limitado de vagas para a educação superior deve ser destinado a brasileiros; a desconfiança, por parte de muitos membros da comunidade acadêmica, dos modelos estrangeiros e intervenções externas; e o fato de que a língua portuguesa não é amplamente utilizada nos círculos científicos internacionais. Como consequência, apenas 5% dos pesquisadores brasileiros são nascidos no exterior, e relativamente poucos dos artigos produzidos no Brasil envolvem colaborações e autores de outros países. Do mesmo jeito, apenas aproximadamente 0,5% de todos os estudantes no ensino superior e 3% dos estudantes de pós-graduação não são brasileiros. Em contraste, na média, 8% dos estudantes de graduação de países da OCDE e 19% dos estudantes matriculados em instituições classificadas como excelentes podem ser classificados como estrangeiros (OECD, 2014).

Recentemente, o governo brasileiro adotou uma postura concertada para reduzir o isolacionismo universitário. Entre outras iniciativas, línguas estrangeiras receberam maior ênfase na estrutura curricular do ensino fundamental e médio, a participação de professores e alunos estrangeiros nas universidades brasileiras foi incentivada e três universidades federais, de natureza supranacional (UNILAB, UNILA e UNIAM), foram implantadas. A CAPES tem contribuído também, pois a inclusão da internacionalização

como ingrediente de sua avaliação periódica vem incentivando a abertura de horizontes por parte de programas de pós-graduação.

A internacionalização da universidade brasileira recebeu estímulo especial em 2011, quando o governo federal lançou o programa Ciências sem Fronteiras. O referido programa enviou para o exterior quase 100.000 alunos entre 2011 e 2014, sendo que mais do que dois-terços deles eram alunos de graduação que recebiam bolsas do governo federal. Apesar de sua natureza ambiciosa, contudo, o referido Programa foi limitado em três aspectos importantes. Primeiro, ficou restrito a estudantes dos campos de ciências naturais, engenharia e tecnologia, o que significa que os estudantes das humanidades e das ciências sociais ficaram excluídos. Em segundo lugar, o Programa Ciências sem Fronteiras se preocupou com o envio de brasileiros para o exterior, mas não em trazer estudantes estrangeiros para o país. Como resultado, muitos membros da comunidade acadêmica continuam sem qualquer contato com pessoas de outros países, o que prejudica a compreensão e a sensibilidade intercultural, torna mais difíceis os arranjos colaborativos internacionais, e impacta negativamente o Brasil quando observado o posicionamento de suas universidades nos rankings internacionais. Terceiro, embora o Programa tenha promovido a internacionalização de um número significativo de alunos, ele fez muito pouco no sentido de internacionalizar instituições brasileiras de educação superior. Como consequência, ele foi substituído por um novo programa do governo federal, conhecido como o PRINT, para repassar recursos públicos para o financiamento de projetos institucionais de internacionalização. Dado o caráter recente do PRINT, não se sabe ainda quais serão os resultados ou impactos dessa nova iniciativa.

É neste contexto que é importante retratar a contribuição de Edivaldo Boaventura para a internacionalização da educação brasileira. Embora tais contribuições tenham sido muitas, focaliza-se aqui, nesse texto, duas dimensões críticas, quais sejam, sua contribuição para a compreensão da educação superior no exterior, a partir de uma perspectiva comparativa, e da sua contribuição para a internacionalização institucional da universidade baiana, a partir de uma perspectiva política. A compreensão dessas duas dimensões exige um conhecimento sobre Edivaldo como pessoa, particularmente o seu processo de formação intelectual e acadêmica através do intenso contato que manteve com culturas e instituições no e do exterior.

EDIVALDO: UM PERFIL INTERNACIONAL

Conta Edivaldo em entrevista ao jornalista Sérgio Matos, publicada no livro “Um cidadão prestante” como foi impactado ao chegar na Salvador dos anos 50 para continuar seus estudos, vivendo as múltiplas experiências que a cidade grande, a Capital, lhe proporcionou. Deixou Feira de Santana para estudar no Colégio Antônio Vieira, onde desenvolveu o hábito da leitura, despertou para as humanidades e teve inoculado o interesse por desbravar o mundo, através do seu sentimento lusófono. Assim, viajar se tornaria uma das maneiras de Edivaldo se encontrar consigo mesmo e buscar apreender as coisas do mundo, de realizar viagens em busca do saber, pois, citando Comenius, Edivaldo considerava que a viagem é educativa pois aprender permite o aperfeiçoamento da natureza humana e pode tornar o “homem sábio e feliz”.

Ao longo da sua vida, Edivaldo, muito viajou. Ao sair de Feira de Santana, embora continuasse feirense até o final da vida, teve aberto novos horizontes, alargou sua visão de mundo. Mais adiante, como estudante do curso de Direito da UFBA viajou pelo Brasil para participar de atividades acadêmicas e políticas numa época em que os estudantes discutiam intensamente e propunham um projeto para reformar a universidade, ainda ancorada na cátedra, e para o desenvolvimento do próprio País. Ao se graduar em Direito e, em seguida, em Ciências Sociais teve a possibilidade de ampliar os limites do seu mundo indo para a França, Paris, em 1964, para realizar estudos iniciais visando obter o Doutorado de 3ª. Ciclo.

Em sua primeira viagem internacional, à França, Edivaldo experimenta aquele sentimento tão bem traduzido por Santo Agostinho, “O mundo é um livro e aquele que não viaja lê apenas uma página”, conforme se percebe no seu relato da experiência e vivência francesas. Professor, escritor e viajante apaixonado Edivaldo nos revela em seu livro “Viagens a caminho do saber”, o seu enriquecimento com o contato direto com a história e a cultura francesas, os professores, colegas e amigos, experiência que será revivida em cada uma das muitas viagens que realizou, seja como incursões para estudo e pesquisa, seja como viagens de lazer, sem compromissos formais, nas quais Edivaldo nunca se comportou como um “turista acidental”, ou seja aquele que sai de casa esperando encontrar sua casa na cidade ou país visitado, aquele que não se abre às novas experiências, ao conhecimento do outro, que retorna à sua casa como partiu, sem modificar seu olhar e conhecimento do mundo.

Edivaldo reuniu em “Viagens a caminho do saber” as crônicas e textos diversos que registram suas impressões de viagens. Nelas, o leitor, ao tempo em que, na companhia de Edivaldo, visita cidades, regiões, trilhas, museus, exposições, restaurantes, etc., percebe e entende o significado de viajar para Edivaldo: sempre a busca pelo saber, pela compreensão do mundo contemporâneo, a relação entre o local e o global, destacando-se, em particular, seu interesse pela educação comparada, ou seja, a educação brasileira e baiana e a dos países visitados e estudados. Gestor público, ocupante de cargos que lhe permitiram formular e implementar políticas públicas seja no nível da educação básica, seja na educação superior, as muitas viagens de Edivaldo pela Europa, Estados Unidos, Canadá, países da Ásia e África sem dúvida contribuíram para o planejamento e construção de projetos acadêmicos na área da educação, como os que tornaram possível a criação da UNEB/Universidade do Estado da Bahia, como universidade multicampi, com propósito, a partir do início, de promover a internacionalização.

LICÕES DO EXTERIOR – A EXPERIENCIA NORTE AMERICANA

Os estudos acadêmicos no exterior realizados por Edivaldo Boaventura foram amplos e diversificados, abrangendo estágios em algumas das mais importantes universidades do mundo, tais como as Universidades de Paris (1965), Harvard (1967; 1969), do Estado de Pennsylvania (1978 – 1981) e do Quebec-Montreal (1995). Tais experiências serviram para alterar e moldar suas perspectivas em relação a universidade brasileira, colocando-o em posição tanto para criticar os arranjos institucionais existentes, quanto para oferecer sugestões e recomendações para sua melhoria, baseadas nas lições observadas enquanto fora do país. Embora todas as suas experiências de vivência internacional fossem instrutivas, a de maior impacto e que recebeu mais destaque na sua obra escrita foi a do seu doutorado, realizado na sua “querida” Penn St. Em livros, tais como os de Boaventura (1984, 1986 e 1994), e em inúmeros artigos de jornal, Edivaldo expressou uma visão sofisticada e internacionalizada da educação superior, usando como base a estrutura, organização e cultura da sua chamada Alma Mater americana. Nesta seção, abordamos, de forma breve, os principais tópicos e lições transmitidos por Edivaldo a partir de seus estudos de Ph.D., que nos anos posteriores, serviram para fundamentar não apenas suas contribuições para a literatura sobre educação superior, mas também para a formulação de políticas e ações

concretas em benefício da universidade no contexto baiano.

O primeiro tópico de destaque trata do conceito Multiversidade. O conceito foi inicialmente associado à obra de Clark Kerr, Presidente da Universidade de California na década de 1960. Na perspectiva de Edivaldo, a noção da multiversidade pode ser entendida como uma universidade que funciona como um “supermercado de conhecimento” ou como um “posto de serviços sociais”. Tal universidade, de acordo com Edivaldo, fornece uma ampla e flexível oferta de disciplinas e outras atividades sócio-acadêmicas, especialmente de natureza informal associada à educação continuada. Dessa forma, a concepção da multiversidade serve para atenuar o choque “do relacionamento da instituição acadêmica com a noção mercadológica de supermercado.” No contexto dela, a universidade funcional e moderna deve oferecer tudo, de estudos religiosos até como usar o computador, cabendo ao aluno escolher o “prato” que mais lhe interesse, com base na sua motivação e nos conselhos de seu orientador. Neste sentido, o aluno assume o papel de “comprador de conhecimento” e, caso o produto não lhe convenha, o mesmo pode ser facilmente trocado por outro. Segundo Edivaldo, a multiversidade pode ser exemplificada pela biblioteca do campus universitário que é democraticamente acessível. Entre as muitas vantagens da ideia da multiversidade é que a mesma facilita a fundição de aprendizagens anteriores com novos enfoques, algo especialmente importante para Edivaldo, considerando que ele, como doutorando, já era um educador e acadêmico experiente.

Fortemente ligado ao conceito da multiversidade, um segundo tópico discutido nos escritos de Edivaldo, trata da sua defesa de uma educação liberal, com foco na aprendizagem geral, além da formação profissional. A partir de sua experiência na Penn St., Edivaldo percebeu que a universidade brasileira era marcada por uma ênfase excessiva na profissionalização, dando pouco espaço para aprendizagens mais genéricas, na qual o aluno “desenvolve a sensibilidade refinada e a sábia apreciação das complexas buscas da verdade”. Neste sentido, ele observou que a palavra latina “liber” significa ser livre e independente e tem servido, historicamente, para fundamentar as faculdades de “Artes Liberais”, de origem inglesa, ainda prevalentes no contexto norte-americano. Para Edivaldo, os dois ciclos de formação, o da educação geral e o do ensino profissionalizante, devem ser “combinados e harmonizados”, de forma a articular processos de ensino-aprendizagem de natureza instrumental e progressiva com uma formação habilitante e eficiente.

Um terceiro tópico abordado por Edivaldo que serve como possível lição para a universidade brasileira a partir da experiência por ele vivida na América do Norte diz respeito à estrutura e à organização de instituições de educação superior. Neste sentido, as noções da instituição multicampi, do sistema trimestral e dos exames compreensivos nos cursos de pós-graduação são particularmente relevantes.

Em relação à universidade multicampi, Edivaldo, que já conhecia a experiência da UNESP, absorveu com entusiasmo a experiência da Universidade do Estado de Pennsylvania e da Universidade do Quebec–Montreal por possuírem uma grande quantidade de campi, situados em diversos locais nos seus respectivos estados, de forma a atender alunos de zonas urbanas e rurais. Registra-se que nessa época a instituição tipo multicampi era modelo ainda raro no Brasil. A maioria das universidades brasileiras estava localizada em grandes centros urbanos, com sua matrícula restrita, principalmente, a moradores das redondezas. Edivaldo enxergou no modelo multicampi uma estrutura capaz de verdadeiramente democratizar a universidade brasileira, através de uma distribuição geográfica que permitia o acesso de alunos provenientes de locais remotos. Ele entendia, no entanto, que o modelo implicava processos administrativos problemáticos, exigindo níveis de articulação e eficiência não facilmente alcançáveis. Como será visto abaixo, seu entendimento das potencialidades e das limitações do referido modelo impactou fortemente na sua contribuição concreta para a educação superior no estado da Bahia.

Ainda como fruto da sua experiência americana, Edivaldo interessou-se pelo sistema acadêmico trimestral, diferente do sistema semestral praticado no Brasil. Da forma como é concebido nos Estados Unidos, o sistema trimestral permite à instituição funcionar durante todo o ano civil, sem interrupção, reduzindo a ociosidade e economizando recursos escassos. A adoção desse sistema implica que a universidade oferece a cada trimestre o elenco completo de disciplinas de modo que o estudante possa se matricular em três trimestres e aproveitar o quarto trimestre para atividades extracurriculares ou até mesmo férias. Edivaldo, apesar de ter apreciado sua experiência com a trimestralidade da Penn St., reconheceu que esse sistema intensificou o ritmo de estudos por compactar a duração de cada disciplina em apenas 10 semanas. Como especialista no campo da administração educacional, ele valorizava estruturas que promoviam graus maiores de economia e eficiência, mas, por outro lado, ele não percebeu na época que na prática o sistema trimestral nunca funcionou da

forma esperada, pois os alunos quase sempre reservaram o trimestre do verão para gozar suas férias. Talvez por isso, nos anos mais recentes, diferentemente do modelo da universidade multicampi, Edivaldo não se esforçou para implementar o sistema trimestral no contexto baiano.

Um terceiro aspecto da organização e estrutura da universidade norte americana que captou a atenção de Edivaldo foi o papel dos exames escritos, de natureza compreensiva, exigidos como etapa do programa de pós-graduação. Tal bateria de provas faz parte dos programas de mestrado e doutorado nos Estados Unidos e Canadá. Trata-se de uma revisão geral do conteúdo estudado nas disciplinas que integram os currículos, além de uma complementação do que não foi visto no decorrer do curso ou do que surgiu mais recentemente na literatura especializada. De acordo com Edivaldo, as provas exigem raciocínio aprofundado e também rapidez nas respostas, pois a prova tem que ser concluída dentro de um horário pré-estabelecido. Ainda segundo Edivaldo, se por um lado tal procedimento acaba confundindo tempo e conhecimento, por outro, ele capta, de forma eficiente, a capacidade de síntese e familiaridade do estudante com os conteúdos acadêmicos pertinentes. Como será visto abaixo, Edivaldo se esforçou para incluir o conceito do exame compreensivo na proposta original do doutorado em educação da UFBA, mas o costume brasileiro, exemplificado pela natureza do exame de qualificação adotado pela pós-graduação da USP, acabou predominando, fazendo com que tal exame, tanto na Bahia quanto no país como um todo, se caracterizasse como um exame oral sobre o projeto da tese/dissertação ou sobre uma versão preliminar da mesma.

Antes de concluir essa seção, existem mais dois ensinamentos sobre a educação superior enfatizados por Edivaldo nos seus trabalhos escritos. O primeiro trata da constituição de uma forte associação de ex-alunos. Tal associação, muito prevalente no cenário de educação superior norte americana, fornece uma variedade de serviços importantes, promovendo, por exemplo, um homecoming anual, no qual ex-alunos vêm com esposa ou esposo e filhos em visita à universidade, viagens turísticas e didáticas nacionais e internacionais para seus membros e campanhas para levantar doações por parte dos graduandos, alimentando, assim, fundos de patrimônio e o tamanho do orçamento da instituição. Em outras palavras, de acordo com Edivaldo, a associação de ex-alunos representa uma forma de “educação continuada” que garante que o antigo aluno não deixe nunca a comunidade

acadêmica que um dia integrou. Edivaldo lamentava que tais associações fossem ainda nascentes no contexto brasileiro.

Outro ensinamento pertinente, encontrado nas publicações de Edivaldo, se articula diretamente com a questão da internacionalização. O mesmo diz respeito à recepção, orientação e estrutura fornecidas pelas universidades norte americanas a seus alunos estrangeiros. Edivaldo descreve o papel do professor-orientador como sendo “um misto de amigo, pai, guia e introdutor do estudante estrangeiro na Universidade”, ou, em linguagem mais familiar, o professor-orientador, na visão de Edivaldo, é um grande “quebrador de galhos”. Edivaldo também destaca o tempo valioso que ele passou no Escritório Internacional de Assuntos Estudantis, onde recebeu orientações, não apenas sobre a vida acadêmica, mas também sobre a vivência na comunidade do entorno. Além disso, fez contatos e amizades com alunos oriundos de diversos países, o que contribuiu para sua vida social e para seu conhecimento sobre o cenário internacional. Edivaldo reconheceu que a internacionalização da universidade depende do envolvimento integral de alunos de outros países por ela acolhidos. Dessa forma, advogou, de forma constante, o estabelecimento de melhores condições nas universidades brasileiras no sentido de receber e integrar o aluno que vem do exterior.

A postura de Edivaldo em relação ao aproveitamento de lições oriundas do exterior e à promoção da universidade internacionalizada é ilustrada pela criação da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), concretizada em 1983 com base na sua liderança como Secretário de Educação na época e como o primeiro Reitor da referida Universidade.

A EXPERIENICA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA

A cooperação entre a Bahia e o Quebec (Canadá) a partir da década de 1980, estimulada por Edivaldo como Secretário de Estado e Reitor, foi fundamental de sentido de consolidar a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) como uma das instituições de educação superior principais na região. A mesma foi, como já mencionado, concebida no formato multicampi e, desde o início, contemplou um projeto de internacionalização. Conforme relato detalhado pelo próprio Edivaldo, a parceria Bahia-Quebec iniciou-se com a realização, em Salvador, do III Congresso da Organização Universitária Interamericana (OUI), no mês de abril de 1983, tendo por tema: “Administração Universitária em Tempo de Crise: perspectivas para o ano 2000”. O evento, que reuniu lide-

ranças acadêmicas de diversos países das Américas, foi organizado com o forte apoio de Edivaldo e, como consequência, em setembro daquele ano, ele, como Secretário de Educação, fez uma visita oficial ao Quebec, onde conheceu de perto várias universidades, especialmente a UQAM, uma instituição pública que integra um sistema multicampi. A visita ao Canadá resultou em convênio assinado por Edivaldo, desta vez como Reitor da UNEB, com a OUI, contemplando um leque de ações no campo da educação. Por exemplo, com o apoio da OUI, foi realizado em 1985 o Curso de Administração Universitária, desenvolvido pelo Instituto de Gestão e Liderança Universitária (IGLU), que ficou a cargo da UNEB. Até 1990, foram viabilizados cinco seminários internacionais sobre a administração universitária e, além disso, realizou-se, no início de 1985, um outro importante seminário, neste caso sobre o acesso à universidade pelo sistema multicampi. O evento teve como objetivo promover a interiorização e a regionalização da educação superior estadual, tema ainda nascente nessa época se se considera o contexto da educação superior brasileira.

Além do acordo entre a UNEB e a OUI, foi também firmado convênio entre a UNEB e a UQAM para a realização, no Campus 1 da UNEB, do Mestrado em Educação da Universidade do Quebec, no período de 1987 a 1990. O Mestrado previu um envolvimento de 50% de cada uma das partes, cabendo ao Canadá assumir os encargos relativos ao seu pessoal docente e à UNEB responsabilizar-se pelos professores brasileiros bem como a infraestrutura física do curso. Voltado para o aperfeiçoamento de 24 professores oriundos da UNEB, todos portadores de certificados de cursos de especialização, o Mestrado apresentou um elenco de 14 disciplinas, que integrou um total de 55 créditos. Foi estabelecido como critério de admissão dos candidatos o mínimo de 450 horas de experiência prévia na área pedagógica e a liberação dos candidatos de suas atividades docentes para se dedicar, durante dois anos, ao curso. O corpo docente foi composto por 11 professores, sete brasileiros e quatro canadenses, e seu trabalho de ensino e orientação foi complementado por professores da comunidade acadêmica local, que participaram em caráter de colaboração, proferindo palestras e fazendo parte de comissões examinadoras, entre outras atividades correlatas. Ao todo, cerca de 40 professores, oriundos de diversas universidades, contribuíram para o sucesso da iniciativa, entre eles, o Prof. Edivaldo, que ensinou, orientou e serviu como membro de inúmeras bancas de dissertação. Dos 24 candidatos selecionados, 22 concluíram o Mestrado, produzindo dissertações volta-

das para problemas da educação brasileira, particularmente os relativos ao contexto baiano. O referido Curso, desenvolvido através da parceria Bahia – Quebec, serviu não apenas para qualificar professores universitários, mas também para viabilizar o estabelecimento de núcleos duradores de pesquisadores do campo da educação e o desenvolvimento de intercâmbios entre a UNEB e outras instituições, nacionais e estrangeiras.

Também resultado da referida parceria foi a criação, em 1992, do Núcleo de Estudos Canadenses, situado na sede da UNEB. O referido Núcleo tinha como sua esfera de atuação a região Nordeste, enviando informações relativas a intercâmbios, seminários, congressos e bolsas par as mais diversas instituições. O Núcleo também lançou sua própria revista, intitulada *Canadarte*, publicando artigos acadêmicas de boa qualidade voltadas para o fortalecimento da relação Brasil – Canadá através de estudos analíticos e informativos referentes aos dois países. Importaneamente, o Núcleo serviu como base para a criação de outros centros binacionais na UNEB, inclusive um estabelecido em parceria com o Japão.

A UNIVERSIDADE INTERNACIONALIZADA – UMA VISÃO MADURA

Fica evidente pelo exposto acima que Prof. Edivaldo Boaventura contribuiu para a internacionalização da universidade brasileira de várias maneiras, divulgando informações sobre outros países, colhendo lições pertinentes ao contexto brasileiro e implantando uma universidade que foi, a partir do início, de natureza internacionalizada. Sua visão sobre a universidade internacionalizada foi expressa em várias de suas publicações, especialmente no seu artigo intitulado “Educação planetária em face da globalização”. Já pelo título, a visão internacional de Edivaldo se manifesta, pois no lugar do termo mais comum, ou seja, educação global, ele adota uma visão mais ampla e holística fundamentada, principalmente, na literatura canadense. Para ele, uma educação planetária transcende a noção da educação global, no sentido de contemplar, organicamente, quatro elementos centrais: direitos humanos, cultura da paz, meio ambiente equilibrado e desenvolvimento sustentável.

Segundo Edivaldo, dimensionar a educação na perspectiva planetária possibilita uma compreensão internacional do mundo atual e futuro, seus problemas e desafios. Assim no contexto da mundialização, os alunos desenvolvem um conhecimento crítico dos desafios e uma tomada de consciência

da interdependência mundial, que lhes permite acrescer habilidades para tratar dessas questões. O currículo, de qualquer nível da hierarquia educacional, deve ser considerado um instrumento em busca da paz e da conquista de direitos humanos, com acesso às carreiras e com garantido sucesso nas ocupações do mercado de trabalho. Diante da globalização, é necessário fazer crescer o sentimento distributivo da justiça social e da uma educação compensatória, considerando o nível local, regional, biorregional, nacional e planetário. Neste sentido, é valorizada a comunicação dos idiomas, especialmente o inglês, por promover ligações e interações entre culturas diferenciadas e permitir uma educação que aproxime os cidadãos. Para tanto, são desprezados os paradigmas mecânicos e enfatizadas as abordagens pluri e multidisciplinar. Essa preocupação holística, de acordo com Edivaldo, permite adquirir valores que tornarão prioritários a justiça social para os habitantes do mundo inteiro, a busca da paz, os direitos humanos e as estratégias de desenvolvimento econômico, social e cultural, benéficas para homens e mulheres. Acredita-se que a educação na escala planetária assegura que os alunos estejam aptos a se afirmarem como cidadãos responsáveis e empenhados na criação de um futuro aceitável para si, para sua comunidade e para todos os habitantes do planeta. Assim entendido, o objetivo da educação global é favorecer a compreensão das múltiplas dimensões. A educação, como poder condicionado, em face da complexidade da globalização, constitui-se em processo amplo, difícil, que envolve a dinâmica das comunicações quase instantâneas aos eventos ocorridos por toda parte e as transações econômicas e financeiras, formando sólidas cadeias produtivas.

Assim, para Edivaldo, a internacionalização da universidade envolve muito mais do que a promoção de intercâmbios e colaborações internacionais. A mesma remete aos próprios valores da instituição, a natureza de seu currículo e a postura adotada por seus atores, sejam ele dirigentes, professores, técnicos ou alunos. A universidade internacionalizada é, de fato, a multiversidade discutida acima, promovendo uma educação de natureza liberal e constituindo um espaço dialético de análise e crítica onde educação geral e a formação profissional são desenvolvidas de forma articulada.

E onde nasce esta visão madura da internacionalização da educação superior tão eloquentemente explicitada na obra acadêmica de Edivaldo? A raiz de seu pensamento a respeito é captada por suas palavras expressadas a seguir: “desejo sempre saber mais, indagar, observar e viajar”

REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, Edivaldo M.. **A Segunda Casa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. 145p

BOAVENTURA, Edivaldo M.. Cooperação institucional Canadá-Bahia. **Canadart Revista do Núcleo de Estudos Canadenses da UNEB**. Salvador, v. 10, p. 97-116, 2003.

BOAVENTURA, Edivaldo M.. Educação planetária em face da globalização. **Revista da FAEEBA Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 5, n.1, p. 47-56, 2003.

BOAVENTURA, Edivaldo M.. **Viagens a caminho do saber**. Salvador: Quarteto Editora, 2016. 214p.

BOAVENTURA, Edivaldo M.; MATTOS, Sérgio. **Um cidadão prestante: Entrevista Biográfica com Edivaldo Boaventura**. Salvador: Quarteto Editora, 2014. v. 1.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Universidade e Multiversidade**.. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986. 108p.



⌈ O amigo Edivaldo ⌋

POR FERNANDO PEDRÃO⁷⁵

A CATEGORIA AMIGO É a mais difícil de cumprir no ser humano porque implica desprendimento e constância que são qualidades tão mais raras quando se manifestam em condições desfavoráveis. Amigo implica em valores humanos que têm a ver com ética. Armando Mendes, que como Edivaldo era católico a la Paul Claudel, achava que a primeira realização de Cristo foi ter mostrado o ideal da amizade sobre um grupo de pessoas que se valorizaram por se tornarem amigos. A missão se tornava mais importante que a pessoa.

Edivaldo deu-me sucessivas lições de amizade desde que compartilhamos a direção de um curso sobre desenvolvimento econômico em associação com a CEPAL no primeiro semestre de 1963, ele como chefe do escritório da SUDENE na Bahia e eu como professor contratado pelas Nações Unidas para esse empreendimento. Foi um curso de seis meses para o qual trouxemos membros da equipe da CEPAL como Aníbal Pinto e Julio Melnick. Foi um risco profissional porque da equipe de Celso Furtado somente Nailton Santos nos apoiava. Ficaram surpreendidos porque nossas aulas garantiram um espaço baiano em uma SUDENE que se pretendia ser pernambucana. Nailton Santos estabeleceu a visão educativa da SUDENE apoiado por Antônio Cabral de Andrade, com uma proposta inclusiva que levaria mais tarde à UNICEF.

⁷⁵ Professor aposentado da Ufba, membro titular da Academia de Ciências da Bahia, fundador do Centro de Estudos Sociais.

A categoria amigo na literatura medieval de que Edivaldo gostava, é atribuída com discrição a Olivier que permaneceu ao lado de Roland até o fim em Roncesvales; e a Álvaro Fañez, que ficou ao lado de El Cid no exílio e de quem disse Manuel Machado que diga seu nome e basta. Amigo foi André Rebouças que acompanhou o Imperador no exílio. Amigo foi Edivaldo Boaventura que acompanhou Roberto Santos na criação da Academia de Ciências da Bahia.

Edivaldo Boaventura revelou-se de constância sem precedentes. Do primeiro concurso que fiz para a Universidade Federal da Bahia que foi obstaculizado pela burocracia. Fui salvo por dois amigos que descobriram o problema de publicarem minha nomeação em coluna da *Marinha*: Vitor Gradin e Edivaldo Boaventura. Pude apenas agradecer.

Passados muitos anos e tendo eu sido perseguido pela ditadura e tendo vindo a Salvador fui recebido por Edivaldo com sua costumeira integridade. Começava novo período de nossa amizade que tomaria um corte baiano, porque como Secretário de Educação Edivaldo teve um desempenho criativo, tornando-se o responsável pela criação da Universidade do Estado da Bahia e sempre atento às necessidades de sua querida Feira de Santana. Tornou-se um diferencial no modo de ver educação que lhe valeu, anos depois, um doutorado honoris causa.

Foi nessa época que veio a Salvador uma missão ILPES/CEPAL liderada por Antonio Baltar e que ajudou Edivaldo em seus planos de modernizar o ensino superior na Bahia. Apesar de sua habilidade para se mover nos círculos do governo Edivaldo não era parte do pequeno círculo decadente de intelectuais tradicionais da Bahia, todos eles de escassa produção. Edivaldo tinha o costume de escrever e de fazer pesquisa, tornando-se junto com José Calasans a maior autoridade da Bahia sobre Canudos. Chegavam ao fundo de nossa alma. Canudos é essencial para todos que reconhecemos o fundamento sertanejo, porque exprime o valor social do homem da sociedade agropastoril do semiárido como verdadeiro fundador da identidade brasileira. O Brasil caboclo de Zé Lins, de Graciliano, de Ari Barroso, de Silvio Caldas. Também de Inácio da Catingueira e de João Abade. Também de João Falcão e de Chico Pinto. O tema que nos interessava não era o semiárido físico, era a sociedade sertaneja que mora no semiárido. Por isso era necessário criar um centro de pesquisas das universidades federais sobre o mundo semiárido. Foi o projeto Xingó em que nos envolvemos na década de 1990.

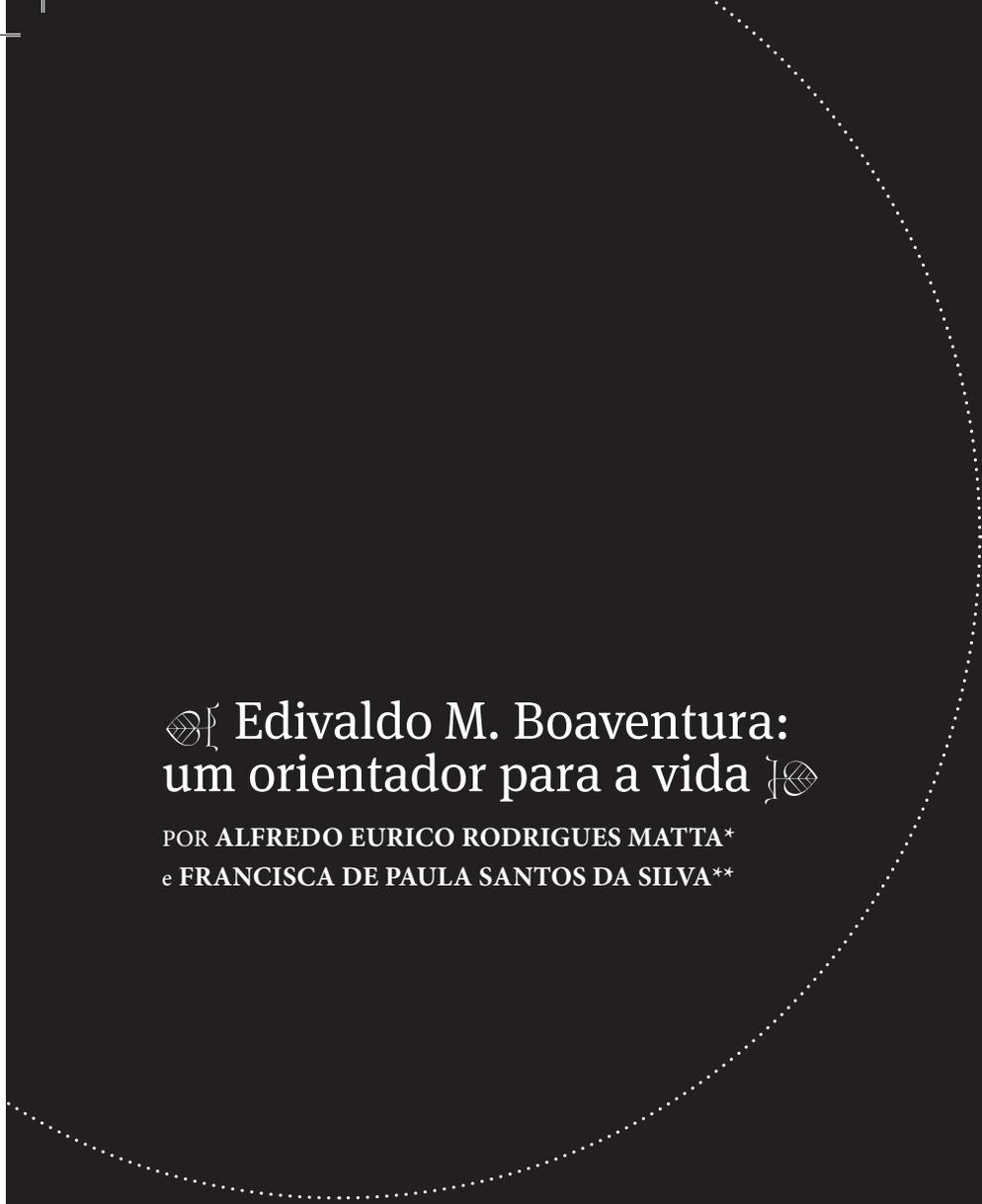
Nos anos oitenta a história se repetiu. Tive que fazer segundo concurso para a UFBA e a mão gentil de pessoas instaladas no sistema corporativo tentou rebaixar minhas notas e sumiu com meus papéis. Eu me tornara inconveniente porque era hegeliano e crítico da economia neoclássica. Edivaldo mergulhou no abismo da burocracia e conseguiu resgatar meu processo antes que caducasse.

Adiante nos reencontramos no universo acadêmico privado da Unifacs, onde compartilhamos um trabalho interdisciplinar entre desenvolvimento regional e educação. Edivaldo tornou-se uma referência para os que percebiam os fundamentos contraditórios da carência metodológica reduzida a procedimentos mecânicos. Publicou junto com os alunos. Insistia que os alunos lessem autores clássicos e em nossas cordiais diferenças encontrei sempre o colega amigo que tinha a paciência de ouvir minhas intemperanças. Se estava clara a inutilidade de explicar problemas brasileiros com Max Weber e Geertz, era preciso ver o lado positivo da cultura norte-americana. Sentindo-se aluno de Filadélfia Edivaldo insistiria em Peirce e Dewey enquanto eu preferia Morris Cohen, Ralph Eaton e Hollis Chenery. Ambos achávamos necessário conhecer melhor as contribuições contraditórias norte-americanas.

A vocação internacionalista de Edivaldo tornava-se uma referência colateral ao dogmatismo dos cursos de relações internacionais que proliferavam repetindo fórmulas gagás de positivismo popperiano. Sem alarde, instalava-se na Bahia uma leitura realista do mundo internacional, em que se combinava o humanismo católico de Maritain e Godelier com um historicismo à la Dilthey e Rickert. Desde trincheiras diferentes comungávamos com a crença em relações internacionais voltadas para valorização social. O rejuvenescimento da Igreja contracenava com as igrejas sem teologia mercantilizadas. O humanismo se apresentava como resposta decisiva à truculência fascista que medrava na classe média desnacionalizada.

Nesse meio tempo faleceu Nailton Santos e fomos os dois aos funerais ecumênicos na Universidade Católica de Pernambuco à qual ele se dedicava e onde conhecemos o padre Menezes, tradutor de Hegel. Ah, mais uma vez, deu sua declaração de considerar Nailton, que morreu como membro do comitê central do Partido Comunista Brasileiro, como ser humano mais consistente que o famoso irmão mais velho. Participamos da doação da biblioteca de Nailton à UNICAP.

Tornou-se claro, entretanto, que nosso espaço intelectual se estreitava com a desnacionalização da Unifacs. O prestígio de Edivaldo se manteve por sua reconhecida titularidade e sua presença no meio científico, que veio a ser homologada com a criação da Academia de Ciências da Bahia de que foi fundador e vice-presidente com um olhar de ciências humanas. De fato, ainda com fraca presença das ciências sociais, impregnadas do olhar mentecapto de Wittgenstein, abria-se um espaço significativo para as dissidências que já antecipavam a truculência do conservadorismo cioso de seus espaços. Com seu estilo derivado do patriarcalismo, Edivaldo pertencia a uma Bahia amável que se desvanecia. Edivaldo já se tornava contraditório com a nova fase do ensino privado onde as nuvens se carregavam para ele. O ciclo do ensino privado criativo se fechava. Já se tornava clara a necessidade de uma cooperação das universidades públicas para recuperar a autonomia do pensamento intelectual e expulsar os vendilhões do templo. Em uma de nossas últimas conversas em almoços acompanhados de Brunello, ponderávamos sobre a conveniência de trazer Alberto Magno de volta para a universidade com sua pedagogia do debate. Uma universidade despida de arrogância, capaz de pensar o futuro, com a humildade e a determinação canina do cristianismo de Pedro o Pescador.



 Edivaldo M. Boaventura:
um orientador para a vida 

POR ALFREDO EURICO RODRIGUES MATTA*
e FRANCISCA DE PAULA SANTOS DA SILVA**

INTRODUÇÃO

É UMA SATISFAÇÃO PODERMOS participar desse livro e agregarmos a tantas outras manifestações de apreço e valor relacionadas ao nosso Mestre Edivaldo M. Boaventura, como gostava de se autoreferir.

Por outro lado, trata-se de uma grande responsabilidade estarmos aqui falando do orientador Edivaldo Boaventura, tendo em vista os(as) tantos(as) outros(as) orientandos(as) importantes que estiveram ao seu lado. Esperamos poder representar seus muitos e valiosos(as) orientandos(as), colegas nossos, que tiveram o privilégio de tê-lo na orientação de suas vidas acadêmicas.

As principais características de Edivaldo enquanto orientador são: a] sua versatilidade; b] seu enorme conhecimento sobre metodologia da pesquisa; e c] seu carácter de orientação contínua e para toda a vida. Ele tinha a característica de aprender o tempo todo, participar o tempo todo, orientar o tempo todo. Muitas vezes orientava e aprendia em suas elegantes participações nas bancas de exame de trabalhos científicos. Ou seja, mesmo examinador, ele era capaz de orientar e participar dos trabalhos como poucos, e acres-

*Pós-doutor em Educação à Distância pela Universidade do Porto, Portugal. Doutor em Educação pela UFBA/ Université Laval, Canadá. Pesquisador do CNPQ. Professor do DMMDC, MPEJA e PPGEDUC, da UNEB. E.mail: alfredo@matta.pro.br

**Pós-Doutora em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutora em Educação pela UFBA. Pesquisadora do CNPq. Professora do DMMDC, PPGEDUC e MPEJA, da UNEB. E.mail: fcapaula@gmail.com

centar com elegância e parceria, seu aporte aos que tinham a sorte de tê-lo como examinador. Se era assim como examinador, imagina como orientador.

Vamos então nas próximas páginas tentar dimensionar essa prática de orientação do nosso saudoso Mestre, agradecendo ao organizador deste livro, o gentil e bem-vindo convite para esta nossa contribuição.

EDIVALDO, O GRANDE ORIENTADOR

Devemos iniciar o ensaio dizendo que a ação de Edivaldo M. Boaventura foi tão fértil e, ao nosso ver, duradoura, que este, assim como imaginamos, qualquer outro capítulo deste livro poderia facilmente ser desdobrado e produzir um livro completo. Vamos, portanto, fazer um ensaio capaz de nortear o leitor sobre esta capacidade de Edivaldo, já sabendo o tanto a mais que poderemos acrescentar no futuro. A ação de Edivaldo como orientador foi um verdadeiro exemplo de como proceder em orientações científicas. Sua prática poderia nortear àqueles que pretendem, ou que estão iniciando atividades de orientação.

Temos que reconhecer a excelência da orientação de Edivaldo. Pelo que conversávamos, ele teria sido desde sempre um aficionado pelo método científico. A leitura de René Descarte foi realizada desde os anos de 1960. E foi, a partir daí, adquirindo muito conhecimento a respeito, por interesse legítimo a este campo de conhecimento. Acreditamos que o orientador que conhecemos estava formado após o período de doutoramento em Educação na Pennsylvania State University (Penn State), em 1981. Foi do mergulho e discussão com o ambiente acadêmico norte-americano, em particular, mediado pela Penn State, que Edivaldo percebeu a força do rigor científico da pesquisa experimental, e do respeito à autoridade do método, desenvolvendo daí a certeza de que a universidade norte-americana era a melhor do mundo, conforme dizia com frequência. De fato, nos convenceu disto: uma das forças da nação norte-americana é a excelência de suas universidades e de seu rigor de metodologia científica, como em conjunto dialogávamos. E foi esta força da metodologia e do trabalho científico norte-americano que Edivaldo trouxe para o Brasil, multiplicando assim a influência da Penn State no país, e, predominantemente, na Bahia. Foi mesmo por mérito que Edivaldo recebeu o Prêmio Alumni Fellows Award da Penn State, em 1989 – já que foi um verdadeiro discípulo de seus professores e da filosofia daquela universi-

dade. Ressaltamos a forte influência que Edivaldo teve do professor PHd. John Withall, referindo-se sempre aos seus ensinamentos sobre o Clima Socio-Emocional da Sala de Aula, que, curiosamente, em 1986, realizou seminários com esse tema em Salvador, Aracaju e Maceió.

Indicou-nos e, de fato, nos deu de presente, cópia do material do PHd. Withall utilizado no referido seminário, e o livro Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais, de Fred Kerlinger (1979), e nos colocou em contato para diálogo com seu colega Hermes Teixeira de Melo, um dos parceiros favoritos de Edivaldo, quando da tarefa de orientar, e que também havia estudado na Penn State, tendo, portanto, a mesma base. Edivaldo o considerava, com razão, expert no uso de métodos estatísticos para as Ciências Sociais. Não quer dizer que Edivaldo fosse um adepto das pesquisas quantitativas. Ele tanto utilizava as quantitativas, quanto às qualitativas, a depender do perfil da pesquisa e do(a) orientando(a). Devemos ainda acrescentar a forte influência que Edivaldo trouxe dos Estados Unidos e de seu doutorado em Penn State, de pensadores como John Dewey e Carl Rogers, os quais eram citados e indicados a todo momento. Dentre os brasileiros, destacava-se a aproximação e admiração, até a citação contínua, de Anísio Teixeira. Era um pesquisador solidamente formado, muito bem formado, e senhor do método.

Destacamos então a excelente formação científica e acadêmica do nosso Mestre, que já o diferenciava como orientador. Desde nossa presença no ambiente universitário da Bahia, já nos anos de 1990, caso alguém nos pedisse para citar um excelente orientador baiano, não teríamos dúvidas, o nome que vem à mente é o de Edivaldo M. Boaventura. Sendo um dos aspectos de destaque, exatamente uma formação toda voltada para metodologia e a prática da orientação científica. Este aspecto, como é silencioso e só perceptível na medida do êxito dos egressos da orientação - que aliás são muitos, e de sucesso - é pouco conhecido, quando se fala da vida de Edivaldo.

PRODUZINDO BASE PARA A ORIENTAÇÃO

Uma faceta desta qualidade, e que a expressa, é a quantidade de livros, capítulos e artigos, que Edivaldo publicou, sobre metodologia e produção científica. São tantos que serei obrigado a escolher o que pensamos serem os principais, e ainda, devemos admitir, possamos não conhecer todos.

Em 1969, seu primeiro livro tinha o título de Ordenamento de Ideias, publicado pela editora Estuário (BOAVENTURA, 1969). Que por ser o primeiro livro de sua autoria, já bem mostrava o interesse dileto pela temática do método e do conhecimento. Após este início, dedicou-se a outros temas mais próximos de sua atividade, já que somente a partir do Doutorado na Penn State voltaria a estar atento à questão do método, desta vez para participar de projetos de pesquisa em âmbitos de Mestrado e Doutorado, e mesmo de universidades por completo, como o da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, sua amada criação. Quando concluiu seu doutoramento na Penn State, e na verdade já na condição de professor de Pós-Graduação, lançou o famoso livrinho Como Ordenar as Ideias (1988), pela Ática, uma obra prima e enxuta de orientação sobre a ordenação do trabalho acadêmico e científico, muito citado e estudado no Brasil. Tivemos o prazer de lê-lo, quando orientados por Edivaldo, o que nos ajudou muito.

A partir de então, suas publicações sobre método e orientação se multiplicaram, e foram se desenvolvendo na medida de seus maiores interesses de pesquisa.

Sua presença em Institutos e Academias da História, em vários países – e aqui destacamos o Instituto Geográfico Histórico da Bahia, o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e a Academia Portuguesa da História – inspirou uma série de trabalhos sobre a metodologia e os métodos da História, inclusive articulando o estudo da História com o da Educação, seu campo principal de conhecimento. Publicou o artigo O Método Histórico Aplicado à Pesquisa Educacional, em 1992 e 2003, publicou dois artigos com o mesmo título, mas com evidente aprofundamento no de 2004, o que indicava sua evolução sobre o tema, tinha o título Aplicação do Método Histórico à Educação. Devemos acrescentar que este interesse pelo método histórico nos influenciou como orientandos, tendo em vista que desde sempre trabalhamos com contexto histórico nas nossas pesquisas e com os nossos(as) orientandos(as). Herdeiros, portanto, da orientação do nosso Mestre Edivaldo M. Boaventura.

Bacharel em Direito, Edivaldo jamais deixou de dedicar parte de seu esforço à orientação daqueles que se esforçavam para desenvolver a pesquisa no campo jurídico. Membro da Academia de Letras Jurídicas da Bahia, contribuía principalmente no campo da pesquisa, com esta área de conhecimento. Publicou o artigo A Monografia Jurídica, em 2002, e

neste mesmo ano, dedicou um de seus livros Metodologia da Pesquisa e Monografia Jurídica.

É claro que, textos voltados para a pesquisa científica, em geral, prevaleciam em número e em influência. Além dos já citados livros Ordenamento de Ideias (1969); e Como Ordenar as Ideias (1988), publicou os artigos Metodologia da Pesquisa e Elaboração da Monografia, em 2001; Plano e Redação da Dissertação, em 2003. Em 2005, publicou os artigos Estrutura da Dissertação Acadêmica; Pesquisa e Ética nas Organizações de Educação Superior; e Como Planejar a Dissertação de Mestrado. Foi 2005, um ano bastante dedicado à Metodologia e aos estudos sobre orientação. Edivaldo também publicou livros: Metodologia da Pesquisa: proposta de pesquisa – um maravilhoso apoio à orientação, que utilizamos até hoje –, em 2002; Metodologias Qualitativas de Pesquisa, em 2008; e Exercícios de Metodologia da Pesquisa, em 2017.

Para findarmos essa seção, temos que falar de mais uma herança. Tornamo-nos, nós mesmos, interessados e estudiosos da metodologia científica e orientação, seguindo e adotando a linha de trabalho de Edivaldo. É para nós um orgulho, que Edivaldo tenha acompanhado, e desenvolvido conosco, nossa abordagem de metodologia para pesquisa aplicada. Acompanhando, porque como era apaixonado por pesquisa, acolhia a metodologia quantitativa, a experimental, a qualitativa, a histórica, e quando percebeu que as pesquisas aplicadas iam ganhar espaço no mundo, foi também atrás desta abordagem. Aproveitou que estávamos aprofundando o assunto e nos acompanhou colaborando conosco, e passando a adotar quando conveniente a Pesquisa-Aplicação. Aliás também o acompanhamos no desenvolvimento de abordagens e metodologias para a Educação à Distância - EaD, e para a Pesquisa em História.

Foi uma grande satisfação termos produzido juntos, e publicado o artigo Design-Based Research ou Pesquisa de Desenvolvimento: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século XXI, em 2014, texto com o qual introduzimos a Pesquisa-Aplicação no cenário brasileiro de pesquisa, hoje metodologia inovadora e atualíssima. O que é impressionante é que aos 84 anos, quando saía de cena da vida, para entrar em definitivo para a História, Edivaldo estava atualíssimo e na vanguarda de pesquisa em diversos temas, um deles a metodologia de pesquisa, tema no qual tivemos a grande satisfação de estar com ele. Outro artigo foi o New

Languages for the History: transformations mediated by the digital technology, de 2018, no qual discutíamos conhecimento metodológico a ser aplicado em EaD, e na pesquisa mais inovadora em História.

Também estamos juntos em capítulos de livros: a] Desenvolvimento de um Framework Design-Based Research - DBR para Pesquisas Aplicadas pelos Grupos Sociedade em Rede e Sociedade Solidária, Educação e Turismo, de 2018, com o qual projetamos a Pesquisa-Aplicação em livro, para todo o país; b] Design-Based Research ou Pesquisa de Desenvolvimento: utilizando-a para pesquisa aplicada em pós-graduação stricto-sensu. de 2017, capítulo de livro sobre metodologia, organizado pelo próprio Edivaldo; e, c] Design-Based Research ou Pesquisa de Desenvolvimento: pesquisa aplicada para educação e tecnologia educacional, de 2016.

Com uma produção assim significativa sobre epistemologia, metodologia e organização de trabalhos acadêmicos, Edivaldo fortalecia ainda mais seu perfil de excelente orientador, podendo recorrer a produções próprias e de qualidade ímpar sobre o assunto.

Aprendemos com ele que orientação é uma relação para a toda vida, e o considerávamos sempre nosso orientador, mesmo após a conclusão de nossas pesquisas de doutorado. De fato, passamos a pensar que estávamos continuando suas orientações em nossas próprias orientações. Alguns de nossos orientandos dialogavam com ele, aprendiam com ele. Marcávamos encontros para que pudéssemos apresentar quem estávamos orientando. Era como se fosse um segmento de seu trabalho, o nosso trabalho. Ao menos nós interpretávamos assim. E a julgar pelo carinho e adoção que testemunhamos ele ter por nossos(as) orientandos(as), tais como Emanuel Nonato, Luciana Martins, Erisvaldo Souza, Ednei Santos e Bruno Santos, evidenciando que também os assumia. Parece que Edivaldo criava mais que um grupo de pesquisa, era uma espécie de família paralela, sua equipe de pesquisadores(as). Pensamos, inclusive, que esta capacidade de ampliar seu próprio grupo de pesquisa a partir dos grupos de pesquisa de seus egressos de orientação, era comum e ocorria não só conosco. É verdade que estes nossos pós-graduandos citados trabalharam com temas de seu domínio: Emanuel é epistemólogo refinado, e excelente orientador; Luciana, trabalhou com EaD, História e Turismo; Erisvaldo, com História de Feira de Santana – só pelo fato de tratar de Feira e do

Sertão, já lhe interessava; Ednei, trabalhando com Anísio Teixeira, Escola Parque, História e Gestão da Educação, temas prioritários de estudo para Edivaldo; e Bruno, que foi seu orientando de Mestrado, seguiu conosco trabalhando Turismo, EaD e Tecnologias Educativas. Tratava-se, portanto, de uma adoção em trabalho, e de um seguimento mesmo dos focos de interesse, como se os projetos de seus egressos de orientação seguissem em continuidade daquilo que ele havia preparado. De fato, sentíamos-nos seguidores de suas abordagens e temas, e nossos projetos e pesquisa lhe eram dedicados como sendo também dele. E isto parecia tão natural!

Ressaltamos que a relação afetuosa entre orientador e orientandos(as), foi fonte de inspiração para a elaboração de um projeto de pesquisa, ensino e extensão na localidade do Cabula, lócus da sua amada UNEB. Este projeto intitulado por Turismo de Base Comunitária no Cabula – TBC Cabula, foi dedicado ao Mestre Edivaldo ainda em vida. Recordamos de sua presença e participação como palestrante no IV Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária – IV ETBCES, realizado no Colégio Estadual Ministro Aliomar Baleeiro, em 2014, no bairro de Pernambués. Bem como, escolhemos Feira de Santana como foco de nossas pesquisas, em homenagem a Edivaldo, que sempre dizia de forma graciosa que quem nasce nesta cidade é sempre inteligente. E, não deixamos de dar continuidade às pesquisas em e sobre Canudos e seus arredores.

VERSATILIDADE E DIVERSIDADE TEMÁTICA: APRENDER COM AS ORIENTAÇÕES

Um desafio bem complexo é falar da prática de orientação de Edivaldo Boaventura. Afinal, ele orientava que temas? Quais os focos de sua proposta de pesquisa e epistemologia? Quem o conheceu em ação sabe da dificuldade da pergunta. Cite alguém que entendia de EaD, Tecnologia Educativa, Inovação Tecnológica, como poucos, era Edivaldo Boaventura; mencione quem entendia sobre História Militar e do desenvolvimento das guerras napoleônicas, ou da II Grande Guerra Mundial, era Edivaldo Boaventura; lembre de outro que era expert em vinhos, regiões e sabores vinícolas, mesas típicas do Recôncavo ou da Estremadura Portuguesa, era Edivaldo Boaventura.

Sua cultura geral e aprofundamento em vários temas de estudo era impressionante, sendo pouquíssimos os sujeitos que conhecemos que con-

seguiam ser seus pares de diálogo. E isto, com uma humildade e capacidade de escuta exemplares e dignas de serem seguidas. Talvez aí pesasse o caráter extremamente cristão e católico de Edivaldo – mais um tema de seu aprofundamento: o Cristianismo. Edivaldo, tratava com igual deferência e acolhimento, emprestava toda a atenção, a príncipes e marqueses, literalmente, ou ao mais simples dos moradores de rua. Com esta característica era capaz de ampliar enormemente o alcance de suas orientações.

Já vimos muita gente falar muita coisa sobre quais seriam os campos de especialidade de Edivaldo, sobre qual seria o campo principal de seu vasto conhecimento. A dúvida e variedade de respostas é justificada por tudo já dito aqui nesse texto; mas se formos decidir qual é o campo principal de conhecimento do Mestre, devemos concordar com sua filha Lídia Boaventura Pimenta, acontece que todo o diverso conhecimento e formação de Edivaldo convergiam para fortalecer seu trabalho e pesquisa na Gestão da Educação. Edivaldo, era mais que tudo um especialista profundo em Gestão da Educação, na Legislação da Educação, e na História da Educação, esta última muito focada na História da Gestão Educacional, principalmente da gestão brasileira da educação, e da gestão do ensino superior, neste caso não só brasileira, pois o que aprendemos sobre os modelos anglo-saxão e latino do ensino superior com Edivaldo, jamais vimos em nenhuma outra fonte. Ele reunia tudo em sua mente.

Ao analisarmos seu Currículo Lattes, podemos ter ideia de suas especialidades, apesar de que na seção, o Mestre não foi tão cuidadoso no registro de algumas produções, como era em relação aos livros e artigos. Isto porque temos registro de alguns capítulos que não constam lá.

Dos 21 capítulos de livros, 52 livros e 212 artigos de sua autoria, registrados no lattes, podemos observar a seguinte estratificação de temas de estudo, apresentada no Quadro 1, a seguir.

QUADRO 1
**TEMAS E PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DE
 EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA**

TEMAS	CAPÍTULOS DE LIVROS	LIVROS	ARTIGOS
Administração	01	00	00
Africanias	00	01	01
Biografias e Academias	04	12	71
Cristianismo	01	00	01
Direito	00	01	06
Economia	00	00	03
Educação à Distância	01	00	00
Ensino de Direito	00	00	01
Gestão da Educação	06	08	51
Gestão do Ensino Superior	01	10	18
História	05	03	25
Literatura	00	02	06
Lusofonia	00	02	16
Metodologia	01	10	12
Psicologia	00	01	00
Turismo e Apodemia	01	02	01
Total	21	52	212

Fonte: Elaborado pelos autores, acesso ao currículo lattes de Edivaldo Machado Boaventura, em 23 de janeiro de 2020.

A amplitude dos temas abordados por Edivaldo fica demonstrada. Nota-se, por exemplo, que jamais deixou de orientar e trabalhar com o Direito e a Ciência do Direito.

Biografias e estudos sobre as Academias, compõem um campo de grande interesse. Principalmente após se aposentar da Universidade Federal da Bahia - UFBA, sua ligação com as academias de que era ativo associado, e com os institutos históricos, concentrou uma parte importante da produção do Mestre neste campo. É por meio destes estudos que ele tinha ingresso nas

questões da História Militar, do Cristianismo, da Literatura, e outros. São estudos na direção também da genealogia, das sociedades, de personalidades, são interdisciplinares. Em relação aos assuntos africanos, particularmente estudos sobre a Capoeira, Edivaldo foi um pioneiro. Um pesquisador que abriu espaço importante para os assuntos Africanos e seu estudo, em épocas que o preconceito era ainda maior que na contemporaneidade.

Sobre História, contexto histórico e historiografia, Edivaldo teve forte produção. Um de seus campos favoritos, de fato. Mas sem dúvida, o campo de maior concentração de estudos de Edivaldo foi a Gestão da Educação e a Gestão da Educação Superior. Aí está a concentração dos resultados do Doutorado na Penn State, dos mandatos como Secretário da Educação, dos projetos de gestão e criação das universidades estaduais, da ação de criação do Instituto Anísio Teixeira - IAT, do Instituto de Rádio Difusão do Estado da Bahia - IRDEB e das ações de gestão que teve na UFBA.

A Lusofonia e todos os assuntos ligados à comunidade portuguesa de nações, incluindo aí regiões colonizadas em algum momento, foram muito cuidados por Edivaldo, que acreditamos, fosse um dos maiores conhecedores da humanidade sobre esta questão. Conhecia Portugal como poucos portugueses, o Brasil como pouco brasileiros, visitou Cabo Verde, Macau, Goa, Calicute, Colônia no Uruguai, colônias portuguesas nos Estados Unidos e Canadá. Não só conhecia como estudava com detalhe, inclusive os autores poetas e literatas da língua portuguesa. Este interesse era parte de um outro tema sobre Turismo e Apodemia – a aprendizagem pelas viagens - que Edivaldo tanto vivia e apoiava.

Sobre Metodologia e Epistemologia já falamos. E além destes, trabalhava com Economia, Literatura, Psicologia, Administração, Cristianismo, e Educação à Distância.

Eram todos importantes e tinham a presença constante de Edivaldo. Não nos deixemos enganar pela pouca produção em algum tema. Por exemplo, em Educação à Distância, além do capítulo de livro citado, Edivaldo foi premiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ, Prêmio Jovem Cientista, como Orientador, exatamente de Tese sobre Educação à Distância, recebeu dois prêmios de reconhecimento da Associação Brasileira de Educação à Distância - ABED, como pioneiro e expert no assunto. Ao criar o IRDEB e o IAT, acabou por participar da emergência da EaD no Brasil.

A amplitude dos temas de trabalho de Edivaldo explica também seu sucesso na orientação de tantos egressos, e na importância da semente que plantou na Bahia.

GRUPO DE PESQUISA: ORIENTAR TODO DIA, O DIA TODO

A prática de orientação de Edivaldo parecia com uma espécie de motor-contínuo, nunca parava. Éramos muito companheiros, andávamos pela cidade, íamos juntos para experiências gastronômicas, enológicas, culturais, acadêmicas, isto não somente os autores, pois a companhia era uma festa.

Os (As) orientandos(as) se revezavam, e partilhavam, estes momentos que Edivaldo chamava de convivência acadêmica. Ele tinha toda a razão sobre como a companhia deve provocar que se respire a pesquisa, o estudo, o aprofundamento. Tantas vezes eram as viagens. Viajávamos muito os três juntos, ou os quatro, já que a presença de Solange Boaventura, sua esposa, era frequente. Frequentemente, o grupo era maior: agregava amigos como Miguel Monteiro, ou Dulce Matos (in memoriam), de Portugal, às vezes João Eurico Matta, pai de um dos autores deste capítulo, ou outro colega acadêmico, ou Antonieta d'Aguiar Nunes, ou outro orientando, tal como Adelmo Schindler, ou ainda Sylvinha Athayde, companheira especial em Lisboa, ou nas graciosas recepções em sua casa, ex Diretora do Museu de Arte da Bahia.

Vale aqui a narrativa de um, dos tantos encontros notáveis proporcionados por Edivaldo, que, nós, autores deste capítulo, participamos. Paula estava com Edivaldo, Solange e Sylvinha, em Lisboa, acompanhados pela alfacinha, Dra. Dulce Pontes (in memoriam). Alfredo juntou-se ao grupo ao chegar então de uma viagem que tinha feito à Moçambique, como parte do pós-doutorado realizado na Universidade do Porto - UP, com a supervisão do Professor Dr. João Paiva, da UP. Juntos, partiram para uma convivência social em Lisboa para comemorarmos o aniversário de Sylvinha. O Edivaldo anunciou que iríamos visitar o Restaurante Varina da Madragoa, pelo lado da Lapa, onde o Saramago costumava frequentar. Ou seja, o Saramago também estava presente neste momento em que se misturavam diálogos sobre arte, cultura e países lusófonos. Estar com Edivaldo, sem dúvida, era viver sempre em encontros notáveis.

Ainda nos referindo a esses encontros notáveis, em 2013, numa viagem com Edivaldo para o arquipélago de Cabo Verde, fomos recebidos e participamos do ambiente acadêmico da Universidade de Cabo Verde, em

Praia. Não havia agenda oficial, e estávamos de férias. O científico e o acadêmico, a lusofonia, eram a diversão; bem como conhecemos juntos a Ilha de Mindelo, terra da Cesaria Évora (in memoriam). E algo que nos chamou a atenção, foi a empatia de Edivaldo com os problemas das pessoas humildes, a exemplo do guia de turismo que nos acompanhou durante a nossa estada neste lugar. E o apreço pelos ritmos musicais como a coladeira, a morna e outros que o faziam lembrar de seu filho Daniel Boaventura. Estava feliz, ensaiando passos de dança, curtindo a africania lusófona. E na Guiné-Bissau, sob a condução da Professora Dra. Izabel Pereira nas feiras livres e de artesanatos autênticos comercializados nas ruas da cidade, foi uma dádiva estarmos ao lado de Edivaldo, dada à valorização do trabalho popular. Verdadeiros entusiasmos por bancos e esculturas de madeira, que os artesãos lhes iam apresentando.

Momentos como esses se multiplicavam na companhia de Edivaldo. Aliás, vamos a mais um: Edivaldo passou em Coimbra e nos chamou para irmos com ele para Salamanca. Era a viagem mais simples do mundo – como ele nos falou. Iríamos visitar a tradicional universidade espanhola e conhecer o Centro de Estudos Brasileiros que têm por lá. Com Edivaldo, todo simples, era um espetáculo! O Mestre foi recebido pela Reitoria da Universidade de Salamanca – e lá estávamos nós no setor de obras raras daquele templo do conhecimento observando e conhecendo as obras raras medievais, tão antigas que antecediam a presença dos Mouros na Península Ibérica. Aquela visita, aparentemente simples, virou um estudo profundo sobre as obras mais raras e importantes das bibliotecas ibéricas. Mais tarde, estávamos entre a região do Douro, a Galícia e as Astúrias, percorrendo os picos de Europa, Covadonga e Cangas de Onis. Edivaldo nos explicava as Espanhas, e a cada uma delas, incluindo Portugal, refletíamos sobre a diversidade e composição cultural dos povos: pura apodemia.

Também era frequente algum expert de outra região do Brasil, como era o caso de Arno Wehling, Presidente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Instituto do qual Edivaldo tinha muito orgulho de fazer parte. Mas também poderíamos estar igualmente entretidos pela Dona Maria, e sua tradicional venda de infusões de toda espécie, em Bendegó, Canudos, ou aquele proprietário do mais perfeito cozido de Santo Antônio de Jesus, que Edivaldo nos levava sempre que íamos ao Parque Castro Alves. Uma dimensão de contatos valiosos com todas as classes e escolas de pensamen-

to, que o transformava na excelência de orientação que conhecemos.

A convivência acadêmica era, portanto, uma dádiva, parte contínua do processo de orientação, e cada egresso de orientação sabe bem o valor que esta prática tinha – assim como o próprio Edivaldo corretamente avaliava a importância da companhia na prática de orientação. Como companheiros de muitos trabalhos e momentos, assistimos o cuidado de que nós mesmos nos beneficiamos, isto porque em cada visita a um museu ou instituição; em cada entrevista com um professor, acadêmico, artesão ou popular; para cada nobre português, ou garçom de Feira de Santana; em cada evento que acompanhava, parecia que Edivaldo estava com todos(as) os(as) orientandos(as) ao lado. Ele ia andando e pegando coisas, fazendo anotações. E ia dizendo: tal elemento vou passar para Manuel Barros; ou este folheto servirá para o Jader Souza, ou para a Teresa Navarro de Brito. E ia transformando em ato contínuo sua convivência acadêmica e prática de orientação. Chegava de viagem com elementos novos para todos. E pronto para novas reuniões e orientações, seja em sua residência e ou em algum restaurante.

Devemos ainda citar os famosos encontros para a “torta acadêmica” – momento no qual Dona Solange aparecia claramente como orientadora, ou coorientadora – nos quais eram servidos drinques, quitutes e uma torta de chocolate de sabor inesquecível, feita por Maria José – era outro exemplo de Encontro Notável. Era um momento em que Edivaldo reunia todos(as) os(as) orientandos(as) e alguns(mas) egressos(as), seu grupo de pesquisa, com visitantes e convidados; em geral duas vezes por ano – seus filhos, em particular Lídia também envolvida no meio e na vida acadêmica, e, por vezes, suas netas estavam presentes. Era um evento social, familiar, acadêmico, científico, gastronômico, ímpar e acolhedor. Fazia, certamente, parte do processo de orientação.

Tal riqueza e qualidade de orientação tinha mesmo que produzir muitos e bons Mestres e Doutores. Seus(suas) orientandos(as) foram predominantemente da UFBA. Mas também da Visconde de Cairú, UCSAL e da UNIFACS. As três instituições que Edivaldo contribuiu como orientador. Foram muitos mestrandos; certamente importantes e satisfeitos. Vou, porém, me ater aos doutorandos.

Está registrada no lattes como primeira Doutora, formada por Edivaldo, a Doutora Iracy da Silva Castro, egressa em 1995, com trabalho sobre

gestão da educação do ensino técnico. Eugênia Lúcia Viana Nery era talentosa doutoranda, falecida em 1995, ano de seu egresso como doutora; assim como Fernanda de Brito Gonçalves Almeida, doutora em 2000; e Amélia Vitoria de Souza Conrado, de 2004, estão entre as pioneiras pesquisadoras baianas trabalhando sobre temas relacionados à africanidade, e aos negros baianos. Como já falamos, era clara a opção de Edivaldo por militar contra o racismo e produzir espaço para as pessoas negras.

Antônio Carrero, doutorou-se em 1999 sobre gestão e qualidade da gestão da educação. Em 2001, foi a vez de Alfredo Matta, com tese sobre Educação à Distância e Ensino de História. Ressalto aqui o Prêmio Jovem Cientista da Tese, em 2001. Edivaldo se tornava naquele momento orientador de Tese premiada na área de EaD, conforme mencionamos acima. O que nos impressionava em Edivaldo era sua capacidade de atualizar-se. Foi também EaD, o tema de doutoramento de Adelmo Fernando Ribeiro Schindler Junior, egresso da UNIFACS, em 2016. Edivaldo volta ao tema da EaD com Antônia Carlinda Cunha de Oliveira, egressa em 2015. Em 2018, aos 84 anos era um grande conhecedor da EaD e do trabalho com Tecnologia Educativa. Continuava acompanhando todo o desenvolvimento da área, e era reconhecido nacionalmente por isto. Ele, de fato, aproveitava as Teses que orientava para mergulhar nos temas e tornar-se especialista. Em 2001, doutorou-se Sara Dick, especializando-se em História da Educação. Com Fernando Antônio Aboim Freire Figueiredo, egresso em 2014, Edivaldo não somente exercitava sua expertise em EaD, como trazia ao foco o estudo sobre a UNEB, e sobre Canudos, tema que lhe era tão caro.

Em 2003, doutorava-se Antonieta D'Aguiar Nunes, que Edivaldo classificava como excepcionalmente talentosa. E de fato, dominando as línguas latinas e o inglês, estudiosa como é da História e do patrimônio histórico da Bahia, Antonieta foi das mais presentes orientandas. Edivaldo a destacava pelo talento e profundidade. Estudou também História da Educação.

Manuel Joaquim Fernandes de Barros, Doutorado em 2003, foi um orientando muito cuidado por Edivaldo, que com o interesse que tinha em gestão do ensino superior, via em Manuel uma oportunidade de poder contribuir para a gestão das universidades privadas, percebendo nele, sua capacidade de atuar na UNIFACS. Jader Cristino de Souza, doutorado em 2006; e Guilherme Cortizo Bellitani, primeiro egresso da UNIFACS, de 2010, também estudaram aspectos da gestão do ensino superior privado.

Já com Penildon Silva Filho, egresso em 2008, Edivaldo trabalhou a gestão superior de universidade pública.

Maria Teresa Navarro de Brito, defendeu em 2004, era para Edivaldo a possibilidade de atuar nos estudos de memória e na gestão dos arquivos e centros de documentação. Edivaldo tinha paixão por este assunto, e teve em Maria Tereza, além de tudo amiga histórica importante, uma herdeira preciosa de seus interesses no campo da informação e documentação. Francisca de Paula, doutorou-se em 2005, e deu viés a outro interesse de Edivaldo: pesquisar o turismo e a educação para o turismo, que além disto caminhou para a investigação sobre sustentabilidade e economia solidária. Muitas atividades e estudos de Edivaldo já caminhavam para o turismo. Este doutorado o fez assumir este campo de estudo na pós-graduação. Edivaldo volta então a orientar sobre turismo com Cássio Jânio dos Santos Silva, egresso em 2015.

Com Hélio José Bastos Carneiro de Campos, egresso em 2006, e Roberto Gondim Pires de 2007, Edivaldo abre outro campo pioneiro, e passa a apoiar com doutoramentos a Educação Física. Ele optou muitas vezes por apoiar esta área, que julgava ser pouco pesquisada.

Maria Arlinda de Assis Menezes, egressa da UNIFACS, em 2011, trabalhou com desenvolvimento regional – fazendo Edivaldo recuperar seu foco de pesquisa em economia. Em 2014, completa o doutorado André Luiz Cardoso Coelho, que trabalhou com coleta seletiva e sociedade sustentável, mais uma vez a economia se evidencia nas pesquisas orientadas por ele. Também trabalhou Economia com Cremildo Atanázio de Souza, egresso de 2016.

Os orientandos Saulo José dos Santos Rocha e Carlos Eduardo Cardoso de Oliveira, ambos egressos em 2014, trabalharam sobre a gestão do ensino superior, mas agora realizando estudos sobre a Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, e o fazendo contribuir com Feira de Santana, sua terra natal, amada. Foram trabalhos que deram muita alegria ao Mestre.

Com Ivonita Santos Alves, egressa em 2014, estudou a questão das crises provocadas pela globalização em estudantes brasileiros adotados por estrangeiros. Fazendo Edivaldo, mais uma vez, estudar novos temas.

Na orientação de Luís Carlos dos Santos, professor da UNEB, Edivaldo realiza uma pesquisa voltada para a instituição que considerava consequência de seu trabalho direto, a UNEB. Foi certamente um grande gosto para Edivaldo realizar tal trabalho.

Luiza Augusta da Rocha Moreira foi a última orientanda de Edivaldo, egressa em 2018, e estudando o tema da gestão do ensino superior, envolvendo estudo sobre a Kennesaw State University (KSU), na Georgia. Coube a Luiza esta honra: fechar a carreira de orientação de um Mestre tão produtivo e especial.

CONCLUSÃO

Apresentamos o tema que nos foi conferido, o Orientador Edivaldo M. Boaventura, em quadro aspectos fundamentais:

1] Sua formação e preparo acadêmico e científico ímpar e destacado, no cenário baiano para a orientação;

2] Sua produção acadêmica e científica sobre a questão da metodologia, da epistemologia e da orientação de trabalhos, o que mais ainda o qualificava para a ação;

3] Um estudo, ainda que inicial, dos campos de conhecimento e pesquisa aos quais se dedicou um dos mais destacados estudiosos baianos de seu tempo. Um homem que aprofunda seu conhecimento em tantos campos de foco, precisa ser reconhecido quanto a sua característica de excepcional; e

4] Um relato de seus frutos de orientação doutoral, buscando associar cada orientação com sua temática e prática de orientação.

Esperamos ter conseguido ensaiar o tema que precisa ser aprofundado e estudado, talvez em uma Tese de Doutorado. Edivaldo M. Boaventura precisa ter sua obra bem estudada em um doutoramento pois se trata, certamente, de um dos mais importantes estudiosos e gestores da Educação brasileira, e em particular, baiana. Um estudo sobre sua vida acadêmica, sua metodologia, contribuições e ações educacionais, talvez fosse até mesmo material para mais de um estudo doutoral. A Bahia, e o Brasil, precisam que Edivaldo seja estudado para que seu esforço e a qualidade de seu trabalho continuem rendendo frutos, em um país carente de grandes cientistas e educadores.

Que este valioso livro, e esta humilde contribuição deste capítulo possam engendrar futuros trabalhos mais profundos sobre este valioso Mestre. A Bahia precisa mais ainda dele agora. Edivaldo saiu da vida, entrou para a História e permanece, certamente, força inspiradora e de conteúdo para o desenvolvimento da gestão da educação brasileira, em particular do ensino superior.

REFERÊNCIAS

- BOAVENTURA, Edivaldo. A Monografia Jurídica. **Revista da Academia de Letras Jurídicas da Bahia**, Salvador, v. 5, n.7, p. 13-44, 2002.
- _____. Aplicação do Método Histórico à Educação. **Revista do Curso de Direito da Unifacs**, Porto Alegre, n.4, p. 29-37, 2004.
- _____. Aplicação do Método Histórico à Educação. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 164, n.418, p. 139-147, 2003.
- _____. **Como Ordenar as Ideias**. Salvador: Ática, 1988.
- _____. Como Planejar a Dissertação de Mestrado. **Revista do Programa de Pós Graduação Em Direito da Ufba**, Salvador, 2005.
- _____. Estrutura da Dissertação Acadêmica. **Revista da Fundação Visconde de Cairu**, Salvador, v. 12, p. 141-157, 2005.
- _____. **Exercícios de Metodologia da Pesquisa**. Salvador: Quarteto Editora, 2017.
- _____. O Metodo Historico Aplicado A Pesquisa Educacional. **Revista do Instituto Geográfico Histórico da Bahia**, v. 90, p. 93-100, 1992.
- _____. **Ordenamento de Ideias**. Salvador: ESTUARIO, 1969.
- _____. Metodologia da Pesquisa e Elaboração da Monografia. **Revista Diálogo Jurídico**, Salvador, n.7, 2001.
- _____. **Metodologia da Pesquisa e Monografia Jurídica**. Salvador: UNIFACS, 2002.
- _____. **Metodologia da pesquisa: proposta de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2003.
- _____. Pesquisa e Ética nas Organizações de Educação Superior. **Revista Ponto de**

Vista Faculdade Castro Alves, Salvador, 2005.

_____. Plano e Redação da Dissertação. **Revista do Instituto Geográfico Histórico da Bahia**, Salvador, v. 10, p. 43-58, 2003.

BOAVENTURA, Eivaldo, ROCHA, N. M. F. (Org.). **Metodologias qualitativas de pesquisa**. Salvador: Fast Design, 2008.

KERLINGER, Fred. **Metodologia da pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: EPU, 1979.

MATTA, Alfredo; SILVA, F. ; Boaventura, E. M. . Design-Based Research ou Pesquisa de Desenvolvimento: Metodologia para Pesquisa Aplicada de Inovação em Educação do Século XXI. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, v. 23, p. 23-36, 2014.

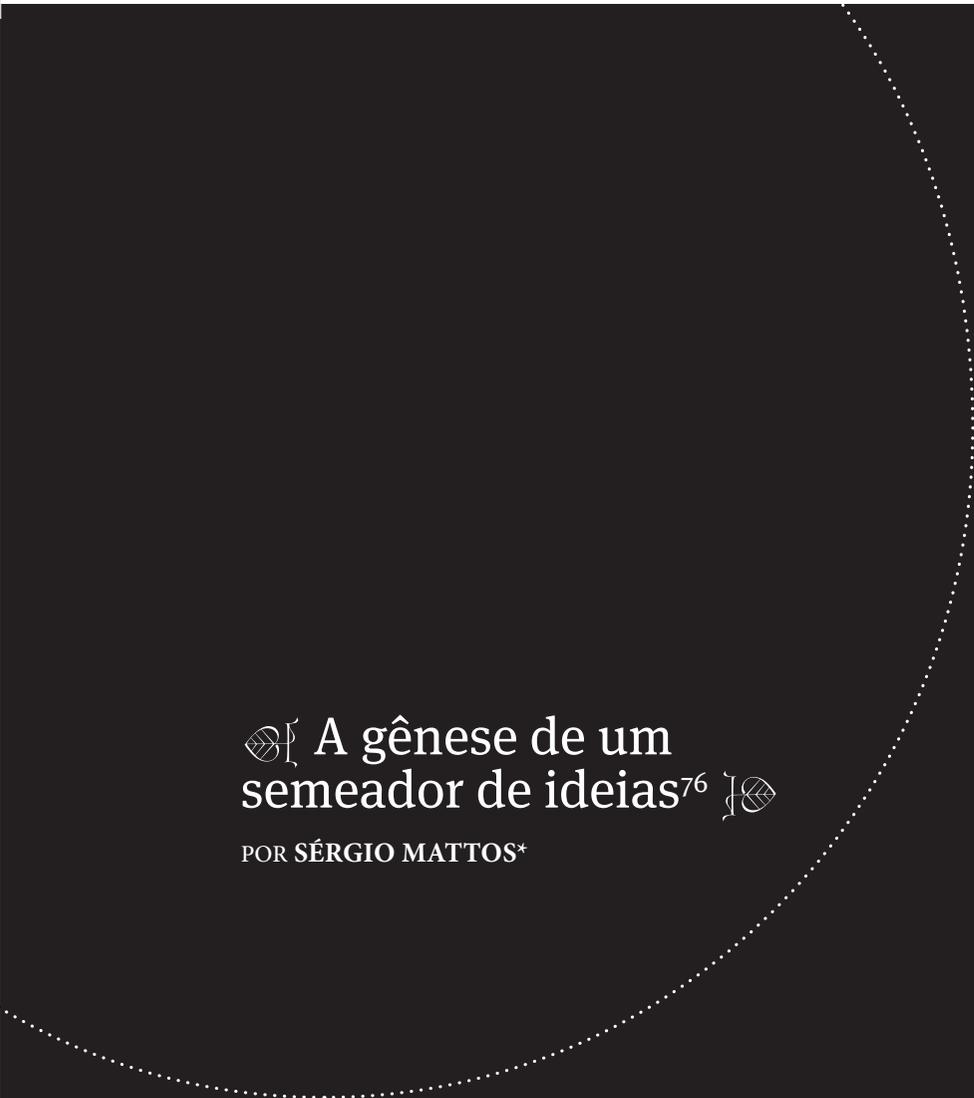
MATTA, A.; SILVA, F. ; BOAVENTURA, E. M. ; AMORIM, A. . Design-Based research ou pesquisa de desenvolvimento: pesquisa aplicada para educação e tecnologia educacional. In: DANTAS, Tânia; AMORIM, Antonio e LEITE, Gildecil. (Org.). *Pesquisa, formação, alfabetização e direitos em educação de jovens e adultos*. Salvador: EDUFBA, 2016, v. , p. 101-132.

MATTA, A. E. R.; SILVA, F. P. S. ; AMORIM, A. ; BOAVENTURA, E. M. . New Languages for the History: Transformations Mediated by the Digital Technology. *Asian Journal of Distance Education*, v. 13, p. 115-127, 2018.

MATTA, A.; SILVA, F. ; BOAVENTURA, E. M. . Design-Based research ou pesquisa de desenvolvimento: utilizando-a para pesquisa aplicada em pós-graduação stricto-sensu. In: Eivaldo Machado Boaventura. (Org.). *Exercícios de metodologia de pesquisa*. Salvador: Quarteto Editora, 2017, v. , p. 95-134.

MATTA, A.; SILVA, F. ; BOAVENTURA, E. M. ; AMORIM, A. . Design-Based research ou pesquisa de desenvolvimento: pesquisa aplicada para educação e tecnologia educacional. In: DANTAS, Tânia; AMORIM, Antonio e LEITE, Gildecil. (Org.). *Pesquisa, formação, alfabetização e direitos em educação de jovens e adultos*. Salvador: EDUFBA, 2016, v. , p. 101-132.

SANTIAGO, R. C. C. A.; MATTA, A.; SILVA, F. P. S.; BOAVENTURA, E. M.; AMORIM, A.. Desenvolvimento de um Framework design-based research - DBR para pesquisas aplicadas pelos grupos Sociedade em Rede e Sociedade Solidária, Educação e Turismo. In: Tjeerd PLOMP; Nienke NIEVEEN; Emanuel NONATO; Alfredo MATTA. (Org.). *Pesquisa-Aplicação em Educação, uma Introdução*. São Paulo: Artesanato Educacional, 2018, v. 1, p. 249-274.



⌘ A gênese de um
semeador de ideias⁷⁶ ⌘

POR SÉRGIO MATTOS*

“Feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”

CORA CORALINA

EDIVALDO M. BOAVENTURA teve uma participação ativa na vida socioeconômica, cultural e educacional da Bahia, tendo atuado como educador, escritor, juiz, pesquisador e produtor cultural. Natural de Feira de Santana, considerava-se um “tabaréu feirense”, mas deixou o sertão baiano e se transformou num cidadão global, um realizador, um semeador de ideias, que nos deixou um legado de valor, principalmente na área da educação. O objetivo deste artigo é identificar alguns fatos contextualizados que contribuíram para a formação dele e para transformá-lo em um semeador de ideias.

Ele nasceu em plena ditadura Vargas, em 1933, que se estendeu até a adolescência com a redemocratização do país, em 1946. O confronto ideológico entre capitalismo e comunismo, durante o período pós-guerra, dividiu o mundo em dois grupos: direita e esquerda. Foi o período da Guerra Fria, no qual o patrulhamento e as disputas ideológicas estiveram em evidência, só perdendo um pouco a importância depois da queda do Muro de Berlim.

⁷⁶ Texto baseado no livro: MATTOS, Sérgio. Um Cidadão Prestante: Entrevista biográfica com Edivaldo M. Boaventura. Salvador: Quarteto Editora, 2014 (258 páginas).

*Escritor, jornalista e professor

Edivaldo Boaventura viveu esse conflito principalmente durante o período em que foi estudante universitário, tendo participado ativamente da Juventude Universitária Católica (JUC), na Faculdade de Direito da UFBA. A JUC representou muito para a formação complementar dele, pois possibilitou que convivesse a transição do catolicismo tradicional para a militância prática por meio da Ação Católica. O método da Ação Católica era: ver, julgar e agir, enriquecido na dinâmica da militância, nos testemunhos de vida cristã. Na Faculdade de Direito conviveu com brilhantes professores e teve colegas que, como ele, também se destacaram em diferentes campos, inclusive na política. Ele fez o curso secundário e o superior em Direito durante a democracia do pós-guerra. Quando iniciou sua vida profissional, o país estava sob novo regime de exceção (1964 a 1985).

Ainda estudante, como fruto do estágio que realizou na CPE, publicou seu primeiro artigo, na revista Ângulos, no ano de 1959: “Cidade e habitação: aspectos teóricos e verificação da problemática habitacional da cidade do Salvador”. Em 1960, no Jornal da Bahia, ele publicou pela primeira vez em um jornal de grande circulação, tendo iniciado com o artigo intitulado “Notas para uma política habitacional”. Continuou colaborando com o JBa até 1964, quando viajou para a França, em 1964, sempre abordando temas sociais e econômicos como planejamento e política de incentivos. E a partir daí nunca mais parou de publicar, artigos em jornais, principalmente no A Tarde, e livros, baseados em suas experiências e observações, como cidadão ativo, semeando ideias desenvolvimentistas e educacionais, contribuindo, direta e indiretamente, para consolidar a educação e a cultura na Bahia. Ao longo de sua vida (1933-2018) ele nunca deixou de produzir, registrando tudo o que fazia em livros. Certa feita me confidenciou que “tudo o que fazemos é válido, mas o que fica é o que escrevemos, é o que registramos em livros”. Ou seja, Edivaldo sempre teve consciência de que a memória deve ser preservada, pois um povo sem memória e sem cultura não existe.

Edivaldo Boaventura sentiu o peso e a influência das políticas vigentes e dos vários modelos de desenvolvimento adotados pelo Brasil. A política desenvolvimentista de Getúlio Vargas, por exemplo, era orientada para o fortalecimento da participação do Estado como investidor na economia do país. Esse modelo de desenvolvimento do Estado Novo perdeu sua força durante o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) e acabou sendo revitalizado depois do Golpe de 1964, quando o Estado, novamente, voltou

a investir maciçamente na economia brasileira. Após o Regime Militar de 1964, o país sofreu as influências de um novo período, o do neoliberalismo econômico e do processo da globalização.

Esse processo foi mais intenso, principalmente, a partir da década de 1990, quando transformações geopolíticas e socioeconômicas ocorreram e provocaram uma reestruturação dos valores culturais, ideológicos, religiosos e novos conceitos desenvolvimentistas começaram a ser implantados. Com a chegada do século XXI, a tecnologia digital abriu novas perspectivas de relacionamentos e de desafios para os cidadãos e as nações, que buscam novos caminhos para atingir o desenvolvimento desejado.

No entanto, o modelo de desenvolvimento que mais influenciou a vida de Edivaldo Boaventura foi o período do governo de Juscelino Kubitschek que criou a SUDENE, em 1959. Naquele ano, JK havia enviado o economista Celso Furtado ao polígono da seca e ele apresentou um relatório-documento intitulado “Uma política de desenvolvimento para o Nordeste”, que ficou conhecido como “Operação Nordeste.” Foi a partir das propostas de Celso Furtado que a SUDENE foi criada e ele nomeado como primeiro superintendente do novo órgão de desenvolvimento.

As ideias e projetos de Celso Furtado atraíram jovens de vários locais do Nordeste, dentre os quais Edivaldo Boaventura que também fez o curso de Formação de Técnicos em Desenvolvimento Econômico. O Curso foi ministrado por professores da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e por docentes pernambucanos. O curso da SUDENE foi a primeira experiência dele com técnicos das Nações Unidas (ONU/CEPAL). Depois, teve outra oportunidade de aprendizagem, no Instituto Internacional em Planejamento da Educação (IPE/UNESCO).

Com a realização desses cursos, promovidos com o apoio da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), uma Agência das Nações Unidas, a SUDENE se transformou num verdadeiro celeiro de talentos e os sudeneanos treinados passaram a ser colocados à disposição dos governos nordestinos com o objetivo de estimular o desenvolvimento.

Foi no cenário jurídico dos anos 1950 e 1960 que Edivaldo Boaventura desenvolveu sua vida profissional e acadêmica. Com a SUDENE, direcionou sua atenção para a economia e para as estratégias do planejamento do desenvolvimento. No Direito, encontrou o apoio necessário para os trabalhos realizados na Assessoria de Planejamento da UFBA, no Conselho

Estadual de Cultura e na Secretaria de Educação, para a qual foi nomeado duas vezes, nos governos Luiz Viana Filho e no de João Durval Carneiro.

Foi com a SUDENE, trabalhando e chefiando o Escritório da Bahia, com estratégias do planejamento para o desenvolvimento econômico que ele construiu os alicerces que lhe possibilitaram ocupar cargos públicos ao longo de sua vida, além de planejar sua carreira como autor de inúmeros livros publicados, nos quais podemos constatar o nível de suas contribuições para o desenvolvimento regional e, especificamente, para a cultura e a educação da Bahia.

Devido ao desempenho de Boaventura à frente do Escritório Regional da SUDENE foi que as portas para a docência universitária lhe foram abertas, tendo iniciado esse ciclo em 1962, como professor da disciplina de Economia, na Escola de Administração da UFBA, onde trabalhou até o ano de 1969, quando foi transferido para a Faculdade de Educação. Registre-se que, antes disso, teve outra experiência na docência universitária, quando, em 1960, ensinou uma disciplina no curso de Serviço Social da Bahia, dando início ao sonho de ser professor, atividade que exerceu até os últimos dias de sua vida.

Após deixar a SUDENE, Edivaldo concluiu o Doutorado em Direito, a Livre Docência em Economia e assumiu o cargo de Juiz Federal para o qual tinha feito concurso, dando uma guinada de 360° em vida. Durante sete anos atuou como juiz, mas o desenvolvimento inicial de sua vida profissional e acadêmica foi feita dentro do cenário jurídico, tendo em vista que o Direito é a sua formação de base.

No período de 1967-1968, participou da reestruturação e implantação da Reforma Universitária da UFBA, efetivada durante o reitorado de Roberto Santos. Convidado pelo Reitor, Edivaldo Boaventura implantou a Assessoria de Planejamento da UFBA, quando se integrou plenamente na reestruturação da UFBA, com a redistribuição de pessoal docente, com a implantação da departamentalização das unidades de ensino e pesquisa. Mais uma vez, ele aproveitou as oportunidades que lhe foram oferecidas, além de ter integrado o grupo fundador da Faculdade de Educação ao lado da professora Leda Jesuíno e outros.

O maior compromisso dele sempre foi com a Faculdade de Educação, que ajudou a fundar, sem nunca a ter dirigido. Chefiou Departamento, coordenou o Mestrado e implantou o Doutorado em Educação, além de ter

presidido a Câmara de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa. Edivaldo foi o primeiro docente da Faculdade de Educação a submeter-se a concurso para Professor Titular, no qual obteve distinção em todas as provas. Foi grande incentivador da criação do Programa de Pós-Graduação em Educação e muito colaborou para seu credenciamento junto à CAPES, como Mestrado e posteriormente como Doutorado, constituindo-se no primeiro curso em todo o Nordeste a atingir esse patamar.

Após o Regime Militar de 1964, ele continuou sua caminhada educacional sob os signos da democracia e enfrentando novos conceitos de desenvolvimento agora já sob a chancela da globalização, mas o sucesso de sua carreira se deve ao fato de que ele soube aproveitar as oportunidades desenvolvimentistas de sua época. Edivaldo destacou-se principalmente na Educação, como Secretário de Estado, como gestor acadêmico, como Reitor, criador de universidades, procurando sempre semear novas ideias, multiplicar o conhecimento e preservar a nossa memória histórico-cultural.

Como Secretário da Educação e Cultura (1970-1971), no governo de Luiz Viana Filho, Edivaldo Boaventura esteve à frente de importantes obras do governo, tais como: a construção da Biblioteca Pública nos Barris; restauração da Casa de Góes Calmon, sede do Museu de Arte da Bahia; restauração do Engenho Freguesia para instalação do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho; ampliação do Estádio da Fonte Nova; construção e reforma da Casa Afrânio Peixoto, em Lençóis; e, principalmente, construção do Parque Castro Alves, em Cabaceiras do Paraguaçu.

Após deixar a Secretaria de Educação ele retornou à sala de aula, fez concurso para titular e regressou à França para novo período no exterior, desta feita no Instituto Internacional de Planificação da Educação da UNESCO (1971-1972), em Paris. No período entre 1971 e 1981, Edivaldo M. Boaventura deixou o governo de Luiz Viana, retornou à França, entrou para a Academia de Letras da Bahia e foi novamente estudar no exterior, nos Estados Unidos, quando obteve o título de Doutor em Educação. Esse foi o período no qual ele consolidou sua formação e realizou os sonhos, consolidou sua vocação e dedicação à Educação, demonstrando que nada foi em vão e que tudo faz sentido desde que as escolhas sejam certas.

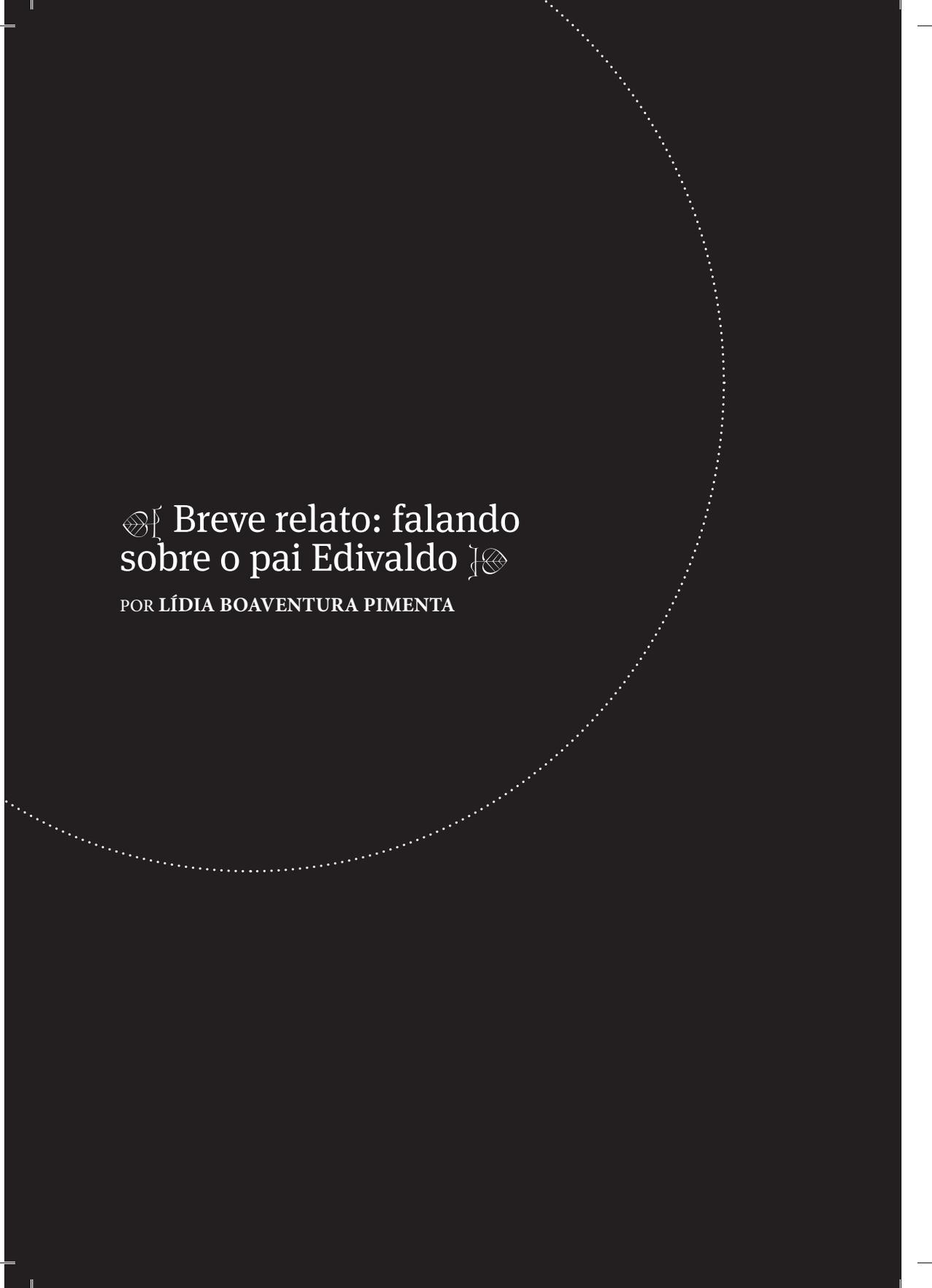
Quando ocupou a Secretaria Estadual de Educação pela segunda vez, durante o governo de João Durval Carneiro (1983-1987), criou a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a TV Educativa, estimulando, com

maior intensidade, a interiorização da educação superior no Estado. Boaventura batalhou pela criação da Universidade Estadual de Feira de Santana e teve o privilégio de ter sido o relator do processo de seu credenciamento junto ao Conselho Federal de Educação, em 1986.

No ano de 2010, ele festejou 50 anos de docência, tendo alcançado plenamente o sonho de ser professor. Ao longo dos últimos oito anos de sua vida, Edivaldo dedicou-se à orientação de monografias de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado, nas universidades privadas, a exemplo da Universidade Salvador (UNIFACS) e na Fundação Visconde de Cairu (FVC), sempre muito requisitado pelos alunos, graças à sua dedicação e competência.

Edivaldo foi um homem que soube construir no dia a dia, vencer obstáculos, superar as derrotas, esperar o momento certo para dar um novo passo em direção ao que determinou para a própria vida. Para encerrar, transcrevo trecho do livro *Um Cidadão Prestante*, de minha autoria, publicado no ano de 2014, para destacar o quanto ele estava sintonizado com seu tempo e atualizado em relação às novas tecnologias e ao uso da Internet:

Observe-se que foi nas gestões dele, à frente da Secretaria de Educação, no jornal A Tarde e na Academia de Letras da Bahia, que estas instituições foram informatizadas. Naturalmente, não estou afirmando que foram por causa dele, pois poderia ter acontecido com qualquer outro gestor. Estou apenas salientando que o processo de informatização, nos três órgãos, aconteceram sob o comando dele. Ele estava presente na época certa, no local exato em que a coisa aconteceu e ficou como responsável pelo acontecimento, e isso ninguém pode negar. E tais situações não ocorrem por acaso, nem por golpe de sorte. Como disse Mahatma Gandhi: “nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo para a vitória é o desejo de vencer”. E Edivaldo desejou sempre vencer, sempre sonhou em realizar, e por isso sua vida é constituída de mais vitórias do que derrotas.



⌘ Breve relato: falando
sobre o pai Edivaldo ⌘

POR LÍDIA BOAVENTURA PIMENTA

NÃO OUÇO MAIS “DIGA MEU LIU”, “minha primeira primogênita”, “nhinhá Lídia”, expressões que meu pai usava para me chamar. É fato que estes chamamentos tinham maior frequência em momentos descontraídos!

Demorei para conseguir falar ou escrever sobre meu pai. Não é fácil!!! Homem público, professor, orientador e gestor da educação, a sua presença é muito forte, em especial pela coincidência de atuação profissional em gestão na universidade e docência.

Seguindo a sua orientação de sempre incluir a família em suas experiências, a estrutura deste breve relato está composta em três partes: meu pai e eu na infância, na juventude e adulta.

Cresci convivendo com eventos, as cerimônias de titulação e posse em consequência de sua atuação como homem público. Começo narrando vivências ainda quando criança, nos meus 5 anos. Neste contexto cito o exemplo de meu pai no exercício do cargo de Secretário da Educação do Estado, na década de 70, em evento realizado no antigo Balbininho para os alunos de escolas da rede estadual. Este evento é marcante, pois eu, também criança, queria a bola pula-pula que estava sendo entregue às crianças! E aí, o que fazer??? Fiquei sem minha bola, mas no dia seguinte ganhei dele uma de presente, azul e vermelha!

Outra experiência que participei também ainda criança foi sua posse na Academia de Letras da Bahia (ALB), com a participação de D. Edith da Gama e Abreu, que morava em uma casa verde do corredor da Vitória! São

aspectos vivos em minha memória. Lembro da escada enorme que subi! A Academia naquela ocasião funcionava em um sobrado do Terreiro de Jesus, daí a existência da escada. Atualmente a sede da ALB é o Solar Góes Calmon, situado no bairro de Nazaré, prédio doado pelo estado da Bahia ainda na década de 80, com a efetiva participação de Edivaldo. (BOAVENTURA, 2004)

Considero meu pai e minha mãe verdadeiros corajosos! No primeiro período de estudo em Paris, entre 1964 e 1965, quando ele cursou na Universidade de Paris, nasceu a primeira filha, esta autora! Ressalto a coragem, pois estudar fora é um desafio, outra língua, costumes, saudade do Brasil. A coragem é maior considerando a nova experiência de ser pai e mãe, algo que realmente somente se aprende vivenciando.

Em 1971, temos uma segunda experiência em Paris, eu tinha seis anos e Daniel um ano, período no qual ele denomina “ano acadêmico, no Instituto Internacional de Planificação da Educação” (MATOS, 2014, pág. 156). Pela idade, eu cursava a alfabetização, desta forma houve todo cuidado na escolha da escola francesa e o acompanhamento para que a mudança da língua não interferisse no processo de apropriação da leitura e escrita. Fui matriculada em um colégio de freiras. O que mais recordo é a tarefa de caligrafia, bem como a merenda de chocolate e pão francês, é claro. Com a escola, fiz visita ao Concorde, o avião supersônico que estava em alta na época. Lembro ainda da aula que cozinhamos a crepe francesa!

Para meu pai, uma viagem é um momento também de aprender. Desta forma, mesmo ainda crianças, Daniel e eu, sempre que possível, visitávamos os pontos turísticos e ele descrevia os fatos históricos do local. Foi assim que aprendi a viajar e faço o mesmo com meu marido e minhas filhas.

Esta aprendizagem foi mais intensa durante a morada em State College, estado da Pennsylvania, nos Estados Unidos, entre 1978 a 1981. Neste período, já éramos cinco na família, Pedro, meu irmão caçula, tinha seis anos quando deixamos o Brasil para o doutorado de meu pai.

Quando viajamos, estava com treze anos, o que eu mais queria na realidade era ficar aqui com os amigos. Registro que nesta época não existia internet, redes sociais, whatsapp e a ligação por telefone era muito cara! A expectativa estava na chegada das cartas do Brasil!!! Estas continham verdadeiros relatos dos ocorridos na terrinha.

Ressalto que meu pai nesta experiência foi um herói, levando em con-

ta que não dominava tão bem o inglês como o francês, quando moramos em Paris. Estudava e elaborava papers em sua Penn State University na nova segunda língua, o inglês. Como aconteceu na França, a cada break, intervalo entre os semestres letivos, ele programava uma viagem, o que resultou para nós conhecermos a costa leste dos Estados Unidos, a exemplo de Bostom, Philadelphia, Washington DC, New York, Williamsburg, no estado da Virgínia.

É importante enfatizar que as viagens eram de carro, sendo ele o motorista e eu como co-pilota, seguindo com os mapas. Mais uma vez enfatizo que nas décadas de 70 e 80 não tínhamos GPS!!! Sempre chegávamos, seja de maneira tranquila ou com alguma dificuldade, como em Bostom e New York, onde erramos a entrada, o que gerou pequeno stress momentâneo! Nesta linha, a viagem mais longa foi até Orlando no estado da Florida, cerca de 1.600 Km, para conhecermos a Disneyworld.

Aproveito para novamente salientar que em cada lugar vivenciamos “aulas” sobre os fatos históricos do local. Nesta ocasião eu também já contribuía, pois eram os conteúdos que estudava na High School. Nesta linha, a jornalista Antonella Roscilli salienta o significado de viagem para meu pai:

Curiosidade, amor pelo conhecimento, respeito pelas culturas: Edivaldo Boaventura é exemplo de viajante e cidadão do mundo de largas e múltiplas visões. É um intelectual, um estudioso que, em nome do grande valor da cultura e da educação gerou e continua gerando mais e mais pontes e trocas culturais entre o Brasil, Bahia e muitos outros países do mundo (ROSCILLI, 2016, p. 4)

Chego então aos meus quinze anos! Meu presente, a vinda ao Brasil! Acompanhei meu pai quando veio coletar informações e dados para a pesquisa que desenvolvia no Doutorado. Ressalto sua sensibilidade em proporcionar esta viagem para mim, adolescente, tímida, saudosa de seus amigos do Brasil, enfrentando a diversidade da língua. Contudo tinha bom desempenho na escola, com notas acima da média!

Ao regressarmos a State College pedi para retornar ao Brasil quando concluísse o 9º ano em maio de 1980. Queria voltar para encontrar os amigos e enfrentar o segundo semestre do 1º ano do ensino médio, na ocasião

chamado de 1º ano colegial. Não sabia o que ia encontrar pois o conteúdo trabalhado na escola americana é bem diferente daquele apresentado aos alunos nas escolas brasileiras, em especial em relação matemática e física, acrescentando ainda português, história e geografia, dos quais a minha referência naquele momento consistia nos aspectos históricos e geográficos da América do Norte.

Mais uma vez a sensibilidade e o cuidado de meu pai permitiram que compreendesse os meus argumentos e voltei ao Brasil em junho de 1980, um ano antes do retorno da família, meu pai, minha mãe, Daniel e Pedro. Neste período morei na casa de tio Luiz e tia Oswaldith, irmã de meu pai e minha madrinha de crisma.

Hoje tenho a certeza de que fizemos (Edivaldo, Solange e Lídia) a escolha acertada. Após convalidar o meu histórico escolar, conforme disciplina a legislação brasileira, com aulas e provas específicas para cada disciplina referentes ao período que cursei em State College, concluí o 1º ano no final de 1980.

Avançando mais um pouco, eles chegam de volta em meados de 1981, meu pai com o doutorado concluído. Eu terminando o 2º ano, já pensando no vestibular. Eis que no final do ano ocorreram mudanças no processo de preparação do vestibular no Colégio Antonio Vieira, no qual estudava. No mesmo momento, alguns professores que atuavam no 3º ano, com destaque para o processo seletivo vestibular, optaram por fundar um novo estabelecimento, o Colégio Anchieta.

Até hoje não entendo como consegui convencer meu pai a mudar de colégio, deixando uma instituição tradicional de Salvador, onde ele estudou desde o antigo ginásio, e ingressando em uma aposta nova! Sua percepção de mundo, pensando à frente, falou mais alto, permitindo que entendesse a minha realidade. Deu certo! Passei e cursei administração na Escola de Administração de Empresas da Bahia (EAEB), hoje Universidade Salvador (UNIFACS). Vale registrar que a opção da escolha da Instituição de Educação Superior também contou com sua aprovação, posto que, à época, quando da inscrição no vestibular era necessário escolher a EAEB ou a Universidade Federal da Bahia (UFBA). O processo seletivo vestibular era o mesmo!

As experiências em Paris e nos Estados Unidos contribuíram e muito para minha formação como pessoa e atuação profissional. A timidez conti-

nua, porém, há lugar para iniciativas e proposições. Agradeço e reconheço o esforço de meu pai em proporcionar à família essas vivências.

Na década de 80 começo a trabalhar na Secretaria do Planejamento do Estado da Bahia na área de orçamento público, e em 1992 tem início minha atuação na Universidade do Estado da Bahia, nossa UNEB. Em decorrência da vivência no ambiente da universidade como analista técnica, eis que o lado docente desperta na administradora e converso com meu pai sobre a possibilidade de fazer um mestrado. O apoio foi total, principalmente por ter como opção a área de educação. Eu queria conhecer outras realidades, e criar possibilidades de discussões e reflexões menos pragmáticas impostas pela área de administração.

Em 2002 conclui o mestrado, e em 2007 o doutorado também em educação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A atuação na gestão da UNEB como pró-reitora, assessora e chefe de gabinete nos aproximou sobre o tema universidade. Mais recentemente, no exercício da docência na pós-graduação a troca de opinião e participação em bancas de mestrado e doutorado foram incrementadas. Ficou pendente a produção de artigos, pouco escrevemos juntos. Estávamos ainda no começo.

Nas conversas sobre o processo de orientação e o desenvolvimento da pesquisa dos orientados surgiu um ponto em comum, a importância da metodologia no projeto de pesquisa. Conversando com meu pai aprendi a entender a importância da questão problema de pesquisa, tão temida pelos graduandos quando da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e mestrados. A forma de organizar o roteiro de qualquer escrita nasce de uma inquietação, de uma situação que incita o pesquisar. Esta inquietação deve ser traduzida em questão, a qual dará origem ao objetivo geral, estrutura da metodologia e composição da fundamentação teórica.

Aqui compartilho um pouco de experiências e vivências com meu pai, Edivaldo M. Boaventura. Muitas vezes sua vida atribulada não permitiu tantos diálogos, mas com certeza ele sempre estava presente e pronto para orientar, guiar, sempre!!!

Para concluir, acrescento que com ele despertei para o trabalho, o pesquisar, o querer conhecer, a convivência social. Seu legado tem sido fruto de prazerosa pesquisa e tem proporcionado conhecer melhor o pai educador e gestor da educação.

REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. **O Solar Góes Calmon**. Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2004

MATOS, Sérgio. **Um cidadão prestante**: entrevista-biográfica com Edivaldo M. Boaventura. Salvador: Quarteto, 2014,

ROSCILLI, Antonella Rita. Prefácio. In: BOAVENTURA, Edivaldo. **Viagens a Caminho a Saber Salvador**: Quarteto Editora, 2016



⊕ Edivaldo,
o ser humano ⊕

POR SOLANGE DO RÊGO BOAVENTURA

ENQUANTO SER HUMANO, sempre olhando o próximo, o que está a seu lado, o que com ele convive é que Edivaldo se torna o Educador, consequentemente, O Professor. É preciso educar as pessoas (crianças e/ou adultos) para levá-los a enxergar erros e acertos, para levá-los a buscar os caminhos que os conduzirão ao próximo, à construção de um mundo melhor, onde a compreensão dos erros e o estímulo ao acerto os faça procurar ajudar os que cometeram erros a corrigi-los e se reinventarem.

Tornou-se Juiz do Trabalho, atuou em Maragogipe, cidade do interior da Bahia. Em Paris (1964-1965) cursou o Instituto do Planejamento da Educação. Nos Estados Unidos, fez o Doutorado em Administração da Educação na Pennsylvania State University, recebendo o título *Alumni Fellow*, pela sua excepcional contribuição e pessoal interesse na “University’s Academic Community”. Em Portugal, nos anos 2000, é introduzido na Academia Portuguesa de História. Assim, cada vez mais procurando se preparar para melhor contribuir na formação do jovem brasileiro, volta a sua *Alma Mater*, como se referia à UFBA.

É educando que se ajuda (ou prepara) um povo a construir a sua identidade, a contribuir para a construção de um mundo melhor, para o bem da humanidade.

A sua fé inabalável em Deus, a sua religiosidade, o conduziram nos caminhos da vida.

Sim, ele fez a sua parte. E como a fez! Obrigada, Senhor.



⌘ Agradecimento ⌘

POR DANIEL BOAVENTURA*

MOSCOU, UM QUARTO DE HOTEL. Pela janela a cidade coberta de neve e, ao fundo, o concerto para violoncelo de Bach. Em meus pensamentos, Edivaldo M. Boaventura, meu pai, que havia nos deixado em agosto de 2018. Ele adoraria estar aqui. Seguramente, seriam dias falando sobre czares, a vida e obra de Tchaikovsky, Dostoiévsky, o papel de Stalin na Segunda Guerra Mundial... Ele era assim: o homem mais bondoso, religioso, altruísta, culto e inteligente que conheci; um educador inigualável, dotado de grande saber e imensurável vontade de ensinar, de transmitir conhecimento, com uma incansável predisposição para ajudar o outro, o que, de fato, fez com muitos, incluindo este filho aqui.

Lembro-me, com inevitável saudosismo e carinho, do meu primeiro estúdio de ensaio: um quarto estreito ao fundo da garagem na casa em que morávamos no bairro da Federação, em Salvador-BA, nos idos da década de 1980. Meu pai me ajudou a montá-lo: cedeu o espaço, comprou material acústico e me deu meu primeiro sax (que uso até hoje). Foi lá que minha banda ensaiou de sexta a domingo, várias horas, diariamente, por anos.

Sem apoio, sem alguém para ter fé em você, as probabilidades de êxito na vida diminuem e tudo fica muito mais difícil, por mais que haja foco, esforço, coragem, estudo e muitos outros predicados. O *Projeto Daniel Boaventura en vivo en Moscú: From Russia with Love* é um exemplo disso!

Obrigado, mãe. Você é tudo para mim. Obrigado por suas preces e sua fé no seu filho. Minhas filhas que são minha vida, Joana e Isabela. Maria Netto, por estar e acreditar sempre. Minha querida irmã Lídia e meu irmão amado Pedro Augusto, *in memoriam*. E por fim, meu pai amado Edivaldo Boaventura, *in memoriam*. Este é para você, pai. Te amo.

*Texto adaptado do DVD Daniel Boaventura en vivo en Moscú: From Russia with Love. Sony Music, 2019

Iconografia de algumas homenagens

FOTOS ACERVO ACB



Edivaldo Boaventura recebendo o Prêmio Alumiuni Fellow das mãos do reitor Bryce Jordan, da The Pennsylvania State University (04/04/1990)



Posse na Academia de Letras da Bahia - recebendo o colar das mãos do professor José Calasans (1971)



Diploma Conselho Estadual da Educação – CEE/BA (2019)



**Diploma Título Doutor Honoris Causa
da Universidade do Estado da Bahia (2012)**



**Diploma Título Doutor Honoris Causa
da Universidade Federal da Bahia (2006)**



**The Alumni Fellows Award -
The Pennsylvania State University (1980-1981)**

*Este livro foi publicado no formato 158 x 225 mm,
utilizando a família tipográfica Minion Pro.
Miolo em papel offset, 90 g/m², e capa em Duo Design Imune 250 g/m²
Impresso na Empresa Gráfica da Bahia. Tiragem de 400 exemplares*

Salvador, Bahia, 2020